



FUNDAÇÃO
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
MATO GROSSO DO SUL

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS FRONTEIRIÇOS
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL**



ISADORA SIGARINI DE MORAES

**MIGRANTES PENDULARES E O SOFRIMENTO:
TRAJETÓRIAS E VIVÊNCIAS DE TRABALHADORES
INFORMAIS NA FRONTEIRA EM CORUMBÁ, MS, BRASIL**

**CORUMBÁ - MS
2023**

ISADORA SIGARINI DE MORAES

**MIGRANTES PENDULARES E O SOFRIMENTO:
TRAJETÓRIAS E VIVÊNCIAS DE TRABALHADORES
INFORMAIS NA FRONTEIRA EM CORUMBÁ, MS, BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Interdisciplinar e Profissional em Estudos Fronteiriços da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, como requisito final para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Ocupação e Identidades Fronteiriças.

Orientador: Marco Aurélio Machado de Oliveira.

Coorientadora: Vanessa Catherina Neumann Figueiredo.

**CORUMBÁ - MS
2023**

ISADORA SIGARINI DE MORAES

**MIGRANTES PENDULARES E O SOFRIMENTO:
TRAJETÓRIAS E VIVÊNCIAS DE TRABALHADORES
INFORMAIS NA FRONTEIRA EM CORUMBÁ, MS, BRASIL**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Interdisciplinar e Profissional do Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços, da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, como requisito final para obtenção do título de Mestre. Aprovada em Corumbá, MS, Brasil em ____/____/____, com Conceito ____.

Isadora Sigarini de Moraes

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profº. Drº. Marco Aurelio Machado de Oliveira
(Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)

Coorientadora: Profª. Drª. Vanessa Catherina Neumann Figueiredo.
(Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)

1ª avaliadora: Profª. Drª. Andrea Pujol, membro externo.
(Universidad Nacional de Córdoba)

2º avaliador: Profº. Drº. Edgar Aparecido da Costa, membro interno.
(Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)

Eu, que agora vivo aqui, onde mora a fronteira e com todo o amor (“o segredo da vida”) que há em mim, dedico esta pesquisa aos **seres fronteiriços pendulares** que, apesar de tudo, diariamente e até várias vezes por dia, cruzam a fronteira em busca de oportunidades para se viver melhor em um mundo de injustiças e xenofobia, pois, conforme as palavras de um migrante que passou por um centro de detenção: “a Terra não é minha, não é de vocês. Não pertence a Obama ou a Berlusconi, a Terra pertence a todos. Se eu quero respirar oxigênio italiano, eu respiro oxigênio italiano. Se eu quero respirar aquele canadense, eu respiro aquele canadense”. (MEZZADRA, 2015).

AGRADECIMENTOS

Gratidão é o mínimo que posso expressar, por isso eu sou extremamente grata a Deus, aos Santos, Anjos e aos Orixás, a Espiritualidade, ao Universo e ao Destino pelo cuidado que têm comigo nessa vida e me levar por caminhos que culminaram nessa oportunidade de crescimento profissional, e obviamente pessoal e espiritual que este mestrado e esta pesquisa trouxeram a mim, e como o conhecimento afeta toda uma rede toda de pessoas, a todos que me rodeiam.

Agradeço a instituição pública de ensino, Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul que mantém as portas abertas na fronteira, para a fronteira e aos seres fronteiriços.

Agradeço a Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado do Mato Grosso do Sul (FUNDECT), pelo apoio financeiro (TO 131/2022).

Agradeço principalmente aos seres fronteiriços pendulares que são trabalhadores informais com seu lugar enquanto espaço de pertencimento e reconhecimento frequentemente invadido e marcado por contatos breves e pragmáticos, que trabalham de sol a sol, que dão cor e vida a esta fronteira, que sentem, que suam, que sofrem e se regozijam na esperança de um mundo igual para todos, sem vocês este estudo não teria sentido, e essa região viva e singular, cheia de histórias, amor, trajetórias e vivências, não existiria e não nos ensinaria tanto. Pelo tempo cedido, pelas falas e pela sinceridade, por me permitir ouvir e sentir com vocês um pouquinho da pendularidade.

Agradeço a toda minha família, a todos os meus ancestrais, eu sou feita de vocês, das suas lutas e das suas vitórias, dos seus amores e dos seus desejos, das suas sabedorias e das suas felicidades, dos seus encontros e desencontros, das suas histórias e das suas dores.

Agradeço aos meus pais que investiram tudo, o possível e o impossível, na minha educação, que se deixaram de lado muitas vezes, que não realizaram alguns sonhos para que pudessem me proporcionar e vivenciar o valor do conhecimento, que educaram centenas de crianças e jovens, que mesmo aposentados ensinam e educam a minha criança e as da minha irmã que correm por aí e nos exigem vivenciar milhões de desafios e novas maneiras viver, que nunca perderam a fé, mesmo frente a dureza da vida, dos momentos de tristeza e frente às enfermidades que nos atingiram, que não se endureceram e me amam com cada vez mais amor, que são meu esteio, minha fortaleza, que não me deixam desistir, que lutam comigo, que me amparam, me guiam e me sustentam. Obrigada por me darem tanto amor, tanto cuidado! Eu amo vocês, loucamente!

A pessoa que me deu à luz, que me colocou no mundo, ao meu filho, e eu apenas consigo sentir gratidão, agradeço a você que me faz presenciar o divino, a minha revolução, o meu paradoxo, o meu mais louco desafio, a minha razão e escolha de continuar viva e ser melhor, o meu Bem.

Sou grata a minha irmã Ana Isa que sempre esteve comigo, mesmo longe, mesmo em meio a turbilhões, que me deu os meus sobrinhos Flor e Rafinha, que trouxeram gás e força para nossa vida, que passaram por quilômetros de desafios e me mostraram que família é o amor que nos impulsiona.

Agradeço a minha irmã Yoná que sempre colocou meus pés no chão e me deu a leveza para viver uma vida cheia de esperanças, que devolveu a alegria para nossa família com a Manu e o Biel nos tempos nublados, que em meio a furacões tem a palavra certa e o ombro mais compreensivo.

Agradeço ao meu amado esposo, que caminhou comigo, de mãos dadas e coração entrelaçado, que muitas vezes enxergou o que eu não conseguia ver, entendeu o que eu nem conseguia ouvir, que por diversas vezes acendeu a luz na minha escuridão e me mostrou o caminho que pode ser tortuoso e cheio de obstáculos, mas não só me impulsionou a seguir como segue juntinho comigo e me mostra que vida fronteiriça é muito melhor se for compartilhada com amor e atenção.

Agradeço ao filho que a vida me escolheu para compartilhar a família, me deu a oportunidade de ser mãe de dois meninos cheios de pensamentos, opiniões e vivacidade. Ao Nickolas, que me fez uma mãe nova e forte e por me ensinar estar à frente de desafios que me impulsionam a seguir e ser melhor para buscar um mundo melhor.

Agradeço ao meu querido orientador Prof. Dr. Marco Aurélio, que mais que asas, me deu seu tempo, seu olhar, seu cuidado, pelas reuniões de orientação que por muitas vezes foram terapêuticas e me ajudaram a seguir, a continuar vivendo. Obrigada por salvar minha vida, algumas vezes, com a amizade, com tantas palavras edificantes e cuidado humano, pela paciência, pelo zelo, pela família, pela Jessica e pelo Francisco.

Agradeço à minha gigante coorientadora, Prof^a. Dr^a. Vanessa Catherina, mulher que com todo cuidado, amor e risadas cheias de alegria, dispensados a mim, causou uma revolução e me fez uma nova pessoa, que me mostrou a fortaleza de ser mulher, que me carregou no colo em alguns ensinamentos e que me ouviu da forma mais doce, que não poupou tempo e esforços a mim e a nossa pesquisa. Obrigada!

Agradeço aos membros da banca de qualificação Prof^a. Dr^a. Andrea Pujol e Prof^o. Dr^o. Edgar Aparecido da Costa, que leram e me ouviram, que cuidaram ao dar suas contribuições de

maneira tão humana e responsável, que fizeram dessas avaliações momentos prazerosos e oportunidade de crescimento. Obrigada por dividir comigo os conhecimentos e a humanidade.

Obrigada aos meus professores e colegas, que estiveram comigo nessa montanha russa de emoções que foi o mestrado, por marcarem a minha vida com tanta ajuda e empatia, por caminhar junto, por sonhar, por escrever, por dividir artigos e trabalhos, por demonstrarem a fragilidade de vocês e acolherem as minhas, por tanta humanidade ao falarmos sobre seres fronteiriços. Obrigada Gilmar e Márcio pela parceria e pela troca! Obrigada Wania pela esperança e fé demonstrada em cada conversa que tivemos! Por tudo que me ajudou a continuar aqui e querer mais, obrigada!

Agradeço às amigas Maiara e Viviana pelo incentivo, pela vida, pelos ouvidos, pelos abraços, pelas angústias amenizadas com tanto amor, eu sigo porque vocês seguem!

E ainda, me inspirando na cantora Anitta que fez seu agradecimento no Rock in Rio 2022 dizendo “hoje eu queria muito agradecer a mim porque eu não desisti”. Eu também agradeço a mim mesma por ter continuado, por ter acreditado.

Isadora Sigarini de Moraes

MORAES, Isadora Sigarini. MIGRANTES PENDULARES E O SOFRIMENTO: TRAJETÓRIAS E VIVÊNCIAS DE TRABALHADORES INFORMAIS NA FRONTEIRA EM CORUMBÁ, MS, BRASIL. 138p. 2023. Dissertação de Mestrado (Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu em Nível de Mestrado em Estudos Fronteiriços, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal, Corumbá, MS).

RESUMO

Esta dissertação é fruto de indagações que surgiram a partir de um trabalho de observação *in loco*, do ir e vir, do trânsito e deslocamento de pessoas que atravessam o território fronteiriço para trabalhar e nos levou a refletir sobre a polissemia da fronteira, tendo como cenário deste estudo, a cidade de Corumbá, no oeste do Estado de Mato Grosso do Sul, situada na fronteira do Brasil com a Bolívia, localizada no centro do continente sul-americano, possui notável influência histórica nas migrações internacionais, sendo porta de entrada importante para diversas nacionalidades, mas onde investigamos especificamente o movimento pendular muito particular realizado pelos cidadãos bolivianos. Nossas pesquisas foram guiadas e balizadas por conceitos que ainda são escassos quando aplicados ao movimento migratório particular que se dá nesta região de fronteira e como o ser migrante que pendula e que trabalha de maneira informal em Corumbá lida com as condições que lhe são impostas. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é compreender as trajetórias e vivências de prazer e sofrimento de trabalhadores informais na cidade fronteiriça de Corumbá, MS, Brasil, caracterizar o processo de trabalho informal nos aspectos relativos às condições de trabalho, organização do trabalho, relações socioprofissionais, sentimentos relacionados ao trabalho e estratégia defensiva utilizadas em um espaço permeado pela fronteira, bem como identificar aspectos e sinais de sofrimento patogênico nos trabalhadores informais e assim contribuir para dar visibilidade a esses indivíduos que estão à margem da formalidade do trabalho e muitas vezes invisíveis ao poder público. Metodologicamente trata-se de uma pesquisa compreensiva de abordagem prioritariamente qualitativa, em que os aspectos quantitativos, neste momento, são apenas descritivos. O estudo teve como etapas a revisão bibliográfica, momento em que foram levantadas algumas categorias como fronteira, migração pendular, trabalho, informalidade e escuta qualificada. Nosso texto aborda a migração internacional pendular em fronteira, em que analisamos essa tipologia migratória como uma das mais vívidas expressões da assertiva Lia Osório Machado, na qual o limite pertence ao Estado enquanto a fronteira aos povos que a arranjam destacando os territórios que compõem seus movimentos, articulações e estratégias, ao passo que entrevistas e abordagens realizadas com esses migrantes nos sustentaram na articulação entre a episteme do fenômeno e a realidade vivenciada.

Palavras-chave: Fronteira. Movimento Pendular. Trabalhador informal e sofrimento psíquico.

MORAES, Isadora Sigarini. MIGRANTES PENDULARES E O SOFRIMENTO: TRAJETÓRIAS E VIVÊNCIAS DE TRABALHADORES INFORMAIS NA FRONTEIRA EM CORUMBÁ, MS, BRASIL. 138p. 2023. Dissertação de Mestrado (Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu em Nível de Mestrado em Estudos Fronteiriços, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal, Corumbá, MS).

RESUMEN

Esta disertación es el resultado de las indagaciones surgidas a partir de un trabajo de observación in situ, del ir y venir, del tránsito y desplazamiento de personas que atraviesan el territorio fronterizo para trabajar, lo cual nos llevó a reflexionar sobre la polisemia de la frontera. El escenario de este estudio es la ciudad de Corumbá, en el oeste del estado de Mato Grosso do Sul, situada en la frontera entre Brasil y Bolivia, en el centro del continente sudamericano. Esta región ha tenido una notable influencia histórica en las migraciones internacionales, siendo un importante punto de entrada para diversas nacionalidades, pero donde investigamos específicamente el movimiento pendular muy particular realizado por los ciudadanos bolivianos. Nuestras investigaciones fueron guiadas y fundamentadas en conceptos que aún son escasos cuando se aplican al movimiento migratorio particular que se da en esta región fronteriza, y cómo el ser migrante que realiza estos movimientos pendulares y trabaja de manera informal en Corumbá lidia con las condiciones que se le imponen. Por lo tanto, el objetivo de esta investigación es comprender las trayectorias y experiencias de placer y sufrimiento de los trabajadores informales en la ciudad fronteriza de Corumbá, en Brasil. También buscamos caracterizar el proceso de trabajo informal en aspectos relacionados con las condiciones laborales, la organización del trabajo, las relaciones sociolaborales, los sentimientos relacionados con el trabajo y las estrategias defensivas utilizadas en un espacio permeado por la frontera. Además, buscamos identificar aspectos y señales de sufrimiento patológico en los trabajadores informales, con el fin de visibilizar a estos individuos que se encuentran al margen de la formalidad laboral y a menudo son invisibles para las autoridades. Metodológicamente, se trata de una investigación comprensiva con un enfoque principalmente cualitativo, en la cual los aspectos cuantitativos en este momento son solo descriptivos. El estudio constó de una revisión bibliográfica en la que se abordaron categorías como frontera, migración pendular, trabajo, informalidad y escucha cualificada. Nuestro texto aborda la migración internacional pendular en la frontera, analizando esta tipología migratoria como una de las expresiones más vívidas de la afirmación de Lia Osório Machado, en la cual el límite pertenece al Estado mientras que la frontera pertenece a los pueblos que la configuran, destacando los territorios que componen sus movimientos, articulaciones y estrategias. Las entrevistas y aproximaciones realizadas con estos migrantes nos respaldaron en la articulación entre la episteme del fenómeno y la realidad experimentada.

Palabras clave: Frontera. Movimiento Pendular. Trabajador informal y sufrimiento psíquico.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
BRF S.A.	Brasil Foods Sociedade Anônima
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CEREST	Centros de Referência em Saúde do Trabalhador
COVID-19	Coronavírus 2019
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
CNS	Conselho Nacional de Saúde
DPU	Defensoria Pública da União
DORT	Doenças Osteomusculares Relacionadas ao Trabalho
FUNDECT	Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado do Mato Grosso do Sul
ILO	International Labour Organization
ICMS	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
ISS	Imposto Sobre Serviços
JBS S.A.	José Batista Sobrinho Sociedade Anônima
LER	Lesão por esforço repetitivo
MEI	Microempreendedor Individual
MS	Mato Grosso do Sul
OBMIGRA	Observatório das Migrações Internacionais
PDT	Psicodinâmica do Trabalho
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 -	Corumbá, centro dinâmico	p. 22
Figura 02 -	Corumbá, no meio do continente.....	p. 24
Figura 03 -	Condições de trabalho precário	p. 38
Figura 04 -	O movimento pendular	p. 41
Figura 05 -	O cuidado simultâneo com o comércio e com os filhos.....	p. 45
Figura 06 -	Reportagem sobre a presença de imigrantes venezuelanos em MS.....	p. 46
Figura 07 -	Trecho da Rua Edu Rocha onde há um aglomerado de trabalhadores informais.....	p. 63
Figura 08 -	Ambiente mal ventilado e com escassa iluminação.....	p. 86
Figura 09 -	Precariedades no local de trabalho.....	p. 88
Figura 10 -	Trabalhadores informais precisam fazer esforço físico demais.....	p. 89
Figura 11 -	Rodovia Ramon Gomes, BR-262.....	p. 93

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 -	Categorização das verbalizações	p. 83
-------------	---------------------------------------	-------

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 -	Dados sociodemográficos	p. 65
Tabela 02 -	Organização do trabalho	p. 66
Tabela 03 -	Dados de saúde	p. 67
Tabela 04 -	Vivências no trabalho relatadas por imigrantes pendulares	p. 68
Tabela 05 -	Sentimentos no trabalho	p. 69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I - FRONTEIRA E MIGRAÇÃO: ALGUNS APONTAMENTOS	20
CONCEITUAIS	
1.1 Migração internacional pendular em fronteira	20
1.2 Território como produção do espaço fronteiriço	32
CAPÍTULO II - A FRONTEIRA E O TRABALHO INFORMAL	37
2.1 O trabalho informal e a Psicodinâmica do Trabalho	37
2.2 A servidão voluntária e a escuta do sofrimento dos trabalhadores informais.	55
3. EXPLORANDO DADOS: COLETA, ANÁLISE E RESULTADOS	63
3.1 Caracterização dos entrevistados	64
3.2 História de vida e trabalho	70
3.2.1 Puerto Quijarro	70
3.2.2 Santiago de Chiquitos	70
3.2.3 Santa Cruz	71
3.2.4 El Carmen	72
3.2.5 Yacuces	73
3.2.6 Cotoca	74
3.2.7 Cochabamba	75
3.2.8 Oruro	75
3.2.9 Sucre	76
3.2.10 Cobija.....	77
3.2.11 Tarija	78
3.2.12 Potosí	78
3.2.13 Samaipata	79
3.2.14 Montacucito	81
3.2.15 Puerto Suárez	81
3.3 Proposta de categorização das entrevistas	82
3.3.1 Condições de trabalho	86
3.3.2 Organização do trabalho	90
3.3.3 Relações socioprofissionais	96
3.3.4 Sentimentos relacionados ao trabalho	101

3.3.5 Estratégias Defensivas.....	102
4. PROPOSTA DE AÇÃO	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	112
ANEXO	124
Anexo A - Parecer consubstanciado do CEP de aprovação	124
APÊNDICES	128
Apêndice A - Termo de consentimento livre e esclarecido	128
Apêndice B - Questionário sociodemográfico	131
Apêndice C - Roteiro de entrevista semiestruturada	132
Apêndice D - Informativo ao trabalhador informal	134
Apêndice E - Informativo ao trabalhador do CEREST	135

INTRODUÇÃO

O Programa de Pós-Graduação Mestrado Interdisciplinar e Profissional em Estudos Fronteiriços da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, busca aprofundar o conhecimento acerca da fronteira por meio de pesquisas e ações, visando a aplicação dos resultados dos estudos na região, a fim de construir um ambiente de mútua colaboração e com qualidade de vida para os seres fronteiriços e migrantes, visto que é isso que o conhecimento faz, liberta e cria oportunidades.

A minha caminhada para o ingresso neste ambiente de estudos foi construída muitos anos antes do próprio ato de me inscrever no processo de seleção, a partir de algumas etapas muito importantes na minha construção. Começou em 2007, quando em Dourados-MS, cidade inserida em uma região de reserva indígena, pude me formar em enfermagem e estagiar em centros de saúde que recebiam a demanda dessa população. Particularidade que me colocou frente a situações em que a humanização era a parte dominante da terapêutica. Após a minha formação em saúde pública, pude trabalhar em um hospital público no subúrbio do Rio de Janeiro-RJ, local onde o atendimento de saúde era majoritariamente a população das favelas e comunidades e a extrema pobreza imperava. Ali era a humanização a principal ferramenta para o cuidado. Dessa forma, as minhas formações contribuíram e possibilitaram a minha sensibilização e humanização para com os seres.

Essa sensibilização foi o combustível que impulsionou a minha trajetória rumo ao Mestrado em Estudos Fronteiriços, que começou em 2017, quando iniciei a faculdade de medicina na fronteira e, assim, a minha ainda desconhecida condição de migrante pendular se tornou real. Ao deixar de lado pressupostos, preconceitos e observar o viver a vida na fronteira, a inquietude dos meus pensamentos se tornou um objetivo, o de entender o movimento migratório realizado pelos migrantes que vivem a pendularidade devido ao trabalho informal que realizam no Brasil e em como isso poderia afetar a saúde mental.

Já que para mim, que atravessava a fronteira todos os dias, confortavelmente, em uma condição privilegiada, já existia o medo diante das revistas policiais, da estrada perigosa, das intempéries, do preconceito e xenofobia, da diferença de idioma e cultural.

O contexto sociocultural e o ambiente em que está imerso o mestrado, proporciona a vivência e atualização constante do conhecimento e pensamentos a respeito das fronteiras e das questões migratórias, dessa forma já inserida nos estudos do programa pude amadurecer, já que como nos escreve Aguilar (2021):

O Mestrado proporcionou conhecimento, aprofundamento teórico e científico, aliado ao entendimento de que a presença destes sujeitos acarreta situações transformadoras nos ambientes e nas relações, a começar pela ampliação do entendimento de fronteira, seus sentidos simbólico e imaginário, que dão contornos mais complexos e ultrapassam as linhas demarcatórias. (AGUILAR, 2021, p.13).

As duas orientações que recebi possibilitaram, de maneira construtiva, o acesso a pontos de vista essenciais à interdisciplinaridade, permitindo a compreensão da dura realidade da invisibilidade dos migrantes e das questões psicológicas que assolavam os migrantes. Assim, as orientações proporcionaram e continuam contribuindo para a expansão do conhecimento acerca das trajetórias e vivências dos migrantes pendulares que vivem a informalidade no mundo do trabalho, e percebi que correlacionar essas áreas traz à pesquisa não só resultados abrangentes, mas reais e necessários para a qualidade de vida dos seres.

Absorver procedimentos metodológicos expostos pelas disciplinas cursadas e interagir com aspectos que colaboraram para o contextualizar das relações cotidianas que abrangem a temática do trabalhador informal e imigrante. Passar e repassar a fronteira em veículos precários e lotados de produtos destinados ao comércio faz parte da vivência fronteiriça, em que os imigrantes pendulares se veem a riscos e vulnerabilidades, como revistas policiais e abusos de autoridades, ao se colocarem ao longo da rodovia para se deslocar até o trabalho e no retorno para casa ao longo dos cerca de 5 quilômetros da BR-262, rodovia Ramon Gomes.

Esta dissertação é fruto de indagações que surgiram a partir de um trabalho de observação *in loco*, do ir e vir, do trânsito e deslocamento de pessoas que atravessam o território fronteiriço para trabalhar e nos levou a refletir sobre a polissemia da fronteira, tendo como cenário deste estudo, a cidade de Corumbá, no oeste do Estado de Mato Grosso do Sul, situada na fronteira do Brasil com a Bolívia, localizada no centro do continente sul-americano.

Esta região possui uma notável influência histórica nas migrações internacionais, sendo porta de entrada importante para diversas nacionalidades, mas onde investigamos especificamente o movimento pendular muito particular realizado por estes cidadãos bolivianos. A cidade de Corumbá, localizada nesta robusta fronteira, exerce posição central, uma vez que os deslocamentos pendulares são frequentes e em via de mão dupla. (OLIVEIRA; MARINI; LOIO, 2018).

No contexto deste estudo, destaca-se a presença predominante de bolivianos entre os trabalhadores pendulares nessa região fronteiriça, embora brasileiros, peruanos, colombianos, nigerianos, chilenos e argentinos que residem na Bolívia também participem desse processo, juntamente com brasileiros, bolivianos e paraguaios que vivem no lado brasileiro, por meio dos

levantamentos conduzidos por Oliveira, Almeida e Aguilar (2020) junto a várias instituições da cidade, conseguiram identificar mais de 20 nacionalidades que atualmente habitam em Corumbá.

Além da presença marcante dos trabalhadores pendulares, é possível observar um fluxo intenso e regular de migrantes internacionais em trânsito. Historicamente, os bolivianos têm sido os mais numerosos nesse fluxo (SILVA, 2006), no entanto, outras nacionalidades também utilizam essa fronteira para ingressar no território brasileiro, como nigerianos, ganenses, camaroneses, entre outros exemplos.

Nossas pesquisas foram guiadas e balizadas por conceitos que ainda são escassos quando aplicados ao movimento migratório particular que se dá nesta região de fronteira e como o ser migrante que pendula e que trabalha de maneira informal na cidade de Corumbá lida com as condições que lhe são impostas. Não tivemos acesso a literaturas que nos possibilitassem entender e que abrangessem o movimento migratório destacado neste estudo, principalmente relacionado ao trabalhador informal que é indocumentado em sua maioria e assim, precarizado, invisível, vulnerável, mas encaramos a revisão bibliográfica não como uma simples compilação de referências, mas sim uma análise minuciosa dos elementos essenciais que compõem os conceitos e parâmetros relacionados à fronteira e a migração internacional.

Este estudo abarca como temas centrais a fronteira, as vivências e trajetórias dos migrantes pendulares que são trabalhadores informais. Para a preparação da pesquisa tivemos acesso a diversos autores que conceituam esses eixos para que conseguíssemos cumprir, assim, o objetivo geral desta pesquisa é compreender as trajetórias e vivências de prazer e sofrimento de trabalhadores informais na cidade fronteiriça de Corumbá, MS, Brasil.

Para isso, o estudo tem como objetivos específicos caracterizar o processo de trabalho informal nos aspectos relativos às condições de trabalho, organização do trabalho, relações socioprofissionais, sentimentos relacionados ao trabalho e estratégia defensiva utilizadas em um espaço permeado pela fronteira, bem como identificar aspectos e sinais de sofrimento patogênico nos trabalhadores informais.

A metodologia realizada, é uma pesquisa compreensiva de abordagem prioritariamente qualitativa, em que os aspectos quantitativos, neste momento, são apenas descritivos, junto aos comerciantes informais que são migrantes pendulares e trabalham na cidade Corumbá, Mato Grosso do Sul.

O estudo teve como etapas a revisão bibliográfica, momento em que foram levantadas algumas categorias como fronteira, trabalho e informalidade (OLIVEIRA, 2019; LOIO, 2018; DEJOURS, 2000; PUJOL, 2019), assim como a pesquisa de campo em que foi realizada a

aplicação de um questionário sociodemográfico visando quantificar as horas de trabalho, idade, comorbidades, número de filhos, e de uma entrevista semiestruturada, a fim de entender a vivência do trabalhador e as possíveis situações que possam levar ao sofrimento psíquico no contexto ocupacional informal em área de fronteira.

O local do estudo foi na Rua Edu Rocha na cidade de Corumbá, MS, Brasil, lugar onde se localiza um aglomerado de comerciantes informais. Para a obtenção de uma amostragem não probabilística por conveniência, os comerciantes informais foram convidados a participar de forma voluntária, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os critérios para a seleção dos trabalhadores foram ter mais de 18 anos, morar na fronteira, realizar o trabalho informal como comerciante, não possuir registro em carteira de trabalho, ser dono do local ou empregado. Todos os participantes enquadrados nos critérios de inclusão foram convidados a participar voluntariamente da pesquisa, mediante assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, conforme as normas vigentes proclamadas pelas Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Conforme Vinuto (2014), as dificuldades para recrutar a amostragem são relativas às populações com poucos membros ou cujos indivíduos estão espalhados por uma grande área, além de serem estigmatizados. Nesse sentido, se encaixam os trabalhadores migrantes que realizam funções informais, visto que são invisíveis aos direitos trabalhistas, tidos como uma classe inferior. (SALADINI, 2011). Há também a hipótese de que os trabalhadores informais acreditam que o estudo irá funcionar como meio de denúncia, e acabam temendo sanções, por isso muitas vezes não aceitam participar.

Por isso, os participantes foram recrutados e selecionados por meio da técnica metodológica Bola de Neve ou *SnowBall*, que segundo Bernard (2005) mostra-se útil para estudos com populações de difícil acesso ou quando não há precisão de sua quantidade. Para se chegar a uma amostragem satisfatória, utiliza-se as cadeias de referências, primeiramente não é determinado o número exato de participantes, mas sim ao decorrer do estudo. Com um informante chave que trabalha no local determinado e é trabalhador informal, foi realizada a abordagem inicial por meio de um contato direto e pessoal com a pesquisadora, explicando o estudo e realizando o convite para participar da pesquisa, depois de sua entrevista realizada ele indicou comerciantes conhecidos, os quais acreditava que gostariam de compartilhar suas experiências.

Posteriormente, solicitou-se que as pessoas indicadas pelo informante chave, caso soubessem e pudessem, indicar novos contatos com as características desejadas, a partir da

própria rede pessoal e dessa forma o quadro de amostragem aumentou, até chegar a um número satisfatório, em que os conteúdos começaram a se repetir nas entrevistas, saturando a amostra.

O período que compreendeu as entrevistas foram os meses de julho e agosto de 2022. O local de realização das mesmas foi o espaço de trabalho de cada participante. A pesquisadora foi ao encontro dos participantes para que houvesse maior comodidade para eles e realizou as entrevistas no meio da manhã e no meio da tarde, a fim de não comprometer o dia de trabalho dos comerciantes, visto que eles próprios relataram que o movimento é menor neste período de tempo, sendo no fim da manhã e no fim da tarde o maior movimento, momento em que as pessoas estão saindo do trabalho e realizam suas compras.

Cada entrevista teve a duração média de uma hora, foram presenciais, áudio gravadas e realizamos aproximações que envolveram a captação de percepções, ideias e sentimentos, tanto dos proprietários quanto dos funcionários, visando compreender suas experiências. Para tanto, utilizou-se um aparelho celular a fim de possibilitar a posterior transcrição e análise, com aceitação prévia e assinatura no TCLE. Foi esclarecido que durante as gravações haveria o cuidado das duas partes para que não fosse dito nenhum nome específico de qualquer sujeito, para que não houvesse nenhuma forma de identificação. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (CEP/UFMS), sendo aprovada (ANEXO). Após aprovação foi feita a coleta de dados, cedidas informações éticas e garantidos o sigilo das informações fornecidas.

A grandeza de trabalhar com conceitos tão complexas de análise, ao mesmo tempo, como a fronteira, a migração, o trabalho, a escuta qualificada e o sofrimento, reside na profundidade e amplitude que envolvem essas categorias, já que são uma interseção de fatores sociais, econômicos, políticos e emocionais, que exigem abordagem interdisciplinar para uma compreensão abrangente. Estudá-las de forma interligada nos permite desvendar as interações e os impactos mútuos, bem como, compreender melhor as estruturas sociais, identificar desafios e buscar soluções mais abrangentes e inclusivas.

Trabalhar com essas categorias nos desafiou e permitiu contribuir para uma análise crítica e transformadora do mundo ao nosso redor, ao passo que foi ser sensível e holística, para escutar as experiências individuais e coletivas. Por isso, o desafio de escrever esta dissertação foi um paradoxo, foi duro e lindo, enriquecedor e ao mesmo tempo me entristeceu, engrandeceu e apequenou. Diante da vida desses imigrantes pendulares que trabalham informalmente há sofrimento sem dúvidas, mas aprendi o significado de resiliência, não aquela romantizada, mas aquela que faz crescer diante das adversidades, mantendo a esperança e buscando soluções.

Este estudo está dividido em dois capítulos. No capítulo I, abordamos a fronteira a partir de sua conceituação distintamente a dos limites, procuramos nos afastar das narrativas em que a fronteira é considerada apenas como um espaço de trânsito em direção às grandes cidades, levantamos problemas políticos administrativos que permeiam o ambiente fronteiriço, apontando a insuficiência ou ineficácia de políticas públicas específicas para essa região. Apresentamos a dinâmica fronteiriça no Estado de Mato Grosso do Sul, especificamente a fronteira do Brasil com a Bolívia em Corumbá, MS, palco de nossa pesquisa e das migrações internacionais que ali ocorrem, ainda, aprofundamos as discussões sobre a fronteira que nos dedicamos a estudar nesta pesquisa. Destacamos a necessidade de debater a respeito das tipologias das migrações internacionais em fronteira e a necessidade de atualizações em seus escopos, especialmente, quando lançamos o reconhecimento dos migrantes internacionais pendulares.

Finalizando, no capítulo II, trazemos uma abordagem a respeito da psicodinâmica do trabalho envolvida no estudo, já que os imigrantes pendulares desenvolvem na cidade uma forma de trabalho informal. Ainda, apresentamos os resultados de nossa pesquisa realizada junto aos trabalhadores informais que são migrantes pendulares e são comerciantes na cidade Corumbá, a respeito do local de moradia, meios de transportes, tempo de serviço, a vida nesta fronteira que permite morar na Bolívia e trabalhar no Brasil.

CAPÍTULO I - FRONTEIRA E MIGRAÇÃO: ALGUNS APONTAMENTOS CONCEITUAIS

Neste capítulo apresentamos uma discussão a partir dos conceitos sobre fronteira, enfatizando os trabalhadores informais que vivem um movimento migratório muito particular desta região que é específica e possuidora de dinâmicas próprias. Destacando e colocando à luz a necessidade do debate a respeito das definições que se tem sobre as migrações internacionais, principalmente no ambiente da fronteira em estudo.

1.1 Migração internacional pendular em fronteira

Sendo uma comunidade que vive um contexto marcado por uma fronteira seca e de curta distância, complexa, assimétrica, heterogênea, permeável com manchas de impermeabilidade, dentre tanto é necessário precisar conceitos.

Em concordância com Alonso (2009, 2016) que defende a necessidade de conceituar as categorias do movimento nas fronteiras para repensar as experiências migratórias em micro espaços socioculturais e buscando analisar a fronteira como “*complejos sistemas de filtración y diferenciación, en vez de rígidos contenedores territoriales o restos existentes de un pasado*”. (HEYMAN, 2011, p. 81).

Entende-se que diversos estudos, inclusive os nossos no âmbito do Observatório Fronteiriço das Migrações Internacionais (MIGRAFRON), têm apontado para a questão migratória internacional em fronteira como resultante de escalas locais e globalizadas.

Pois os deslocamentos populacionais são realidade em todo o planeta. As dinâmicas e movimentos migratórios atravessam os tempos e os limites territoriais, bem como os Estados e suas leis, produzindo uma área viva e distinta com inúmeros processos culturais, sociais e econômicos em curso.

Sempre e a todo momento a realidade estável ocorre simultaneamente com a necessidade de grupos estarem passando por êxodo, diáspora e desenraizamento. A contemporaneidade aponta que os migrantes são exemplos de troca social e cultural, como comunidade se reproduzem mesclando a espécie. Os que se movem pelo mundo com seus refúgios físicos e mentais, “são pontos de conexão entre as nacionalidades, as de origem, as de passagem e as do novo destino”. (FREITAS, 2022, p. 09).

Entendemos que esse fenômeno seja formado por um complexo mosaico motivacional, reativo e estratégico composto de elementos muito diversos que não se limitam aos motivos da

saída e às formas de chegada. Da mesma forma, pensamos que a busca pela sua compreensão não pode estar circunscrita às investigações a respeito das formas como as sociedades de origem e de destino se comportam perante os fluxos. Há mais que isso para ser analisado e reconsiderado como parâmetro conceitual e metodológico, como, por exemplo, os redimensionamentos das importâncias que as fronteiras têm nesse processo, uma vez que ela é, ao mesmo tempo, origem, destino e trânsito. E, por estarem inseridas naquelas escalas, tanto migração internacional quanto fronteira, principalmente, se estiverem em intersecções, carecem de atualizações conceituais e, portanto, de procedimentos metodológicos.

Entendemos que a faixa de fronteira é um lugar por onde a vida se desenvolve, uma vez que as pessoas não apenas cruzam a linha de fronteira, elas também vivem esse território, onde trabalham, exercem sua subjetividade, estudam, crescem, passam por perdas. Não é, portanto, um simples atravessar, é viver todos os dias as consequências desse atravessamento que podem ser negativas, mas que podem ser extremamente positivas também. Lidar todos os dias com a insegurança nos caminhos, como a xenofobia, e, por outro lado, para poder exercer um trabalho ou estudar em outro país, buscando oportunidades de melhoria de vida para si e os seus. (PÊGO *et al.*, 2021).

Porém, ao cruzar o limite de seu país, esse indivíduo se torna um migrante e ao retornar diariamente, depois do seu dia de estudo ou trabalho, ou várias vezes dentro de um mesmo dia, é pendular. A migração, quando ocorre por todos os motivos que não o turismo, é carregada de tores pejorativos, por isso, a temática entre fronteira e migração internacional exige cuidadosos passos, visto que são categorias contaminadas pelo senso comum, são marginalizadas, invisibilizadas.

Assim, por cruzar o limite rotineiramente para exercer suas funções de trabalho ou estudo são migrantes, e ao retornar são pendulares, condição ainda mais marginalizada e precarizada. Isso devido ao fato de que se submetem a diversas situações que degradam o ser humano como sujeito, como abuso das autoridades locais de fiscalização, a existência de processos corruptos, dificuldades burocráticas para sua documentação legal. Por serem contratados sem regulamentação, já que são indocumentados, recebem baixos salários, enfrentam contextos laborais abusivos e insalubres, não contam fator previdenciário. Além disso, as altas mensalidades das universidades e a alta do dólar que faz flutuar o valor das moedas gera incertezas. Por todos esses motivos, a vida do migrante pendular internacional é mais vulnerável e está exposta a diversas inseguranças.

Assim, De Hass (2010) esclarece que é preciso estabelecer conceitos teóricos depurados para conseguir abraçar as complexidades e interações dos movimentos migratórios,

principalmente os realizados em região de fronteira. A elaboração destes conceitos não deve se limitar dentro do empírico, dentro da contaminação das ideias espalhadas pelo senso comum e nem na vaga concepção relativa de que tudo “é local e singular”. (DE HASS, 2010, p. 240).

O movimento pendular é vivo e, por isso, um dos tipos de migração internacional mais complexos e carente de estudos. O cotidiano desses sujeitos migrantes está relacionado às particularidades desse pêndulo, imersão e emersão de seu país e do vizinho que ocorrerem em via múltipla, ligado ao movimento circular e suas consequências. Relacionado a isso, Oliveira e Loio (2019) esclarecem que:

É necessária uma espécie de cartografia das migrações que não encontre na fronteira sua única circunscrição, o que alargaria sua trajetória e reconheceria algo muito mais amplo do que o “local” e o “singular”. (OLIVEIRA; LOIO, 2019, p. 57).

Dessa forma, a existência das redes no local de destino é um apoio importante que transpassa o espaço fronteiriço, já que pode consistir no reconhecimento de vínculos com o local de origem e facilitar o lidar dessas pessoas com toda a precariedade que migra junto com o migrante. O movimento pendular em fronteira se trata de um fenômeno em que a questão do movimento é inerente à da mobilidade (OLIVEIRA; LOIO, 2019) e ocasionada por necessidades, desloca-se para obter o acesso à saúde, à educação e ao trabalho.

É de suma importância que a região de fronteira seja reconhecida como um espaço de interação, já que entre Corumbá e Ladário no Estado de Mato Grosso do Sul, Brasil e Puerto Quijarro e Puerto Suárez no Departamento de Santa Cruz, Bolívia existe uma semi conurbação com aproximadamente 170 mil habitantes, tendo Corumbá como seu centro dinâmico, como observado na figura abaixo, onde ocorrem procuras, tanto laborais como relacionadas às demandas de serviços de saúde e educação. (OLIVEIRA; LOIO, 2019).

Figura 01 – Corumbá, centro dinâmico.



Fonte: Google Earth 2022

Pois, nesta região não apenas se atravessa a linha que separa os países, se vive e se mantém uma linha de contatos, fluxos sociais e econômicos, a fronteira não diz respeito somente ao limite, é uma comunidade viva movida por semelhanças e contrastes entre os países. (PÊGO *et al.*, 2021).

Tratando a fronteira como território vivo, moram pessoas que possuem suas vivências e que estabeleceram vínculos e relações, sejam familiares ou profissionais, que superam o limite da divisão territorial nesses arranjos transfronteiriços, por isso a necessidade de se estabelecer uma aproximação profunda entre os governos de países vizinhos. (PÊGO *et al.*, 2021).

Neste sentido, iremos trabalhar com o conceito de migração internacional pendular em fronteira, que por si só impõe algumas revisões, dentre elas: a porosidade na fronteira. Diversos estudos sobre migração internacional em fronteira apontam para a existência de diversidades nas tipologias desse fenômeno, porém ainda estão carecendo de realocações nos apontamentos sobre Estado, fronteira e migração internacional, a começar pelo uso incalculado da expressão porosidade.

Saskia Sassen (2009), assinala que embora a soberania do Estado seja frequentemente entendida como o exercício de um monopólio sobre um dado território, isso tem sofrido mudanças nos últimos tempos. É necessário que entendamos que persiste uma contradição encontrada na dualidade entre as transformações advindas da globalização e a manutenção do Estado como controlador das fronteiras. Exemplo disso é mencionado por Williams (2006), ao observar a força que ainda resiste no Estado como um projeto político, mesmo com todas as inovações na comunicação global, como fibras óticas e feixes de satélite.

Dessa forma, o conceito de porosidade das fronteiras, frequentemente utilizado em estudos, já tão incorporado nesse contexto e observada nas atividades diárias e comuns das sociedades fronteiriças demanda atualizações, pois determina a irrevogável necessidade de se interferir na visão preconceituosa que acompanha os habitantes fronteiriços.

Para se chegar a um amplo conhecimento acerca da fronteira, é fundamental reconhecer a pluralidade, os polissistemas que operam na região fronteiriça, identificar conflitos, questões de saúde e documentação, bem como acesso aos direitos por segmentos sabidamente vulneráveis, como é a população das localidades que existem nas fronteiras (PÊGO *et al.*, 2021), levando em consideração, ainda, que Corumbá, MS, Brasil está localizada no meio do continente (como destacado na figura abaixo).

Figura 02 - Corumbá, no meio do continente.



Fonte: Google Earth

Entendemos que a fronteira possui diversas categorias que são constituintes e variáveis de acordo com sua localização e existência. Dessas categorias, duas lhes dão dinamismo e vigor: mercadorias e pessoas. (OLIVEIRA, 2016). Em ambos os casos, o Estado possui interesse em exercer controle a partir da vigilância do território em que elas se efetivam como internacionais.

Porém, mais uma vez, o alcance de suas medidas não significa consonância com seus propósitos. Isso pode ser verificado em incontáveis exemplos, como Estados Unidos-México, Israel-Palestina ou as fronteiras mediterrâneas. A distinção entre limite e fronteira (MACHADO, 1998) pode auxiliar nessas tarefas a que nos propomos, uma vez que, em seu conceito, o primeiro é um projeto político dos Estados, enquanto o segundo é portador de autonomias das populações que vivem no primeiro. E essas autonomias aparecem fortemente marcadas na questão migratória, o que nos leva a constatação da inexistência de porosidades, mas, sim, de governamentalidades (JARDIM, 2017), pontual e devidamente demarcadas onde as ações do Estado são mais efetivas. Ou seja, o que existem são manchas de presenças estatais, maiores ou menores dependendo de uma série de fatores, gerando impermeabilidades específicas.

Uma das formas mais relevantes de estudar os movimentos migratórios internacionais em fronteira é a partir do reconhecimento e, conseqüentemente, análise das tipologias migratórias que ali se realizam. Não apenas os movimentos se destacam como diversos em fronteira, mas também os motivos para que eles ocorram. Exemplo disso pode ser verificado em estudos sobre matrimônios na Ásia (KIM, 2010). Assim, compreender os movimentos pendulares em território fronteiriço é pensar em sua trajetória histórica de interesses articulados a uma finalidade política. Esse espaço é uma instância onde diversos eventos se manifestam.

Para mencionar os movimentos pendulares na região fronteiriça, nos debruçamos na ideia de uma nova hierarquia urbana. Abandonamos a clássica ideia de poder soberano do Estado, em suas mais variadas formas de controle e vigilância, e nos deparamos com um espaço transformado pelo tempo e historicizado pelo território usado. Entendemos que fronteiras que possuem cidades conurbadas tendem a criar meios que as hierarquizam a partir de centralidades que são estipuladas por diversos motivos como, por exemplo, as ordens de grandeza política e importância entre as nações envolvidas.

Derivam, portanto, de complexos arranjos formulados e atualizados ao longo do tempo e que pensar no início histórico das migrações internacionais pendulares entre Brasil e Bolívia, especificamente na região fronteiriça de Puerto Quijarro e Corumbá, é qualificar o espaço com a presença dos migrantes bolivianos a partir da construção das estruturas operantes do Capital para circulação de produção pela ferrovia que liga Corumbá a Santa Cruz de La Sierra (1939-1954).

Esse movimento transformou o espaço físico, a segunda natureza, e se intensificou com os fluxos migratórios, adquirindo novos arranjos espaciais, novas categorias de análise baseados em formas e funções espaciais. O espaço e sua estrutura se renovam a partir dos novos modos de produção e interesses políticos, daí compreendemos esses movimentos cotidianos, seja para trabalhar, estudar ou acessar os serviços públicos. Os movimentos pendulares internacionais são formas sociais representativas com funções bem definidas que se exterioriza no território.

Assim, o lugar do acontecer solidário que é o território como abrigo. Espaço de vida, de morada e de trabalho, passa por uma nova significação. Dessa forma, toma em consideração determinada área em que,

[...] o espaço de fluxos, tem o papel de integração com níveis econômicos e espaciais mais abrangentes. Tal integração, todavia, é vertical, dependente e alienadora, já que as decisões essenciais concernentes aos processos locais são estranhas ao lugar e obedecem às motivações distantes. (SANTOS, 2001, p. 106-107).

Há que se perceber a existência de crises no pensamento para podermos realizar um dos procedimentos metodológicos mais banalizados em projetos de pesquisa: a revisão bibliográfica. Observa-se, segundo Pêgo *et al.* (2021) que a fronteira é naturalizada como uma área pobre por muitas pessoas, esquecendo-se o ambiente de riquezas e complexidades geradas pelo avanço da mobilidade, espaço onde se realiza uma convivência plural e rica. Uma mistura de povos com diferentes culturas e identidades que compartilham a mesma região.

Devemos estar atentos, também, ao que Sayad nos ensinou a respeito da trajetória do migrante. A qualificação espacial da fronteira deve ser observada como ponto chave na elaboração de um raciocínio a respeito de suas presenças. Neste aspecto, a questão política merece relevância como elemento da interdisciplinaridade.

Em se tratando de junção temática e conceitual de migrantes internacionais e fronteira, a tarefa de realizar análises sobre o tempo e o espaço parece ser uma forma segura de escapar às armadilhas da estrita circunscrição contida na sobreposição de espaço físico adicionado ao tempo cronológico.

Pois, os territórios em construção da fronteira, diante dos interesses do Estado, perdem força que limitam as nacionalidades, as comunidades e o direito ao abrigo, dessa forma, limitam a justiça social e o direito à vida. A dimensão dolorosa dos deslocamentos populacionais serve, nesses casos, às ideologias mais sombrias, às justificativas mais sórdidas acerca da pobreza, da exclusão, enfim, de todos os problemas antes não resolvidos que passam a ter os migrantes como emblema, a representação pública da ameaça externa. (FREITAS, 2022).

O Estado brasileiro possui uma tradição de ser reativo, o que torna mais efetiva a administração das fronteiras a partir do binômio controle e vigilância. Há pluralidades de movimentos migratórios internacionais na fronteira, diversos deles são encontrados em outras regiões dos países. Contudo, alguns são específicos dela, como: os sazonais, que migram em determinadas épocas do ano para trabalhar, principalmente, em plantios e colheitas, os semiretornados, quando nascidos no país vizinho o que moram retornam ao de origem para fazer uso de políticas públicas específicas, como os brasileiros que retornam para estudar e voltam para seus lares diariamente e os pendulares, que iremos tratar mais diretamente agora.

Para a mobilidade pendular há diversas razões, pelas quais não foram registradas pelo Censo Demográfico 2010, como é o caso da pendularidade para o consumo e serviços. Tais dados são de difícil registro pois os responsáveis por realizar essas computações sobre o movimento migratório diário passam por diversas problemáticas, como a inadequação do

transporte público de passageiros (PÊGO et al., 2021), estratégias de invisibilidade que podem ser utilizadas pelos migrantes.

Além da não necessidade de se obter o documento de fronteiroiro ou registro de entrada e saída pela Receita Federal do Brasil e serviço de migração boliviana, já que o cidadão fronteiroiro pela Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017 é qualquer pessoa nacional de país vizinho, que faz fronteira com o país, ou que more em municípios fronteiroiros ao Brasil que conserva a sua residência habitual em município fronteiroiro de país vizinho e podem cruzar a fronteira sem precisar se registrar a si ou seu veículo por até 150 quilômetros, considerado faixa de fronteira no lado brasileiro e para dentro da Bolívia, esta faixa corresponde a 30 quilômetros, como informado por autoridade boliviana.

No relatório do OBMigra de 2019 o movimento majoritário de entrada e saída pelas fronteiras brasileiras é o turismo, seguido dos temporários, pessoas em trânsito, residentes e fronteiroiros, sendo este último inferior aos demais, visto que dizem respeito às migrações de contato, ou seja, movimentos de curta distância entre os municípios brasileiros e dos países vizinhos, nos dois sentidos. (PÊGO et al., 2021).

Na região de fronteira, o fluxo de pessoa e mercadorias etnografado impacta diretamente na economia, na urbanidade e na composição das cidades fronteiroiras envolvidas, bem como representa um importante cenário daquela realidade social (WEBER; SILVA, 2022), essa mobilidade de migração de contato têm um caráter específico e demonstram a interação entre a população fronteiroira que cruzam a linha de fronteira mas não se interiorizam nos países, assim é criada uma área fronteiroira, onde atividades e características de um território e de outro formam uma miscelânea. (PÊGO et al., 2021).

Na fronteira existem diversos tipos de mobilidades aos fluxos de pessoas e mercadoria para entrada ou saída do país, assim como existem controles diferentes desses territórios, alguns possuem equipamentos e pessoal para controlar tais movimentos, já outros, possuem espaços permeáveis em vias alternativas que se criam cotidianamente ou até postos oficiais que não possuem efetivo e equipamentos para realizarem esse serviço de orientação e controle de pessoas e outros serviços. (PÊGO et al., 2021).

Todavia, a fronteira Brasil-Bolívia no Mato Grosso do Sul não guarda homogeneidade interior, dificilmente alguma fronteira guarda, pois todos os envolvidos apresentam pluralidade, assim há estratégias adotadas pela população que em algum momento pode ser ilícita, situações que agravam o preconceito recíproco entre esses dois povos, sentido pela discriminação da presença do “outro”, do “lado de lá”, na forma como são vistos os bolivianos, como se estivessem à margem pela polícia e associados ao narcotráfico e a todo o tipo de ilícitos, como

se neles não houvesse a participação de brasileiros e, além disso, dados apontam que a participação estrangeira em crimes identificados no Brasil é ínfima. (PÊGO *et al.*, 2021).

Ainda a facilidade e a abertura do contexto fronteiriço local são sensíveis a acontecimentos ímpares e submissas às leis federais de cada nação. Por mais que nos pareça que o Estado se dissipa nos fluxos e arranjos feitos pelos atores locais, eventos podem acentuar drasticamente a delimitação do Estado-nação. (WEBER; SILVA; 2022).

Existem brasileiros e bolivianos que migram e emigram para a Bolívia e Brasil, devido a arranjos afetivos, estudo, trabalho e propriedade da terra, e há também aqueles que buscam um emprego informal, nos quais se inserem os mais humildes que resolvem fazer sua vida muitas vezes em serviços com situação de alta precariedade e invisibilizados nas estatísticas. (PÊGO *et al.*, 2021) e ressalta este autor que:

Deve-se anotar ainda a elevada presença de imigrantes bolivianos de regiões mais distantes, sobretudo da porção andina da Bolívia, e de brasileiros, também em assentamentos precários em Corumbá, sujeitos a alto grau de vulnerabilidade ao tráfico (PÊGO *et al.*, 2021).

Contudo, suas repetições em diversas partes do mundo indicam algo sistêmico nas realidades fronteiriças. A presença do Estado está imperativamente focada na ocupação e administração do território, pouco se aplica ao desenvolvimento econômico e social da região, para o desenvolvimento de ambos os países. Dessa forma observa-se a necessidade de implantar-se um sistema para a gestão fronteiriça e intercâmbio de informações e dados. (PÊGO *et al.*, 2021). Este mesmo autor ainda destaca que relacionado as condições das dinâmicas recentes na fronteira terrestre do Brasil:

[...] o contato de seu território com algumas das áreas fronteiriças mais pobres do subcontinente. A condição de isolamento em relação a áreas mais dinâmicas de seus respectivos países faz com que os moradores de pequenos povoados e cidades fronteiriças se voltem à busca de serviços nas cidades brasileiras. (PÊGO *et al.*, 2021, p. 100-101).

Isso, devido as longas distâncias que precisam ser superadas até a cidade mais próxima dentro seu país que possui maior estrutura para prestar serviços de maior complexidade, bem como, maior capacidade para absorver trabalhadores, além de maior quantidade para oferta de vagas de escola.

Somado a descontinuidade de projetos específicos desenvolvidos para esta área singular de fronteira, como as ações epidemiológicas, são problemas sociais que levam os habitantes a buscarem atendimento em cidades mais próximas, não importando os riscos ou as atribuições

que se devem, pois nas fronteiras existem cidades maiores e com melhores recursos demandados aos serviços, sejam públicos ou privados, ademais de maior disponibilidade de produtos e variedade de preços, além de oferecem menor distância a percorrer. Ao suprir as necessidades dos populares é óbvio que o caminho escolhido é o país vizinho ao invés de interiorizar-se em seu país (PÊGO *et al.*, 2021), como podemos ler abaixo quando este autor escreve que:

O atendimento emergencial a estrangeiros na área de saúde, que é uma garantia constitucional (que teoricamente poderia provocar) sobrecarga aos orçamentos públicos das pequenas cidades brasileiras. Porém, esses estrangeiros fronteiriços consomem produtos brasileiros e pagam ao Brasil os devidos impostos aos produtos consumidos, tanto que o comércio dos municípios brasileiros que possuem esse tipo de relação [...], se ressentem em situação de fechamento das passagens de fronteira. (PÊGO *et al.*, 2021, p. 106).

Todavia, é preciso debater a qualidade e efetividade das relações fronteiriças do Brasil com seus vizinhos, que além dos laços familiares e culturais, dividem saúde e educação. Para que seja mais palpável a resolução dessas problemáticas é preciso superar obstáculos com o apoio de acordos internacionais que tornem a relação o mais bilateral possível, ancorando a educação da população que vive ou passa pela fronteira, estimulando a cultura e costumes comuns.

Dessa forma, também a educação continuada da população e o acesso ao conhecimento, bem como um espaço adequado ao diálogo, possibilitam a mudança de comportamento e pensamento a respeito do espaço em que se vive. Ao tomar consciência de que as políticas públicas precisam abranger toda a região de fronteira e um território maior do que o de apenas o seu município, a fim de que todos se beneficiem, mais pessoas passam a ter acesso ao direito de uma qualidade de vida decente. (PÊGO *et al.*, 2021).

Ao distinguirmos as migrações temporárias das definitivas (através do tempo) torna-se necessário que entendamos a questão do trabalho, e mais recentemente do estudo, e a noção de estabilidade e segurança geradas pelas suas banalizações. A repetição, portanto, não pode ser o único caminho para compreender esse movimento. A inércia também é importante nesse esforço, uma vez que, como observou Braudel (1987), ela possui mais agidos que agentes.

Embora, no caso deste estudo, repetição e inércia sejam quase sinônimos, cabe destacar que enquanto a primeira deriva de uma estabilidade contida no processo, na segunda ocorre a banalização advinda do cotidiano. É a partir dessa realidade que encontramos no território, hoje, novos recortes, além da velha categoria de região, resultado da nova construção do espaço e do

novo funcionamento do território, através daquilo que estamos chamando de horizontalidades e de verticalidades. (SANTOS, 2002).

De acordo com Santos (1998), as horizontalidades serão os domínios da contiguidade, daqueles lugares vizinhos, reunidos por uma continuidade territorial, enquanto as verticalidades são formadas por pontos distantes um dos outros, com descontinuidades, mais ligados por todas as formas e processos sociais. Enquanto na verticalidade há o domínio das forças hegemônicas e da efetiva racionalidade e velocidade, submetido ao raciocínio do tempo único- da globalização perversa, na horizontalidade encontramos reproduções pautadas, principalmente, pelas forças inerciais.

Entre os migrantes se observam estratégias adaptativas às culturas de destino ou de incorporação. O que se entende por estratégias de adaptação são os diversos mecanismos, sejam conscientes ou inconscientes, utilizado pelos migrantes buscando viver dentro de culturas ou partilhando costumes diferentes, enquanto sujeito único e individual.

A sociedade se renovaria se a visão sobre os deslocamentos populacionais os considerasse como processos que podem produzir soluções. Os moradores da região fronteira vivem, percebem e demonstram a vontade de que as problemáticas nessa área distinta, tenham para seus governantes a mesma importância que possuem para seus povos.

Já que ser invisível é uma condição que precisa ser construída e é muitas vezes necessária para se sobreviver nestas regiões de fronteira, e tão intrínseca que por vezes a própria população se veste com esse rótulo e julgam-se como seres não inseridos no território nacional e que, portanto, não têm acesso à justiça e benefícios do governo, seja do lado brasileiro ou do outro país. A invisibilidade diante de questões sociais, políticas e econômicas é facilmente percebida com um olhar mais aguçado, mas o que faz tocante a esta necessidade, é não se tratar os seres humanos como invisíveis, bem como suas problemáticas familiares e emocionais. (PÊGO *et al.*, 2021).

Existe, segundo Navarro-Conticello e Alonso-Meneses (2020) um tipo específico de mecanismo de adaptação consiste em misturar certos elementos de identificação entre o indivíduo e sua cultura de origem e outros que ele assume como próprios das culturas de incorporação.

Como explicaram Anderson (1983) e Segato (2007), as identidades nacionais são convenções imaginadas que descansam na ilusão de mesmidade a partir da construção e definição de alteridades. Porém, estas noções se utilizam do sentido de identificação de cada sujeito, porque cada um assume a narrativa como próprio de sua cultura de origem ou pertencente às culturas de incorporação.

As estratégias de adaptação de quem vive a fronteira inclui negociações identitárias entre componentes das culturas de incorporação e de sua própria. Estas se produzem em quatro âmbitos, sendo eles trabalho, relações sociais, costumes e família, neste último se estrutura a adaptação ao estilo de vida na região fronteira, visto que o local que os filhos estudam, dinâmicas afetivas, laços matrimoniais e familiares constituem preocupação dos migrantes. (NAVARRO-CONTICELLO; ALONSO-MENESES, 2020).

A região fronteira é caracterizada pela diversidade sociocultural (PEITER, 2005) e neste contexto, as interações que ocorrem contribuem para a formação de uma identidade cultural resultante da mistura entre as nacionalidades. (MACHADO *et al.*, 2005). Porém, as relações sociais com outros migrantes e com os integrantes da cultura de incorporação, pode ser escassa e, por vezes, conflitiva pois, nem sempre a diversidade cultural se une de forma harmoniosa. (SANTOS, 1998).

Assim, é importante abordar a fronteira considerando a compreensão que seus moradores possuem (NOGUEIRA; DAL PRA; FERMIANO, 2007), sendo um espaço em constante transformação, impulsionado pela sustentabilidade da economia informal e funcional, proporcionando oportunidades (LOIO, 2018) em relação ao trabalho, que para Navarro-Conticello e Alonso-Meneses (2020), aparece vinculado ao crescimento pessoal, mas também perpassa por negociações, interpretações ou apropriação das culturas de destino, a respeito das quais os migrantes podem expressar graus de proximidade ou distanciamento, já que se agarram a alguns elementos e sofrem com outros.

Segundo Pêgo *et al.* (2021), há diversos problemas no contexto do trabalho nas faixas fronteiriças, citando-se elevadas proporções de trabalhadores em situações precarizadas que ocupam postos nas atividades informais, quem exerce atividades laborais na faixa de fronteira do Brasil criticaram como é concebido o conhecimento sobre a área fronteira, sem levar em consideração que é muito mais que apenas um ponto de passagem.

Particularmente, nas regiões fronteiriças do centro oeste há forte prática da informalidade no comércio, praticado em sua maioria por bolivianos. Na reflexão destes autores, a presença do trabalho informal é funcional, e essa funcionalidade pode-se tornar ilegalidade, prejudicando o processo de integração dos países, visto que se ampliam as redes geográficas que nessa região fronteira perpassa de um lado a outro, sendo flexíveis e complexas. (PÊGO *et al.*, 2021).

Na faixa de fronteira muito se pratica informalidades, sobretudo nas relações de trabalho no comércio, pela falta de instrumentos que formalizam as relações fronteiriças cotidianas e essa migração pendular para o trabalho amplia o problema, pois no caso da região de fronteira

com a Bolívia, as atividades que cabem aos bolivianos são aplicadas quase sempre no mercado informal do comércio, que dificilmente exigem documentação, por isso é grande a mobilidade pendular para o trabalho, visto que os informais correspondem à mão de obra menos especializada e por isso mais barata.

Viver em áreas fronteiriças permite utilizar estrategicamente a proximidade para expandir trabalho e conhecimentos, aproveitando das vantagens da região para negociar produtos se valendo da moeda mais valiosa ou mesmo da flutuante cotação do dólar.

No âmbito dos costumes, há negociação dos hábitos dos migrantes que mesclam as tradições nacionais como gostos alimentares, linguagem, vestimenta, entre outras características. Ou seja, o estilo de vida fronteiriço exhibe muitas formas de adaptação, sendo possível encontrar casos em que as estratégias são complexas, há situações em que se convém ceder e outros, em que é mais proveitoso reforçar o seu próprio, calculando custos e benefícios. Assim, os migrantes podem vir a se adaptar e praticar o estilo de vida desse destino, criando assim um tipo específico e distinto de identidade, dentro desta área marcada por contradições, baixas continuidades e assimetrias que a condição de fronteiriço habilita. (NAVARRO-CONTICELLO, ALONSO-MENESES; 2020).

1.2 Território como produção do espaço fronteiriço

O conceito de território interessa as mais variadas áreas de conhecimento, especialmente a disciplina de Geografia. Discuti-lo e empregá-lo em uma categoria fronteira, não é tarefa fácil.

Assim, vimos a importância do método para clarear o nosso objeto de estudo que é o espaço geográfico. O método é um sistema coerente de ideais. Portanto, para a compreensão de uma teoria ou teorias, conceitos e definições só é possível quando estabelecemos ponte com autores e obras que nos situa e não nos deixam apenas "no mundo das ideais", mas que nos dão suporte para compreensão da realidade. Com isso, nos debruçamos em um conjunto de instrumentais técnicos e empíricos atualizados.

É justamente por isso que mencionamos anteriormente e que nos propomos a resgatar as reflexões e colocações científicas da qualificação espacial de um território desenvolvida por Milton Santos em suas obras, inseridas no movimento de renovação da Geografia como ciência moderna. A partir da revisão de literatura, será possível a compreensão dos territórios que compõem os movimentos pendulares, articulações e estratégias em uma região fronteiriça, especificamente Puerto Quijarro-BO e Corumbá-BR.

Território, espaço, lugar, paisagem, todos os conceitos que não são sinônimos, mas correspondem aos processos sociais de um acontecer solidário e que precisam ser conhecidos para nos orientarmos em nossa pesquisa.

No passado, a Geografia tratou do estudo do território apenas em escala nacional, limitado pelas fronteiras com os outros países, e, tendo o poder Estatal como única fonte de poder em relação ao controle e vigilância. Nesse sentido, as bases teóricas da Geografia passaram por um processo de renovação e houve uma rediscussão com o conceito de território.

Os novos estudos e reflexões levaram em conta a compreensão dos fenômenos socioespaciais, em seus arranjos e desdobramentos, levando em conta a importância da ciência, técnicas, tecnologias e informação.

De acordo com Santos (1998), o território é constituído de formas, mas o território usado detém de um conjunto de objetos e ações, sinônimo de ecúmeno ou espaço habitável. Vimos, na conjuntura atual, territórios cada vez mais fluídos tecnicamente a serviço da competitividade que rege as relações econômicas.

Digo perversa, pois, essas forças hegemônicas são geralmente exógenas a este território, e impõem a ele uma cultura espacial global que vem de cima para baixo, da alta política, ou seja, não há a participação da sociedade local, a despeito dos interesses e demandas do lugar.

Ao passo que, quando retornamos ao território, especificamente o território usado que foi historicizado pelo tempo-espaço, abordamos a ideia de espaço banal, de todos nós, espaço do acontecer solidário, denominado território como abrigo, em detrimento da noção de território em rede. Santos (1998), nos revela que as redes constituem uma nova realidade que, de alguma maneira, pode justificar as verticalidades no território.

Mas além das redes, antes das redes, apesar das redes, depois das redes, com as redes, há o espaço banal, o espaço de todos, todo o espaço, porque as redes constituem apenas uma parte do espaço e o espaço de alguns. (SANTOS, 1998).

O espaço é criado pela utilização do território pelo povo, assim, temos uma fronteira com movimentos pendulares constantes e definidos por uma realidade singular desse espaço-tempo. Esses movimentos cotidianos nos revelam como os sujeitos usam o território e quais as suas intenções, pois o movimento pendular é governado pela interação entre a consciência atual e a potencial do indivíduo, tanto social quanto individual. (SANTOS, 2002). Ou seja, um indivíduo que detém de sua personalidade e modo de existência, ao mesmo tempo compartilha de sua singularidade com o grupo social na qual está inserido.

Nesses espaços da racionalidade, o mercado é tornado tirânico e o Estado tende a ser impotente. Tudo é disposto para que os fluxos hegemônicos corram livremente, destruindo e subordinando os demais fluxos. Por isso, também o Estado deve ser enfraquecido, para deixar campo livre (e desimpedido) à ação soberana do mercado. (SANTOS, 1998).

Quando um indivíduo se defronta com um espaço que ele não ajudou a construir, não viveu ali e de sua história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar se manifesta para ele como produto de alienação.

As formações socioespaciais, que surgem a partir da utilização do território, são influenciadas por dois mecanismos distintos: a tecnosfera e a psicoesfera. Sendo o primeiro o resultado da progressiva artificialização do meio ambiente, substituindo a esfera natural por uma esfera técnica, tanto em contextos urbanos quanto rurais. (SANTOS, 1998).

A tecnosfera agiliza a infraestrutura à serviço da produção. O espaço se torna carregado de técnicas, informação, ciências, tecnologias, uma dinâmica extraordinária e onde a ciência e a tecnologia têm um papel determinante na manutenção da vida social. Assim, rodovias bem pavimentadas, uma rede de internet funcionando bem, serviços públicos de qualidade, são exemplos de tecnosfera presente em um território. Quanto maior é a espessura da tecnosfera em um território, mais ele é fluido tecnicamente e precisa da aceleração.

A psicoesfera desempenha um papel determinante no comando da tecnosfera, sendo o resultado das crenças, desejos, vontades e hábitos que inspiram comportamentos filosóficos e práticos, além de influenciarem as relações interpessoais e a conexão com o Universo. (Santos, 1998). Ela serve para atender os modos de produção com a formação e reconfiguração das mentes voltadas aos interesses do mercado. A psicoesfera é como se fosse o marketing, a comunicação é o motor que institui uma nova ordem, um desejo, uma intenção, seja ela qual for.

Esses mecanismos são dependentes entre si, um precisa do outro para funcionar em um território. A psicoesfera se dá na dimensão do lugar. O espaço do acontecer solidário, onde a vida acontece e se renova. Esses mecanismos atuantes no território podem ser observados estrategicamente por outras lentes, pode ser levado a um outro prisma que não seja pelo viés das leis de mercado e sim pelo conhecimento do singular e do local pela alta política. As novas horizontalidades em detrimento das verticalidades do espaço, assim, ganham terreno fértil para uma organização espacial das pluralidades dos movimentos pendulares internacionais, trazendo um novo arranjo baseado na resistência para combater o senso comum que nomeia de forma preconceituosa o desconhecimento pelo lugar.

A importância da configuração da psicoesfera para "o bem" leva a comunicação, informação, técnica e tecnologia voltadas às necessidades do lugar. A fim de escapar das armadilhas do senso comum que traz o movimento pendular internacional marginalizado pela ilicitude de seus atores. Assim o crescimento das possibilidades diz respeito ao mundo inteiro e toda a humanidade, mas a historização e a geografização das possibilidades estão sujeitas à lei das necessidades. Sublinho necessidades ancoradas aos direitos desses cidadãos fronteiriços, que há décadas são marginalizados, deixados à mercê da última vontade política e do último interesse econômico.

Essa redutibilidade entre a tecnosfera e a psicoesfera abre um caminho muito importante para a discussão sobre resistência. O lugar é o espaço da resistência, da constituição dos movimentos sociais. O acontecer solidário é uma prática política no sentido bem-visto da palavra que garante a confiabilidade entre os seres, da necessidade da intersubjetividade concreta e real do fazer político. A psicoesfera tem o fundamento no lugar e se constitui no desejo humano. Essa ação é criada na tensão entre o inconsciente e o desejo objetivo.

Então, a proposta é tornar a psicoesfera para fazer política, criando psicoesferas de acordo com a cultura, a mentalidade e os desejos do ser local. Esse desejo é por liberdade, felicidade, saciar a fome, ter saúde, educação, trabalho, ou seja, coisas reais e concretas que podem ser captadas como conceito na realidade concreta dos pendulares.

Cruzar a fronteira tem diversos significados e negociações identitárias, há aqueles que consideram o estilo de vida fronteiriço distante da sua própria cultura de origem e os que o percebem como características do outro, mas o incorpora. Reproduzindo o próprio território com suas particularidades.

Ainda se percebe como os sujeitos ressignificam a migração de acordo ao sentido e motivação pelas quais o praticam e segundo Navarro-Conticello e Alonso-Meneses (2020), quando os motivos estão vinculados a aspectos sensíveis a necessidades de saúde, emocionais ou diversão, consequentemente, a carga simbólica que coincide com certa ideia de proximidade entre a cultura de origem e a de incorporação. Já quando precisa se passar a linha territorial para aquisição de bens materiais específicos, a situação vem acompanhada de valor negativo da cultura do outro.

Dessa forma observa-se que o marco de adaptação ao estilo de vida fronteiriço são as negociações, já que nelas se colocam em julgamento os estereótipos e prejuízos, mas também reflexões que permitem dar sentido a esta experiência tomando como base identificações e diferenciações a respeito de distintas características de sua cultura de origem e a de incorporação.

Viver a fronteira é próprio da região e forma parte do estilo de vida fronteiriço com a mobilidade pendular, porque constitui uma novidade epistemológica para o campo de estudos sobre o fenómeno migratório nessa localidade.

É interessante mencionar que essa experiência na fronteira entre Brasil e Bolívia é também dos autores, residentes de Corumbá, MS, Brasil e que por décadas, com incontáveis travessias às cidades vizinhas, compartilham referências e histórias vividas. O exercício antropológico das vivências de prazer e sofrimento gerou nos autores inquietudes que fomentaram a percepção dos movimentos migratórios realizados neste espaço fronteiriço que se assenta sobre uma coletânea de elementos ímpares. (LECHETA; WEBBER, 2019)

Em especial neste trabalho, o fluxo fronteiriço observado contextualiza-se entre Brasil e Bolívia, nas cidades entre Corumbá, Ladário e Puerto Quijarro, Puerto Suarez, e os autores de este trabalho não identificaram estudos suficientes no meio científico que dessem conta desta comunidade migratória, que integra seus referentes culturais próprios, em que a vida dos fronteiriços aportam uma imensa sensibilidade.

CAPÍTULO II - A FRONTEIRA E O TRABALHO INFORMAL

Neste capítulo expomos uma abordagem junto a psicodinâmica do trabalho já que os imigrantes pendulares desenvolvem na cidade uma forma de trabalho informal, assim pudemos inferir que entre Corumbá e Puerto Quijarro existe uma região de fronteira povoada e contígua ao limite, com intenso intercâmbio, como nos explicou Martin (1992), que a esses municípios fronteiriços, possibilitam um significativo fluxo de pessoas e as cidades compartilham entre si atividades cotidianas e constantes relativas à comercialização de produtos alimentícios e de bens de consumo, possibilitando trocas culturais e sociais (ARAÚJO; JULIANO; SILVA, 2017), dessa forma há uma integração, como enriqueceu Vives (1972), é uma área de tensão cultural e na maioria das vezes criadora.

2.1 O trabalho informal e a Psicodinâmica do Trabalho

O espaço fronteiriço abriga a pluralidade sociocultural (PEITER, 2005), e o volume de interações que coexiste nesse ambiente cria forma ao agregar elementos a partir da mistura entre as nacionalidades dos países envolvidos (MACHADO *et al.*, 2005), embora existam situações em que não ocorre a unificação harmônica dessas partes. (SANTOS, 1998). Desse modo, os movimentos migratórios em regiões de fronteira correspondem a experiências subjetivas heterogêneas que estão além dos limites dos estudos e pesquisas. Dessa maneira, observa-se a necessidade de pensar a fronteira interpretada através da compreensão que seus habitantes possuem (NOGUEIRA; DAL PRA; FERMIANO, 2007) e tornar palpável o entendimento dos movimentos dos migrantes e as experiências migratórias enquanto estratégias para a produção de subjetividade. (MEZZADRA, 2015).

A fronteira entre Brasil-Bolívia pode ser considerada um ambiente de mutação transnacional nutrido na sustentabilidade da economia informal, mas funcional, com possibilidades ao desenvolvimento de atividades binacionais fundamentadas em um sistema de redes de cooperação local e regional. (LOIO, 2018).

A informalidade segue atrelada à condição de trabalho precário, pois mescla práticas legais e ilegais, baixa proteção social, rápida adaptação do sujeito às oportunidades do mercado, flexibilidade nos processos de trabalho e nas formas de remuneração, falta de garantias e, geralmente, se constitui como alternativa para se gerar renda diante do desemprego. (MORRONE; MENDES, 2003). A precariedade pode ser observada na figura abaixo, em que

uma trabalhadora informal exerce seu ofício sobre mesas expositoras de produtos que são improvisadas e apenas uma lona a protege do sol.

Figura 03 - Condições de trabalho precário.



Fonte: Arquivo pessoal/2022

De acordo com Dejours (1992), as relações no ambiente de trabalho envolvem todos os laços construídos nesse espaço, que podem ser agradáveis ou desagradáveis, afetando o indivíduo e gerando sofrimento, pois a realidade fere o psiquismo humano. (MORAES; SILVA, 2015).

O contexto do trabalho envolve aspectos pessoais, organizacionais e sociais que repercutem na vida dos trabalhadores informais. As mudanças e a flexibilização no processo produtivo incrementaram a precarização nas relações contratuais e o desemprego, atingindo a subjetividade do sujeito contemporâneo, já que a configuração do mundo do trabalho é marcada pela necessidade do indivíduo se manter empregado, o que faz cada vez mais pessoas assumirem postos de trabalho não regulamentados. Com isso, as pessoas devem apresentar características de competitividade e aceitar baixos salários para se verem inseridas ou se manterem no mundo do trabalho. (VASCONCELLOS, 2017).

Segundo Carmo *et al.* (2021), a ideia do empreendedorismo, assumida como componente indispensável a liberdade, está por trás dos pequenos comerciantes informais, e consiste em uma ideologia neoliberal que flexibiliza regras e direitos trabalhistas, transformando seres humanos em instrumentos e resultados, operacionalizada pelo autogerenciamento. Contemporaneamente, o cotidiano de mudanças rápidas e concorrências

acirradas corrobora para que se sintam acuados e defasados em relação ao mercado de trabalho. (MORAES; SILVA, 2015).

Nesse contexto, a pressão do mundo ocupacional pode levar o trabalhador ao sofrimento psíquico, o que afeta suas relações no trabalho e fora dele, ou seja, sua qualidade de vida, já que o fenômeno da informalidade se avoluma. Segundo Uchôa-de-Oliveira (2020), aos trabalhadores são impostos os ideais liberais, em que a integração individual no mercado de trabalho é predominante e para sua inserção adequada nesse ideal de perfeição o trabalhador deve aprender a se autogerir, empreender, competir, tornar-se empregável, investir em si mesmo, estar em constante formação e tomar para si todos os riscos de seu trabalho.

Em um mundo do trabalho permeado por tal concepção, doenças ocupacionais encontram meio adequado para sua instalação. Embora o sofrimento psíquico não seja sinônimo de adoecimento, mas de um sinal clínico da clivagem entre a organização do trabalho prescrita e o real do trabalho, quando as imposições laborais entram em conflito com os próprios desejos e projetos, pode emergir o sofrimento patogênico. (DEJOURS, 2000).

Levando em conta que a organização do trabalho ditada formal ou informalmente, em sua distribuição de responsabilidades, hierarquia, comando e controle, incide no funcionamento psíquico, o estudo da saúde mental em trabalhadores informais desta área fronteira se faz importante. No caso da grande quantidade de cidadãos da fronteira, em situação de precariedade, sem vínculos nem direitos trabalhistas, se faz necessário o cuidado e atenção à qualidade e expectativa de vida desses trabalhadores.

Como complicador para além da própria situação já bem delicada, tivemos acesso recente ao que está sendo tratado por Fernandes e Baeninger (2020) quanto à pandemia do Coronavírus 2019 (Covid-19), que adicionou novos fatores ao cenário de incertezas (MOURA; FURTADO; SOBRAL, 2020), criou desafios únicos para os trabalhadores em todo o mundo, que se arriscam e ficam expostos ao vírus. Principalmente, na contemporaneidade da desinformação e hostilidade, sendo necessário reconhecer as áreas fronteiriças como espaços de urgência nas configurações políticas e colocá-la em pauta humanitária, descriminalizada e acolhedora. (OLIVEIRA, 2019).

A região fronteira consolida-se na rota das migrações internacionais contemporâneas e essa multiplicidade de deslocamentos foi profundamente impactada com a pandemia do Covid-19, situação que foi grave aos trabalhadores informais, visto que o fechamento das fronteiras proibiu o ingresso de não brasileiros, impedindo esse movimento migratório pendular e dificultou o trânsito de pessoas e produtos. Todos esses elementos anunciam a conformação de “um novo panorama para a mobilidade global da população” (BAENINGER, 2020, p. 212)

e mostram que os “padrões humanitários e a proteção dos direitos humanos, nestas áreas de fronteira, se mesclam com preocupações securitárias e com cálculos econômicos” (MEZZADRA, 2015, p. 4), lembrando-nos que a violência é atuante no controle das fronteiras e se mostra ainda mais intensa e visível quando existe uma crise, como esta sanitária. (MEZZADRA, 2015).

Os migrantes pendulares desta região de fronteira realizam o movimento pendular em que atravessam o marco de fronteira para outro país a fim de trabalhar ou estudar e retornam ao fim do dia, ou até mesmo vão e voltam várias vezes ao dia. Essa mobilidade de migração de contato em que as pessoas cruzam a linha de fronteira, mas dificilmente se interiorizam nos países, têm um caráter específico e demonstra a interação entre a população que vive nesta fronteira e, assim, é criada uma área fronteiriça, onde atividades e características de um território e de outro formam uma mistura. (PÊGO *et al.*, 2021).

Neste aspecto é importante relacionar a crise sanitária aos aspectos laborais dos imigrantes pendulares que são trabalhadores informais devido ao caráter eminentemente desigual desses processos migratórios (VILLEN, 2015; SASSEN, 2010), sendo que na interpretação de Baeninger (2018), esse fenômeno redefiniu a dinâmica da migração internacional na fronteira.

Se no século XX, esses espaços eram pensados como área de expansão das migrações latino-americanas (BAENINGER, 2012), com fluxos que em sua maioria desafiavam as perspectivas teóricas e metodológicas fundamentadas em percursos “de grandes distâncias, longas temporalidades e seletividades bem definidas” (PERES, 2018, p. 504), no século XXI as fronteiras são ressignificadas, na medida em que passam a canalizar, também, processos “migratórios não-históricos”. (BAENINGER, 2018, p. 163).

Esse é o caso, por exemplo, de Corumbá, Mato Grosso do Sul, tradicional espaço da migração boliviana no Brasil (PERES, 2018), que desde 2010 vem recebendo um contingente crescente de haitianos solicitantes de refúgio. (JESUS, 2020).

Sobre esse aspecto, vale ressaltar ainda que a composição do público desta pesquisa retrata as características específicas da imigração pendular para o município de Corumbá e que não deve ser comparada a outros fluxos migratórios, já que se destaca pela razão de que os indivíduos realizam um movimento pendular diário, atravessando o limite fronteiriço geralmente pela manhã e retornando no mesmo dia, por vezes até por diversos momentos durante o dia. Na figura abaixo observa-se o deslocamento de um trabalhador informal, este registro foi realizado às quatro horas da manhã na rodovia Ramon Gomes.

Figura 04 - O movimento pendular



Fonte: Arquivo pessoal/2022

Se foi uma política de Estado que colocou o país na rota das migrações internacionais (VAINER, 1995), hoje é sobretudo a mobilidade do capital e do trabalho que caracteriza essa inserção, trazendo ao Brasil novos imigrantes internacionais (BAENINGER, 2017), devido a isso, inúmeros arranjos sociais perpassam variadas composições domiciliares e condições de moradia.

Os migrantes pendulares que são trabalhadores informais na cidade de Corumbá costumam distribuir-se em localidades variadas imersas em dinâmicas espaciais fronteiriças ou que denotam uma área de forte apelo comercial. Todas essas questões são fundamentais no entendimento acerca de viver a fronteira como imigrante pendular e trabalhador informal e o que isso produz na vida e saúde dessas pessoas.

Muito embora a Constituição de 1988 promulga a universalidade dos direitos sociais, com a Nova Lei de Migração reiterando o migrante como sujeito portador de direitos, independentemente de seu *status*, o desconhecimento e desinformação a respeito de documentações legítimas despontam como elementos importante do não acesso a direitos. (CHAVES, 2020).

Por exemplo, segundo a Lei complementar nº 128, de 19 de dezembro de 2008, é importante que o trabalhador saiba que, ao se formalizar como microempreendedor individual (MEI) terá um CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica), isenção de taxas para registro da empresa, pagamento de poucos tributos e com valores fixos mensais de INSS (Instituto Nacional do Seguro Social), ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) e ISS

(Imposto Sobre Serviços), pode começar a funcionar imediatamente sem alvará, pode emitir notas fiscais, consegue maior poder de negociação com fornecedores, acessar serviços financeiros (conta bancária jurídica, máquina de cartão, acesso ao crédito), além de poder vender e prestar serviços para outras empresas e para o governo. Quanto aos benefícios por contribuir ao MEI, o trabalhador e sua família passam a ter direito à aposentadoria por idade ou invalidez, auxílio-doença, salário-maternidade, auxílio-reclusão e pensão por morte

Ainda antes da pandemia, a Defensoria Pública da União (DPU), em março de 2020, elaborou diretrizes para que diversos órgãos do governo brasileiro adotassem "providências emergenciais ou abstenção de práticas lesivas a imigrantes." (CHAVES, 2020, p. 65). Nesse contexto, ao Ministério da Saúde foi encaminhada uma instrução técnica para que "todos os serviços do Sistema Único de Saúde (SUS), seja em caráter de atenção básica ou procedimentos de alta complexidade"(CHAVES, 2020, p. 66), estivessem disponíveis a qualquer não-nacional, possuidor ou não de documento de identificação válido expedido pelo governo brasileiro.

Particularmente nesta região, a dimensão da fronteira e proximidade entre as cidades, abre uma ampla gama de pesquisas sobre as transformações nas dinâmicas das migrações (BAENINGER, 2018), que nesse caso pode associar-se a distintas condições de trabalho, seguindo uma tendência global já apontada pela Organização Internacional para as Migrações (ILO, 2020), que é a da incidência de informalidade entre imigrantes internacionais ser bastante alta. (BELTRAMELLI NETO; MENACHO, 2020).

Desse modo, é importante destacar que ao se tratar de populações vulneráveis em crises humanitárias, somente diretrizes baseadas em evidências não são suficientes, necessita-se inventividade enxergando a fronteira como lugar heterogêneo, onde padrões não são bem-vindos. (BERGER *et al.*, 2020). Utiliza-se Sayad (1998) para compreender o cidadão transfronteiriço enquanto sujeito que é tratado como “problema social” advindo de discursos impostos sobre ele a partir de sua condição de moradia, emprego, vagas nas escolas, acesso à saúde e segurança pública.

A condição de trabalho informal na qual estão inseridos estes cidadãos, segundo Bernardino e Andrade (2015), gera insatisfação e pouco retorno financeiro, condições que dificultam o acesso à saúde, educação, boa alimentação e, assim, diminui a qualidade de vida do indivíduo. Portanto, é necessário demarcar o conjunto de elementos ideológicos, simbólicos, sociais e psíquicos que se relacionam com as vivências na trajetória ocupacional desencadeando o sofrimento, adoecimento e insatisfação nesse cidadão transfronteiriço, que faz do trabalho informal o seu sustento. (LIMA, 2007).

Os trabalhadores estão sendo submetidos cada vez mais a sucessivos contratos temporários, sem estabilidade ou registro em carteira, trabalhando dentro ou fora do espaço produtivo, em atividades mais instáveis ou temporárias. (ANTUNES, 2014). A informalidade do trabalho resulta na ruptura dos laços formais de contratação e regulação da força de trabalho, apresentando desta forma um mecanismo similar à condição de precarização. As formas de trabalho se tornam desprovidas de direitos, constituindo-se em um mecanismo central do capital para ampliar a intensificação dos ritmos e movimentos do trabalho, desencadeando um importante elemento propulsor para a precarização estrutural do trabalho. (ANTUNES, 2014).

Desumanamente, existem jornadas de trabalho que atingem dezessete horas ou mais por dia na indústria de confecções, por exemplo, situação absurdamente favorecida pelos movimentos migratórios atuais, como os refugiados ou imigrantes que são contratados informalmente, majoritariamente imigrantes bolivianos ou peruanos, controlados por patrões frequentemente coreanos ou chineses, e os trabalhadores africanos que atuam no ensacamento e embalagem por horas a fio, um trabalho extenuante e profundamente manual. (ANTUNES, 2014).

No agronegócio, se constata burla aos direitos humanos e do trabalho, com os "boias-frias", trabalhadores rurais que precisam cortar mais de dez toneladas de cana por dia, para a produção do etanol, do qual muitos, senão todos os trabalhadores nem se utilizam. No Japão há o exemplo recente dos cyber-refugiados, trabalhadores jovens, mas da periferia, que se utilizam dos cybercafés para repousar, usar a internet e buscar trabalho. Estes espaços cobram preços baixos para os trabalhadores pobres, sem habitação fixa, para que possam passar suas noites oscilando entre o uso da internet, um breve repouso e uma busca virtual de novos trabalhos. Existem também os operários que, migrando em busca de trabalho nas cidades, encontram-se sem residências fixas, e por isso, necessitam dormir em cápsulas de vidro, habitação de baixo custo e configura o mundo dos operários encapsulados. (ANTUNES, 2006).

A situação dos imigrantes é a ponta mais visível do *iceberg* no que concerne à precarização das condições de trabalho no capitalismo atual. O trabalhador imigrante encontra nas indústrias, construtoras, supermercados, distribuidoras de hortifrútis, agricultura, hotéis, restaurantes, hospitais, empresas de limpeza, entre outros, seus espaços principais de trabalho. Os trabalhadores imigrantes têm, em geral, os horários mais desconfortáveis, como jornadas noturnas e nos finais de semana, recebendo os salários mais depauperados, combinando superexploração com discriminação. Esta classe é, por isso, simultaneamente, a mais precarizada e a mais globalizada. (BASSO, 2010).

Antunes (2014) explicita as diversas manifestações ocorridas, demonstrando o descontentamento dos imigrantes-trabalhadores e dos jovens sem trabalho. Em Portugal um dos movimentos de trabalhadores precarizados se denomina Precári@s Inflexíveis, e em seu "Manifesto" afirmam:

Somos precári@s no emprego e na vida. Trabalhamos sem contrato ou com contratos a prazos muito curtos. Trabalho temporário, incerto e sem garantias. Somos operadores de call center, estagiários, desempregados, trabalhadores a recibos verdes, imigrantes, intermitentes, estudantes-trabalhadores... Não entramos nas estatísticas. Apesar de sermos cada vez mais e mais precários, os Governos escondem este mundo. Vivemos de biscates e trabalhos temporários. Dificilmente podemos pagar uma renda de casa. Não temos férias, não podemos engravidar nem ficar doentes. Direito à greve, nem por sombras. Flexissegurança? O "flexi" é para nós. A "segurança" é só para os patrões. Esta "modernização" mentirosa é pensada e feita de mãos dadas entre empresários e Governo. Estamos na sombra mas não calados. Não deixaremos de lutar ao lado de quem trabalha em Portugal ou longe daqui por direitos fundamentais. Essa luta não é só de números, entre sindicatos e governos. É a luta de trabalhadores e pessoas como nós. Coisas que os "números" ignorarão sempre. Nós não cabemos nesses números. Não deixaremos esquecer as condições a que nos remetem. E com a mesma força com que nos atacam os patrões, respondemos e reinventamos a luta. Afinal, somos muito mais do que eles. Precári@s, sim, mas inflexíveis. (ANTUNES, 2014, p. 29).

O autor descreve que estes seres são discriminados, mas não resignados, são parte integrante da classe que precisa trabalhar para viver e sustentar sua família, e por isso exprime a vontade de melhorar as próprias condições de vida através do trabalho.

Ao dilapidar as condições de remuneração e dos trabalhadores, erodindo direitos e aumentando os níveis de exploração de força de trabalho, o empreendedorismo, cada vez mais, se configura como forma oculta de desemprego, proliferando as distintas formas de flexibilização salarial, de horário, funcional ou organizativa, degradação ainda mais intensa do trabalho imigrante em escala global. Os capitais globais estão exigindo o desmonte da legislação social protetora do trabalho, em várias partes do mundo, ampliando a destruição dos direitos sociais que foram arduamente conquistados pela classe trabalhadora. (ANTUNES, 2014).

Na temática que abrange a situação laboral do migrante, menciona-se a tríade saúde-trabalho-imigração como fundamentais na determinação social e compreensão dos condicionantes de saúde da vida do trabalhador, agindo, assim, no princípio da dignidade da pessoa. As classes de trabalhos que executam atividades laborais a céu aberto, por exemplo, são em maioria migrantes, estão expostos à radiação solar e por isso passa a ser considerado como grupo de risco sujeito a ter consequências relacionadas à exposição sem nenhum método preventivo adequado. Evidenciando a precarização laboral a que o migrante está sendo brutalmente submetido. (SILVA; BARRETO, F; BARRETO, T., 2020).

No estudo de Leão *et al.* (2017), “Migração internacional, saúde e trabalho: uma análise sobre os haitianos em Mato Grosso” (2017), 52,7% dos imigrantes entrevistados estavam empregados, e destes, 38,7% tinham entre 3 e 6 meses no trabalho atual e relataram 26,5% destes ter carga horária semanal maior que 48 horas. Entre os que estavam trabalhando havia queixas sobre as dificuldades de lidar com os patrões e gestores, não trabalhar na função adequada, falta de reconhecimento e valorização dentro da empresa, insatisfação quanto aos salários, atrasos e até falta de pagamento.

Os trabalhadores entrevistados também apresentaram queixas relativas às manifestações de sofrimento físico e psicossocial, como dores na coluna, cabeça, barriga ou corpo, esforço intenso, cansaço, insegurança na execução de atividades, intimidação, humilhação, desrespeito. Apesar de não haver diferenças entre as proporções de homens e mulheres entrevistados que trabalhavam no momento da pesquisa, as mulheres possuíam menor remuneração salarial, menos treinamento em segurança do trabalho e não tinham experiência nas atividades que exerciam.

Dados estes que reforçam a maior vulnerabilidade das mulheres, ligada à divisão sexual do trabalho, já que estas lidam cotidianamente com a responsabilidade de cuidar dos filhos e da casa, função que cabe histórica e culturalmente às mulheres, deixando-as mais sobrecarregadas. As mulheres passam por um conjunto de pressões que ocorrem ao se desempenhar os papéis profissional, pessoal e familiar, fazendo com que o atendimento a todos esses papéis desempenhados simultaneamente torna difícil a conformidade entre eles. (LEMOS; BARBOSA; MONZATO, 2020). Na figura abaixo podemos observar uma trabalhadora informal que, ao mesmo tempo que exerce seu ofício, cuida dos filhos.

Figura 05 - O cuidado simultâneo com o comércio e com os filhos.



Fonte: Arquivo pessoal/2022

A caracterização desse grupo de trabalhadores informais e imigrantes pendulares, que são vulneráveis no contexto das relações saúde-trabalho brasileiras, desperta para o desafio da saúde pública e de demais setores do Estado para conhecer e criar estratégias para melhorar as condições de seu trabalho. Pesquisas apontam problemas de saúde mental em trabalhadores migrantes, como casos de depressão ocasionados pela solidão aliada à longa e exaustiva jornada de trabalho, silêncio sobre o adoecer e o medo de perder o emprego e não conseguir se manter longe de casa. (LEÃO *et al.*, 2017).

O município de Dourados, no Mato Grosso do Sul, conta com grandes frigoríficos JBS S.A. (José Batista Sobrinho Sociedade Anônima) e BRF S.A. (Brasil Foods Sociedade Anônima), duas das maiores empresas produtoras de carne do mundo. Nessa localidade, a contratação de haitianos já se verificava em 2013 (JESUS, 2020), mas em julho de 2020, a cidade apareceu no ranking dos municípios que mais receberam venezuelanos. (ACNUR, 2020).

Reportagens da imprensa local, como a imagem abaixo que foi utilizada em uma dessas publicações, indicam os frigoríficos como importante forma de inserção laboral desses imigrantes. Ressaltamos aqui que o trabalho nos frigoríficos chama atenção pelos danos à saúde do trabalhador e à superexploração do trabalho. (VASCONCELOS; PIGNATTI; PIGNATI, 2009; MAGALHÃES, 2017). Aos acidentes causados pelo manuseio de instrumentos e ritmo acelerado das linhas de produção, somam-se as lesões por esforços repetitivos e os problemas respiratórios associados ao trabalho nas câmaras frias. (VASCONCELOS; PIGNATTI; PIGNATI, 2009).

Figura 06 - Reportagem sobre a presença de imigrantes venezuelanos em MS.



Fonte: Página online Jornal Midiamax

O exemplo dos imigrantes talvez seja o mais escandaloso, e mesmo assim invisibilizado pela tendência estrutural à precarização do trabalho. Falci, Souza e Scatolin (2020) explicam que o trabalho, no que concerne a problemática da migração, pode ser visto como uma ferramenta para a ressignificação de sua identidade e de seu sentimento de pertencimento no mundo, contudo, boa parte destas pessoas fica exposta a condições laborais precárias, em que há uma superexploração do trabalhador estrangeiro, fazendo com que ele precise trabalhar, até mesmo, em condições análogas à escravidão. Portanto, é essencial compreender como as vivências de trabalho podem influenciar a saúde mental.

Evidencia-se que raramente a migração é um processo completamente voluntário para quem o pratica, o que nos coloca em um dos cerne das questões da mobilidade pendular nessa área de fronteira tão específica, pois precisamos enxergar e identificar os dispositivos de sujeição e os processos de subjetivação (coação e liberdade) que ocorrem para a constituição experiência da migração. (MEZZADRA, 2015).

Assim, é preciso colocar-se dentro de uma estrutura diferente daquela construída ao redor da referência utilizada para conceituar a migração pendular atualmente, pois os conceitos a respeito da migração “distribui os sujeitos em mobilidade em uma escala variável de abjeção e proteção, valorização econômica e exploração, pertencimento e precariedade, acesso a direitos e de portabilidade que regula o sistema de posições políticas e jurídicas”. (MEZZADRA, 2015, p. 4).

São pelos fluxos imigratórios e emigratórios nestes municípios da linha de fronteira que existe essa mobilidade, com o movimento de estudantes que deixam o Brasil para cursarem medicina ou mesmo os trabalhadores informais que cruzam os municípios fronteiriços da Bolívia e do Paraguai, cidades como Ciudad del Este e Pedro Juan Caballero, no Paraguai, Puerto Quijarro, Puerto Suarez e até Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, são exemplos (PÊGO *et al.*, 2021), tornando muitas vezes indeterminada e confusa a fronteira entre eles.

Aliado a isso temos a imagem construída pelo senso comum e descrita por Sayad (1998) que o imigrante carrega consigo de ser o problema. Tal discurso agrava as situações de preconceito e xenofobia que o migrante, que não é turista, pode vivenciar em território brasileiro. Para Almeida (2019), os termos preconceito, discriminação e racismo são conjuntos de práticas inconscientes, conscientes e institucionalizadas, que se articulam a fim de normalizar “relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares” (ALMEIDA, 2019, p. 52) e, por isso, se perpetuam, produzindo explicações para as desigualdades e criando subjetividades insensíveis diante da discriminação, promovendo valor e significado para os

seres de modos distintos na esfera social, principalmente no contexto do direito e dos regimes de exploração da força de trabalho.

Ressaltamos que dificilmente a migração pendular nesta fronteira entre Corumbá e Puerto Quijarro, em especial o número de trabalhadores informais que são imigrantes, pode ser quantificada, já que o sentido de fluxos é pouco controlado e os migrantes podem usar de estratégias que esta própria invisibilidade proporciona. Porém, entendemos também, que por si só a quantificação não tem determinação, esses dados, precisariam de análise interdisciplinar minuciosa e específica para nos possibilitar entender as formas de violência que são aplicadas contra os migrantes pendulares.

Por ser uma teoria embasada tanto na Psicanálise quanto na Teoria Social, a Psicodinâmica do Trabalho (PDT) permite o estudo das relações laborais e como estas se associam à saúde mental dos trabalhadores. Visto que “a relação com o trabalho nunca é neutra no que se refere à saúde mental” (DEJOURS, 2017, p. 15), podendo produzir saúde ou a sua degradação.

Compreende-se que o trabalho é constituinte do sujeito e fundamental na construção da identidade. (MENDES; ARAUJO, 2012). Um dos principais conceitos da PDT é o do sentido do trabalho, que diz respeito ao modo como a pessoa compreende seu trabalho, qual o lugar que o ato de trabalhar ocupa em sua vida e como isso pode influenciar sua saúde, construção que ocorre tanto de forma coletiva quanto individual. (LANCMAN; UCHIDA, 2003; COSTA, 2013; TOLFO, 2015).

Aliado a esse conceito estão as vivências laborais, que podem ser de prazer ou sofrimento. Para a Psicodinâmica do Trabalho, o sofrimento não é sinônimo de adoecimento já que pode se tornar criativo, quando há a possibilidade de reconhecimento do trabalho, quando o sujeito pode implicar sua imaginação, suas ideias na sua atividade.

Ademais, se o sofrimento mobilizar o coletivo para modificar a organização do trabalho, pode ser um potente agente contra impactos neoliberais, ante a precarização. Mas, por conseguinte, quando surge de forma que a ressignificação não é possível, torna-se patogênico, podendo provocar frustração, fadiga e adoecimentos psíquicos. (MENDES, 2007; FERREIRA; MACÊDO; MARTINS, 2015; VON BOROWSKI *et al.*, 2017).

Em contrapartida, as vivências de prazer surgem à medida que há engajamento no trabalho e mobilizações que busquem ressignificar o sofrimento, a partir da transformação dos aspectos da organização do trabalho. Compreende-se que o prazer deve ser considerado um indicador de saúde, visto que constitui de uma maneira saudável a subjetividade do trabalhador. (MENDES, 2007; AUGUSTO; FREITAS; MENDES, 2014; VON BOROWSKI *et al.*, 2017).

Pode-se entender que o processo de ressignificação do sofrimento passa pelas estratégias de mediação, como quando existe cooperação, um compromisso que é simultaneamente técnico e social, uso da inteligência prática e debates abertos coletivos sobre as regras do trabalho, pois segundo Dejours (2004), o pertencimento a uma equipe é um instrumento poderoso para afastar a solidão social, auxiliando a identificar a direção para ressignificar as situações causadoras de sofrimento.

De fato, é importante enfatizar que o trabalho não se resume apenas à produção, mas também engloba a convivência. Isso é especialmente verdadeiro para os trabalhadores informais que são imigrantes e enfrentam longas jornadas de trabalho, o que leva ao desenvolvimento de relações e vínculos mais próximos com as pessoas com as quais trabalham do que com suas próprias famílias. Nesse processo, é essencial que os trabalhadores se mobilizem para lidar com os conflitos relacionados às diferentes abordagens de trabalho, visto que a organização real do trabalho se adapta de acordo a composição do coletivo. (DEJOURS, 2004).

As estratégias defensivas que são adotadas pelos trabalhadores evitam as descompensações psíquicas que possam vir a ocorrer no contexto laboral, já que se caracterizam pela tentativa de minimização do sofrimento que inevitavelmente integra o trabalhar. Sendo seu uso frequentemente mais atrelado a um possível adoecimento, embora permitam com que os trabalhadores consigam continuar fazendo suas funções nas dificuldades e ocultem suas ansiedades. (MENDES, 2007; AUGUSTO; FREITAS; MENDES, 2014; VON BOROWSKI *et al.*, 2017).

A negação, a sublimação, a racionalização, o uso de brincadeiras no horário do expediente, a passividade, o distanciamento do cliente, são exemplos de estratégias defensivas que podem ser empregadas pelos trabalhadores de forma coletiva ou individual e evitam que o indivíduo tome consciência do seu próprio sofrimento podendo levar a uma falsa sensação de estabilidade.

No contexto da precarização, é necessário considerar, também, o fenômeno do presenteísmo, em que os trabalhadores podem, como estratégia defensiva de negação, negar a necessidade de licença médica para tratamento da doença por medo de represálias da organização ou medo de perder seu posto, adotando como conduta coletiva o presenteísmo, Seligman-Silva (2010) nos esclarece:

Presenteísmo que significa que pessoas adoecidas estão trabalhando sem manifestar queixas e em geral sem procurar tratamento, ao mesmo tempo que seus quadros clínicos se agravam e cronificam enquanto, inevitavelmente o desgaste atinge também

seu desempenho. À medida que ficam prejudicadas funções como a atenção e o raciocínio, entre outras, o presenteísmo pode se constituir mais um importante fator de risco no que diz respeito a acidentes de trabalho. (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 03).

Existe um temor subjacente a essa situação, que é agravado pela presença de mecanismos psicológicos de negação dos sintomas, muitas vezes fortes demais para que os próprios trabalhadores reconheçam os danos à sua saúde. Isso resulta em um ocultamento significativo e desastroso em seus desdobramentos da morbidade psiquiátrica em todos os países. À medida que os sintomas da patologia invisibilizada se agravam e atingem um ponto em que se torna impossível conciliá-los com o trabalho, ocorre um afastamento prolongado, acarretando consequências financeiras, sociais e humanas de grande impacto. (FRANCO; DRUCK; SELIGMANN-SILVA, 2010).

No caso dos trabalhadores informais se negam os sintomas mais leves de uma patologia até serem insuportáveis, o que pode levar ao agravamento do estado de saúde, para que não percam a renda de um dia de trabalho não executado. Ou seja, são estratégias importantes por fornecerem proteção psíquica, mas são de caráter reativo e estruturadas para se defender de algo que traz sofrimento (MORAES, 2013), pois, apenas:

[...] favorecem a adaptação, mas não promovem a mobilização para a ação transformadora, trazendo o risco de conduzir à alienação ou de ter sua eficácia esgotada, visto que a condição que agrava o sofrimento não é alterada. (MORAES, 2013, p. 157).

Dessa maneira, a perenidade de um trabalho que possui espaço cada vez mais reduzido, intensificado em seus ritmos, desprovido de direitos, precarizado e informal, coloca no topo da pirâmide social do mundo do trabalho os ultras qualificados que atuam no âmbito informacional e cognitivo, na base amplia-se a informalidade, a precarização, o desemprego, no meio, encontra-se a hibridez que pode desaparecer ou erodir em decorrência das alterações temporais e espaciais.

Seguindo essa racionalidade, conforma-se uma nova forma de organização e controle do trabalho com ênfase no envolvimento qualitativo dos trabalhadores em sua dimensão cognitiva, atribuindo aos trabalhadores a responsabilidade em preservar os postos de trabalho considerados improdutivos, através da busca do aumento da produtividade, da qualidade total, de metas irreais, de competências, parceiros e colaboradores. São partes constitutivas do ideário e da pragmática cotidiana da empresa moderna, vigorando entre os trabalhadores informais. (ANTUNES, 2014).

Nesse sentido, Ratner (2009) afirma que esses fatores configuram a forma e o conteúdo dos fenômenos psicológicos estruturados pelos locais de trabalho, como conformações externas que exigem certos processos de pensamento, motivação emocional, autoconceito, memória e percepção, bem como o uso de ferramentas que as pessoas internalizam da cultura e usam como meios para construir seu comportamento. Sendo que os indivíduos, portanto, são produto de seu próprio produto. Assim, é necessário, como nos disse Pujol (2017):

[...] admitir la complejidad que adquiere el mundo del trabajo en la actualidad, su heterogeneidad y diversidad, y - fundamentalmente - que se trata de escenarios - algunos evidentes y otros invisibilizados - cuya configuración es preciso reconstruir y cuyas significaciones e impactos en la subjetividad es preciso explorar. (PUJOL, 2017. p. 7).

Apesar da importância para o desenvolvimento, ter um trabalho não significa ter a experiência de ser respeitado, pois dependendo do tipo que se tem, “o trabalho e/ou sua falta torna-se objeto de insatisfação, até mesmo de sofrimento.” (WAUTIER, 2012, p. 149).

É importante dizer, conforme Bernardo, Nogueira e Bull (2011), que o trabalho não pode e não deve ser visto apenas como agente patológico, mas deve ser considerado, também, como um vitalizador da saúde humana. Desse modo, para Pinheiro e Monteiro (2007), o trabalho é tido como um verdadeiro sentido de vida para o ser humano, pois ele produz um sentido de inclusão social, além de colaborar para a estruturação da identidade.

As dimensões que caracterizam o trabalho, sendo elas psicológica, social, econômica, se referem ao trabalho como constituinte da identidade, representante da subjetividade e da realização pessoal, uma forma de inserção social, meio para o sustento econômico e material das pessoas, como algo que humaniza. (MATOS, 2018).

A vida é estruturada a partir da lógica hegemônica capitalista com diferenças que dependem da raça, gênero, classe social, orientação sexual, estrutura em que o trabalho é um atravessamento na construção da subjetividade do indivíduo, não sendo possível negar a sua relevância. Porém, o que se contrapõe aqui é a ideia nas sociedades capitalistas de que apenas quando o indivíduo é possuidor de renda própria proveniente do trabalho assalariado é que pode construir um caminho e ser reconhecido e valorizado. (BARROS; ALVARO; BORGES, 2018).

Apesar de o trabalho ser um direito social de todos, a sua garantia tem sido negada, a atual lógica que ordena as relações de oferta e procura de trabalho termina por inviabilizar a participação e inserção de todos os seres humanos em idade produtiva e aptos ao trabalho no mercado formal, como mencionam Bernardo, Nogueira e Bull (2011):

Ainda que na “Declaração Universal dos Direitos do Homem”, texto que integra a Carteira de Trabalho e Previdência Social, possa-se ler no artigo XXIII-1. que “todo o homem tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego” e que a Constituição Federal de 1988 no Capítulo II - dos Direitos Sociais situe textualmente o trabalho como um direito social. (BERNARDO; NOGUEIRA; BULL, 2011, p. 10).

Devido à ausência de vagas no mercado formal, por necessidade, muitos optam por aceitar trabalhos precarizados e veem na inserção informal uma possibilidade de obter renda, mesmo tendo qualificação profissional e experiência para uma melhor colocação. Ressalta-se que muitos possuem a consciência de que são explorados, mas acabam aceitando e permanecendo, correndo o risco até de naturalizar o sofrimento que lhes é imposto. Conforme Vasconcellos (2018), embora muitos se tornem passivos pela exploração advinda do trabalho, também se tornam agentes quando por meio deste sustentam suas famílias.

Ao estudar as modalidades de trabalho informal existentes, percebe-se que há tendência de mudanças no estilo de vida deste indivíduo ao inserir-se na informalidade laboral, já que geralmente ingressam em cargos inferiores, que por vezes não têm relação com sua área de formação profissional ou com as experiências anteriores e com renda salarial menor.

Esta situação é mais relevante no caso dos migrantes e refugiados, porque ao migrarem ocorre, muitas vezes, a mudança na posição social e laboral, que pode ser perdida ao adentrar o país receptor. Esta é uma realidade que explicita a precária condição de trabalho em relação ao migrante, já que para estes as dificuldades do trabalho informal são ainda mais incidentes, possuem os horários mais desfavoráveis, jornadas de trabalho extenuantes com expedientes noturnos, trabalham também aos fins de semana, tudo associado ao salário insuficiente. (SILVA; BARRETO, F.; BARRETO, T., 2020).

O contexto laboral atual procura aglutinar o menor contingente de trabalho vivo e concentra o maior volume de trabalho morto corporificado no maquinário informacional-digital, o que gera maiores índices de produtividade e lucratividade, engendrando novos e mais complexificados mecanismos de interiorização, de personificação do trabalho, incentivando o exercício de uma subjetividade marcada pela inautenticidade. Dessa forma, a subjetividade manifesta encontra-se estranhada no que concerne ao que se produz e para quem se produz. (ANTUNES, 2010).

Os benefícios aparentemente obtidos pelos trabalhadores não são positivos, visto que o pensar, agir e propor dos trabalhadores deve levar em conta os objetivos intrínsecos da empresa, que aparecem mascarados pela necessidade de atender aos desejos do mercado consumidor. Se não o fizerem, se não demonstrarem estas aptidões, são substituídos por outros trabalhadores

que demonstrem perfil para aceitar novos desafios. Neste processo de envolvimento interativo ampliam-se e complexificam-se as formas da reificação, distanciando a subjetividade do que trabalha no exercício de uma atividade autêntica e autodeterminada. Desse modo, a alienação do trabalho encontra-se preservada. (ANTUNES, 2014).

Para Pujol e Gutiérrez (2019), à medida que a saúde responde a dinâmicas intersubjetivas, o trabalho é mais estruturante do que alienante, pois no espaço do trabalho é que são estabelecidos os coletivos, sendo este um território privilegiado para a construção de mecanismos de defesa. Desse modo, no contexto do trabalho, a construção da subjetividade está ligada ao reconhecimento e, por isso, à qualidade e dinâmica das relações interpessoais, que têm responsabilidade no que diz respeito aos efeitos do trabalho na saúde.

Esta nova fase do contexto laboral apropria-se da inteligência e capacidades cognitivas do trabalhador, procurando envolver mais forte e intensamente a subjetividade operária. Uma vez que parte do saber intelectual é transferido para as máquinas informatizadas, que se tornam mais inteligentes, reproduzindo parte das atividades a elas transferidas pelo saber intelectual do trabalho do ser humano, situação que por causa do envolvimento interativo maquínico pode aumentar ainda mais o estranhamento do trabalho, ampliando as formas modernas da reificação. (ANTUNES, 2014).

Explica-se que, quanto mais a vida cotidiana cria formas e situações de vida reificantes, com maior facilidade a subjetividade é capturada e o ser humano se adapta, entendendo-as, sem nenhuma resistência intelectual e moral. Se habitua a determinada dependência reificada e isso propicia uma adaptação geral também nos confrontos de dependências estranhadas. As reificações ocorrem quando há a condensação das atividades em um objeto, em uma coisa que apropriou-se da energia humana.

Neste caso, a subjetividade é reabsorvida no funcionamento do objeto, sem efetivar-se uma alienação propriamente dita. Tais reificações manifestam-se nas atividades em que a subjetividade é transformada em um objeto, em um sujeito-objeto, que funciona para a autoafirmação e a reprodução de uma força estranhada. O indivíduo pode chegar a auto alienar suas possibilidades mais próprias, vendendo, por exemplo, sua força de trabalho sob condições que lhe são impostas, ou em outro plano, sacrifica-se pela lei de mercado. (TERTULIAN, 1993).

A privatização acarretou um processo intensificado de terceirização do trabalho, comportando múltiplas formas de precarização e de intensificação dos tempos e movimentos no ato laborativo. Desenvolve-se, então, uma clara confluência entre a terceirização e precarização do trabalho, dentro da mercadológica dos serviços que foram privatizados. Muitos

pesquisadores têm chamado a atenção a esta riqueza de figuras produtivas e de vivências e expectativas de trabalho, e inclusive para as repercussões na vida privada e na organização do tempo. (ANTUNES, 2014).

A heterogeneidade das atividades de trabalho ditas "cognitivas", dos produtos imateriais que elas criam e das capacidades e saberes que elas implicam, torna imensuráveis tanto o valor das forças de trabalho quanto o de seus produtos, pois existe a impossibilidade de padronizar e estandardizar todos os parâmetros das prestações demandadas que se traduzem em vãs tentativas para quantificar sua dimensão qualitativa, e pela definição de normas de rendimento calculadas quase por segundo, que não dão conta da qualidade "comunicacional" do serviço exigido. (ANTUNES, 2014).

A crise da medição do tempo de trabalho engendra a crise da medição do valor. Quando o tempo socialmente necessário a uma produção se torna incerto, essa incerteza não pode deixar de repercutir sobre o valor de troca do que é produzido. O caráter cada vez mais qualitativo e menos mensurável do trabalho põe em crise a pertinência das noções de sobretrabalho e de sobrevalor, por consequência, o sistema de equivalências que regula as trocas comerciais. O avanço da ciência determina uma inevitável descompensação do valor que torna supérfluo o trabalho vivo. (ANTUNES, 2014).

Com a informatização e a automação, o trabalho deixou de ser a principal força produtiva e os salários deixaram de ser o principal custo de produção. Os assalariados deviam ser constrangidos a escolher entre a deterioração de suas condições de trabalho e o desemprego.

Porém, a deterioração das condições de trabalho, bem como o desemprego, atua como elementos conformadores do definhamento do trabalho, tendência presente desde a gênese do capitalismo. Pois o capital tem tendência a reduzir ao necessário o trabalho vivo diretamente empregado, a encurtar o trabalho requerido para fabricar um produto, explorando as forças produtivas sociais do trabalho e, portanto, a economizar o mais possível o trabalho vivo diretamente aplicado. (GORZ, 2005).

Se observamos de perto a produção capitalista verificamos que procede de maneira extremamente parcimoniosa com o trabalho efetuado, corporificado em mercadorias. Entretanto, mais do que qualquer outro modo de produção, esbanja seres humanos, desperdiça carne e sangue, dilapida nervos e cérebro. Todas as parcimônias decorrem do caráter social do trabalho e é de fato esse caráter diretamente social do trabalho a causa geradora desse desperdício de vida e da saúde dos trabalhadores. (MARX, 1974).

Diante do exposto pode-se construir a hipótese de que o mundo atual do trabalho quer bons trabalhadores, cumpridores de metas, que se adequem às exigências, muitas vezes

contraditórias. Espera-se dos trabalhadores inovação, autonomia e conformação, respeito aos outros e que sejam vencedores, questionadores, mas sem perturbar a ordem imposta.

No caso do trabalhador informal que aqui, particularmente, também é um imigrante pendular na fronteira, a ordem imposta, o perfil esperado é a obediência diante das leis brasileiras e para com as autoridades, e ainda sentir-se e reconhecer-se inferior, desse modo não impondo seu idioma, cultura, valorização pessoal. É senso comum que estes comerciantes estão aqui sem pagar impostos e por isso não podem cobrar caro, ocupam um espaço brasileiro e por isso devem respeitar os nacionais, mas a recíproca não é verdadeira. Nossa intenção aqui é demonstrar como o trabalho é agente e espaço de tensão para que possamos conscientizar e humanizar as relações e o trabalho na fronteira.

2.2 A servidão voluntária e a escuta do sofrimento dos trabalhadores informais

Não trataremos aqui a servidão no sentido de escravização e sim de uma servidão simbólica a um sistema que é tirânico e que exige adaptação e submissão do indivíduo para poder se manter no mundo do trabalho, debate que enriquece nosso trabalho pois nos faz refletir sobre a enigmática condição de submissão da população, ao poder minoritário e subversivo do tirano, que aceita a dominação e escolhe ser servil, em contramão à natural tendência de lutar e resistir por sua liberdade. (LA BOÉTIE, 1982).

Dessa forma, frente a um cenário laboral potencialmente adoecedor, faz-se necessária a discussão sobre o conceito de servidão atualmente no contexto do trabalho flexibilizado, a fim de entender a implicação subjetiva dos valores neoliberais na compreensão das dinâmicas organizacionais, dentro do sistema capitalista. (BERNO; FIGUEIREDO; 2020).

Na psicodinâmica do trabalho, o autor Dejours (2008) explica que as patologias sociais de sobrecarga, violência e servidão voluntária, tem sua origem quando o trabalhador faz o uso indiscriminado de estratégias defensivas, mas não encontram eficácia destas frente a realidade do trabalho. A patologia da violência está relacionada à agressividade que pode ser representada em atos de vandalismo, sabotagem, assédio moral e suicídio.

A sobrecarga é expressa na realização de atividades de trabalho além da capacidade, buscando principalmente o reconhecimento dos chefes ou dos clientes, pois este impulsiona a mobilização subjetiva da inteligência e da personalidade no trabalho. Já a servidão voluntária se estabelece nas necessidades de emprego e de conforto, permeadas pela ideologia da excelência e do desempenho que naturalizam a banalização da violência. (DUARTE; MENDES, 2015).

A servidão sempre esteve presente nas convenções sociais, servir interpretava a condição humana, fato intrigante e persecutório que explicita não apenas o ser, mas também as consequências para a existência humana. Os pressupostos éticos da condição humana estão sob a servidão e sobre obedecer, visto que o ocidente se forjou sobre uma mescla inextricável da presença/ameaça da servidão voluntária. (BIRMAN, 2006).

Nos envergonhamos com esta expressão, servidão, já que esta revela nossa condição antropológica, mas na modernidade o homem se vislumbrou como potência constituinte do mundo, conseguindo se libertar da tutela divina e do aprisionamento teológico, e segundo La Boétie (1982), se descobriu na sua condição de servidão, não uma servidão qualquer, mas naquela que se evidencia a marca da vontade humana.

Entre a antiguidade e a modernidade se produziu uma transformação radical, a servidão involuntária se tornou voluntária, transformação plena de consequências para o homem moderno, empreendedor, centrado na razão e no discurso da ciência. Desse modo, a servidão voluntária permaneceu como brasão da modernidade e sob sua condição de paradoxo que impôs desde o século XVI um recomeço permanente do trabalho, já que não se coaduna com o sonho do homem moderno, a liberdade. À medida em que a liberdade era vista como a realização da vontade do sujeito e uma condição para o desenvolvimento do projeto libertário, constituíram-se utopias a respeito desse ideal que permeou a modernidade e se transformou em movimentos sociais poderosos que abalaram o mundo como era conhecido. (BIRMAN, 2006).

Kant (1943) foi o teórico desta liberdade, supondo que o exercício da liberdade fecharia as portas da teodiceia, indicaria o fim da servidão voluntária ou involuntária. Porém, indicando que as relações do sujeito com a liberdade e a servidão eram mais complicadas e paradoxais do que se acreditava anteriormente, outros rumos foram tomados e na construção da democracia no século XIX, a servidão voluntária ocupou territórios reais e imaginários, como o próprio funcionamento da democracia, permeada pelas novas formas de servidão, não apenas pela dimensão de negatividade pelos grupos e segmentos sociais que excluiu, mas também pela sua dimensão de positividade. (BIRMAN, 2006).

Assim, o poder se materializava pela captura dos corpos que se tornavam dóceis e obedientes, assujeitados. A servidão se produz, assim, em todas as suas dimensões, nos eixos voluntário e involuntário, no saber como discursividade e jogos de fala, pela mediação da vontade dos homens, articula-se com as estratégias de poder e se tecem novas modalidades de servidão.

O discurso psicanalítico pretendeu ser uma crítica à modernidade e referindo-se aos seus malefícios, a pauta era libertar o sujeito do determinismo e do jugo do inconsciente, para

ampliar o campo de liberdade e lhe possibilitar maior mobilidade. Estes incidem sobre o campo da sexualidade, sublinhando então Freud (1920) a perda do erotismo do sujeito na modernidade. A moral sexual civilizada representava um tributo para as individualidades, que as pagavam com a ampliação e a severidade das doenças nervosas. O modelo civilizatório desenvolvido se contrapunha de maneira cerrada ao campo das pulsões. Freud explicita as impossibilidades, criadas pela modernidade, das subjetividades. (FREUD, 1920).

O gozo e o erotismo impossibilitados transformam as individualidades e comunidades, de forma que o empobrecimento simbólico e a violência produzida causaram um mal-estar progressivo nas relações sociais. O ser da servidão adquire uma outra perspectiva, permitindo apreender as suas formas de existência no masoquismo como forma de subjetivação e a forma privilegiada de ser da subjetividade, que se protege de um suposto malefício maior produzido pela modernidade, o desamparo. Não se trata a experiência masoquista do simples usufruto do prazer e do gozo com a dor, o que está no cerne é o evitamento do desamparo, na medida em que este é vivido como terror pelo sujeito. O sujeito permite que o outro possa fazer o que quiser, com o seu corpo e o seu espírito, para se proteger. (FREUD, 1924).

A ausência da figura do pai representada na quebra dos pressupostos da sociedade tradicional moderna, nos permite interpretar onde se ancoram as figuras da servidão, seja esta voluntária ou involuntária. Freud (1920) enunciou que não existiria identidade sem passar pela perda do outro e pelo processo de identificação, mas para isso é preciso que as individualidades atravessem o território do desamparo, suportando a dor que o percurso possa promover. A perda da condição de possibilidade do desamparo, também permite ao sujeito o acesso ao desejo e à liberdade. Porém, pelo masoquismo o sujeito evita a perda, não podendo assim conquistar a sua liberdade e desejo. Com isso, o sujeito entra no registro da servidão, já que não quer perder nada, aqui se constitui a experiência do assujeitamento, em que a servidão se constrói nas suas várias modalidades. (BIRMAN, 2006).

Ao refletir sobre a servidão voluntária no Brasil é impossível não se tratar das raízes coloniais e das marcas indeléveis da escravidão, as quais constituíram uma sociabilidade baseada na desumanização do outro, o que corrobora a não desconstrução da servidão voluntária. (WENDLING, 2018).

Diante do exposto pode-se construir a hipótese de que as organizações atuais do trabalho querem bons trabalhadores, cumpridores de metas, que se adequem às exigências, muitas vezes contraditórias. Espera-se que os trabalhadores sejam inovadores, autônomos e conformes, respeitem os outros e sejam vencedores, questionadores, mas que não perturbem a ordem imposta.

O fenômeno da informalidade no contexto do trabalho impacta na saúde dos sujeitos que vivem essa forma de trabalho que reflete sobre aspectos da saúde mental, devido à relação que há entre a cultura e o mundo psíquico, já que este pode transferir informações ao mundo externo. (MARTINS-BORGES, 2013).

A recente crise global nos faz presenciar, no contexto do trabalho, o desperdício da força e inteligência humana, bem como, a corrosão do trabalho contratado e regulamentado. Vive-se agora a ampliação de grandes contingentes que se precarizam ou perdem seu emprego e o surgimento de novos modos de sobretrabalho, paralelamente à expansão de profissionais capazes de operar o maquinário avançado e praticar atividades dotadas de maiores qualificações, que ativa e efetivamente agrega valor. Percebe-se que na contemporaneidade do trabalho todos os espaços existentes precisam ser convertidos em geradores de mais-valor. (ANTUNES, 2014).

Desse modo, pode-se observar a configuração de um universo caracterizado pelos mais distintos e diversificados modos de informalidade, como a uberização, os terceirizados, o cooperativismo, o empreendedorismo, ampliando dessa forma, o invisibilizado. Mas que ao mesmo tempo potencializa mecanismos geradores do valor, ainda que sob a aparência do não-valor, utilizando-se assim da autoexploração do trabalho. (CARRETEIRO, 2014).

O Brasil encontra-se sob um regime democrático em que se supõe que há entre as pessoas equidade e liberdade. Nesse sistema, o reconhecimento do sofrimento requer pensar que é possível sentir empatia pela experiência que o outro ser humano vivencia. Dessa forma, para a escuta ativa e efetiva do sofrimento do outro, é preciso reconhecer o próprio sofrer, implicando assim um duplo movimento.

Necessita-se tomar em conta o conjunto dos atravessamentos que afetam esse processo e aqui, neste estudo, vamos considerar o contexto situacional utilizando também a escuta, um dispositivo central na psicodinâmica do trabalho, analisando o espaço, o tempo, as condições e os limites de possibilidades presentes nas organizações e instituições onde ocorrem. Escutar é poder permitir os desdobramentos na dualidade do trabalho no campo laboral, o prescrito e o real. (CARRETEIRO, 2014).

Por isso é preciso uma escuta sensível ao conjunto do campo do trabalho analisando como todos os fatores do ideário liberal citados, atravessam a vida dos trabalhadores e quais tipos de defesas e potencialidades eles encontram para poder continuar trabalhando. A escuta das potencialidades deve ser ativa e efetiva, considerando o poder de agir, tanto dos coletivos, quanto dos trabalhadores nas organizações. A escuta deve estar alerta para poder identificar as

barreiras que se constroem e impedem a possibilidade de pensar e questionar, sendo assim, distinguir o poder de agir da obrigação de agir é imperativo.

Morin (1990) esclarece que a escuta não é unicamente do sujeito, mas principalmente do sujeito-trabalhador, e não deve perder de vista a dimensão da atividade na construção de sua subjetivação. É importante conhecer o fato de que os trabalhadores têm um saber e a escuta do profissional é posta à disposição para se pensar cenários analíticos e de ações.

O trabalho real se deixa conhecer por aquele que trabalha por sua resistência aos procedimentos, técnicas e prescrições. O mundo real confronta o sujeito levando-o ao fracasso e provocando uma experiência dolorosa, desagradável, com sentimentos de impotência ou angústia, até mesmo de irritação, raiva, decepção ou desânimo. Dessa forma, entende-se que é afetivamente que o real do mundo se manifesta para o sujeito. (DEJOURS, 2012).

“A princípio, portanto, trabalhar é fracassar, trabalhar é sofrer. E a solução é um produto direto do sofrimento no trabalho” (DEJOURS, 2009, p. 51). Se trabalhar é fracassar, isso significa que no trabalho a normalidade supõe a existência de sofrimento. No entanto, a normalidade não implica ausência de sofrimento. Assim, o sofrimento sob esta abordagem, é fruto da organização do trabalho e estará presente, o que diferencia é saber escutar se o sofrimento é patológico ou não, e para tanto é imprescindível em contextos laborais identificar os mecanismos de defesas que podem estar presentes para a manutenção da organização de trabalho, ressaltando que para poder ser escutado não deve ser abstraído das condições organizacionais que o engendraram e sustentam. (CARRETEIRO, 2014).

Contudo, aqui não se desfaz da ideia da centralidade do trabalho. O trabalho formal, como instituído historicamente, tem papel na elaboração e validação de subjetividade e autoestima do ser humano, ou seja, é um aspecto importante na concepção de sua identidade. (FALCI; SOUZA; SCATOLIN, 2020). É um meio para o equilíbrio da estrutura psíquica e possui a função de construção do reconhecimento social, já que o ato de produzir permite o reconhecimento de si como alguém singular, original, que existe e tem importância social. Contudo, para se manterem empregados, produtivos e atuantes, os sujeitos passam por um precário equilíbrio entre as forças desestabilizadoras dos sujeitos, causando muito sofrimento. (LANCMAN; UCHIDA, 2003).

Por isso, os fenômenos psicológicos precisam ser analisados dentro dos contextos reais em que as pessoas vivem, devido ao fato de que a mente humana só pode ser compreendida por meio dos aspectos interrelacionais que a caracterizam e a constituem, ou seja, através das mudanças que ocorrem ao longo da vida e das mudanças que se desenvolvem como

consequência da interação com o contexto histórico social e cultural. (ESTABAN; RATNER, 2010).

O que se deve ressaltar é que ultimamente as mudanças sociais são aceleradas e dessa forma, são também fortes e velozes as decorrentes transformações no contexto do trabalho. Estas modificações nas atividades laborais têm atingido todo e qualquer trabalhador, além de contribuir para a construção de ambientes favoráveis ao sofrimento. (CARRETEIRO, 2014).

Na era da hipermodernidade, em que vivemos hoje, todas as características nas questões do trabalho são atravessadas pelo excesso, devido ao contexto contemporâneo em que o mundo do trabalho está inserido, no qual submete o trabalhador a uma série de exigências que demonstram consequências na subjetividade dos trabalhadores. (CARRETEIRO, 2014).

O conceito de temporalidade ganha posição de destaque na hipermodernidade, pois realizar tarefas em menor tempo compõe uma das exigências sobre os trabalhadores. A produtividade, para tornar os trabalhadores mais rentáveis, está associada. Assim, a flexibilidade do tempo, dos trabalhos e maior e melhor rentabilidade são características tão poderosas que exercem cada vez mais uma pressão crescente sobre os trabalhadores. Ainda se observa, atualmente, o elemento especulativo, que assumiu uma enorme presença. Assim, a lógica de que capital gera capital acarreta o modelo, em que tudo é pensado em termos mercadológicos, o mercado é o grande ditador. Afinal o ideário neoliberal, nesta contemporaneidade, prega que é necessário ser um sujeito empreendedor em todos os níveis da vida. (CARRETEIRO, 2014).

Nesse conjunto, a excelência ainda é outra exigência que o trabalhador precisa cumprir, para ser melhor, se superar e cumprir as indicações da organização onde trabalha. Já que o ideal é que se alcance mais. Junto a estes fatores, no contexto do trabalho pode-se observar que o individualismo adquiriu local de prestígio e o indivíduo experimenta posições fragmentadas e isoladas, em decorrência da competitividade acirrada e incorporada aos moldes empresariais. Observa-se então, a fragilização nos coletivos de trabalho, dando lugar a um modelo de gestão que não prioriza a equipe e destaca o individualismo, valoriza as metas e desempenhos individuais, enfatiza valores de excelência, permanente avaliação por desempenho e dessa forma, os trabalhadores sentem continuamente os efeitos da avaliação sobre as atividades que realizam. Aspecto que é grandemente corroborado pelas novas ideologias de gestão que promovem o trabalho por tarefas, nas quais o indivíduo deve se apoiar, cada vez mais, sobre si próprio, se pode resolver tudo a todo momento. (CARRETEIRO, 2014).

A virtualidade dá a sensação de que espaço e tempo se comprimiram, se obtém o conhecimento imediato do que acontece mundialmente o todo tempo. Nessa lógica, aos

trabalhadores não se permite tempo para descanso mental e físico, o que causa estresse e todas as patologias que rondam a saúde do trabalhador. Agrega-se, a todo este conjunto de fatores que pode desencadear um ambiente mental hostil, a ideia da expansão contínua da subjetividade, já que as modernas tecnologias favorecem estar virtualmente em vários lugares e realizar várias atividades simultaneamente, o que coopera para trabalhadores muito mais exigidos pois devem poder realizar mais. (BARNES-HOLMES *et al.*, 2001). Segundo Hamraoui (2013), a invenção contínua de novas e modernas tecnologias incidem sobre a perspectiva temporal, já que os sujeitos vivem em um presente contínuo.

Simultaneamente, a ideologia que regula as atividades no contexto de trabalho na contemporaneidade destaca a liberdade de ação. Dessa forma, observa-se entre as exigências atuais enormes contradições, já que o trabalho realizado deve se enquadrar na qualidade total, não devem ocorrer falhas e, ainda mais, a excelência deve ser durável. A consequência é que se cria um sistema de prescrições ideais associada à figura do trabalhador que segue sendo pressionado a realizar idealmente o trabalho prescrito e por vezes, irreal. (CARRETEIRO, 2014).

Para Lhuillier (2006), existem três tipos de patologias no trabalho, as derivadas da atividade aprisionada, as relacionadas à solidão e as afecções dos maus tratos e da violência. Por atividade aprisionada a autora define que há um excesso, uma sobrecarga física e mental dificilmente tolerada pelo trabalhador e, portanto, podemos entender que as vivências e experiências dos trabalhadores imigrantes podem levar ao acometimento de disfunções já que estes possuem carga horária de trabalho extensa e folgas quase inexistentes em seu contexto de trabalho.

O desejo de lidar com o excesso o afasta da impotência em relação ao trabalho e aos seus contextos, dessa forma, os indivíduos são movidos por uma aliança com o ideal do mundo do trabalho. Porém, este elo ao se romper torna a carga de trabalho insuportável, a impotência e o sofrimento emergem. Este sofrimento pode ser de várias modalidades, paralisando o trabalhador física e/ou psiquicamente, ademais de ter um componente psíquico como a depressão. Ou o contexto de trabalho impede que o sujeito realize suas atividades ou não tem atividade, o que cria um vazio de significação. Interioriza-se a ausência de trabalho como desvalorização da posição social e esses se aproximam do "imaginário da inutilidade", sentindo o peso de estarem distantes dos grandes ideais sociais, em que o trabalho é um forte suporte. Tal perspectiva faz com que os trabalhadores sejam atravessados pelo fantasma da inclusão e eliminação, o que impossibilita evolução a longo prazo. (CARRETEIRO, 2003).

A outra figura do sofrimento que Lhuillier (2006) assinala é a dos maus-tratos e violência, contida nas diversas formas de humilhação, situações em que o trabalhador encontra pouco ou nenhum suporte de resistência à medida que apoios organizacionais se mostram quase inexistentes e na maioria das vezes é o seu corpo que funciona como anteparo dessa violência. (GAULEJAC, 2005).

Diante de todo o exposto, compreender o contemporâneo contexto do trabalho a partir da escuta dos trabalhadores precarizados é importante, pois atualmente se evidencia que os trabalhadores são pensados como máquinas de produção, que devem se superar para não serem descartáveis, situações que engendram sofrimentos. A escuta nas situações de trabalho deve simultaneamente considerar o contexto, a organização onde o trabalho ocorre, as defesas coletivas e a capacidade de agir dos trabalhadores. (CARRETEIRO, 2014).

3. EXPLORANDO DADOS: COLETA, ANÁLISE E RESULTADOS

Nesta seção, buscaremos iniciar uma discussão acerca das relações estabelecidas no local estudado, a partir das experiências vivenciadas na informalidade do contexto do trabalho. Para tanto realizamos a aplicação dos questionários sociodemográficos e as entrevistas em um trecho da Rua Edu Rocha, demarcada na figura abaixo e que possui um aglomerado de trabalhadores informais de origem boliviana e que são migrantes pendulares.

Figura 07 - Trecho da Rua Edu Rocha onde há um aglomerado de trabalhadores informais.



Fonte: Google Earth, 2022.

Nesta etapa da pesquisa realizamos 15 entrevistas que foram transcritas na íntegra. A análise dos dados foi realizada pelo método de análise de conteúdo de Bardin (2011), que consiste em um método aplicável em discursos para examinar a linguagem e as verbalizações dos participantes. Com o objetivo de alcançar pela descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a compreensão e análise da relação entre os participantes e o contexto laboral.

Esta sessão será dedicada à exposição dos resultados adquiridos pelo estudo através da aplicação dos instrumentos com o intuito de levantar as trajetórias e vivências de prazer e sofrimento de trabalhadores informais na cidade de Corumbá, MS, Brasil, que são migrantes pendulares, bem como a articulação com a teoria. Destaca-se que as análises priorizaram os dados quantitativos, mas principalmente, qualitativos levantados via entrevista semiestruturada

e pelo questionário sociodemográfico. Foi complementar às análises de conteúdo de Bardin (2011) auxiliando na interpretação dos dados.

Os questionários foram analisados e tabulados com o uso do Excel versão 2.64, com a ajuda do qual calculou-se, por meio de planilhas eletrônicas, através das quais foi possível verificar a frequência, média e porcentagem dos dados sociodemográficos dos 15 participantes da pesquisa.

As entrevistas foram transcritas na íntegra e o tratamento dos dados foi realizado pela técnica da análise de conteúdo de Bardin (2011). Escolhemos assim o conteúdo, de acordo com as categorias estabelecidas, sob o aporte metodológico de Bardin (2011), já que o autor a define como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 42.).

Assim os dados precisavam ser costurados para que o trabalho fosse concluído e neste contexto a análise de conteúdo pode auxiliar com as informações que foram surgindo e que despontavam para uma possível resposta aos objetivos da pesquisa. Fez-se uma análise criteriosa das verbalizações para que não tivesse sido realizada, conforme aponta Bardin (2011), uma “compreensão espontânea” dos dados que obtivemos. Precisava-se de “vigilância crítica” diante dos dados e, por essa razão, buscamos, por meio das inferências, atribuir-lhes significados.

Foi realizada a pré-análise, que se trata de uma fase de organização dos dados relacionados aos objetivos do estudo, a fim de serem submetidos aos procedimentos analíticos (BARDIN, 2011), tarefa difícil que implicou em escolhas para a elaboração de um plano de análise, já que tínhamos em mãos 15 entrevistas resultantes dos instrumentos de coleta de dados.

Foi realizada uma leitura flutuante, ou seja, estabelecemos um denominador comum entre os dados e buscou-se uma primeira percepção das mensagens neles contidas, deixando-nos “invadir por impressões, representações, emoções, conhecimentos e expectativas”. (FRANCO, 2008, p. 52).

3.1 Caracterização dos entrevistados

Participaram do estudo 15 (quinze) pessoas, sendo 4 (quatro) homens e 11 (onze) mulheres, 66,7% eram proprietários do comércio onde vendiam diferentes produtos, como fraldas, produtos de limpeza, grãos, entre outros. A média de idade dos trabalhadores foi de 41,2 anos. A maioria dos participantes eram casados ou tinham união estável (53,4%) e a média da quantidade de filhos foi de 3,6 por participante. Apenas um trabalhador relatou ter outro emprego simultâneo. Em relação à escolaridade dos participantes, 60% possuem o ensino médio completo e 40% o ensino fundamental completo. Todos os participantes possuem apenas o trabalho informal como fonte de renda familiar, inclusive o participante que possui dois empregos e os dois são trabalhos informais. Os participantes moram em uma média de 6,6 pessoas por casa, sendo que apenas a metade dos que ali vivem contribuem na renda mensal e com os custos.

Tabela 01 - Dados sociodemográficos

Participantes¹	Idade	Gênero	Estado civil	Número de moradores por casa	Nº de moradores que contribuem com a renda familiar
Puerto Quijarro	48	Fem	Solteira	7	1
Santiago de Chiquitos	48	Fem	Casada	6	5
Santa Cruz	53	Fem	Solteira	7	3
El Carmen	43	Fem	Casada	6	3
Yacuces	24	Masc	Solteiro	7	2
Cotoca	39	Fem	União Estável	6	2
Cochabamba	40	Fem	União Estável	5	3
Oruro	30	Masc	Solteiro	7	6
Sucre	26	Fem	Solteira	9	3
Cobija	52	Fem	Solteira	7	3

¹ Aos participantes demos os nomes de cidades da Bolívia, a fim de resguardar sua identidade e trazer para o estudo um pequeno conhecimento sobre nosso país vizinho.

Tarija	43	Fem	União Estável	5	2
Potosí	33	Fem	Casada	7	2
Samaipata	52	Masc	Viúvo	4	2
Montacucito	34	Fem	União Estável	12	6
Puerto Suárez	52	Masc	União Estável	5	1

Fonte: elaboração da autora/2022.

Os participantes trabalham em média 6,3 dias por semana, 60% (n=9) trabalham sete dias por semana por 11,6 horas em média por dia, resultando em uma média de 75,3h por semana. No que diz respeito aos horários de descanso durante o serviço, 53,4% (n=8) dos trabalhadores não possuíam e 46,6% (n=7) relataram ter em volta de 1,5h de descanso por dia.

Tabela 02 - Organização do trabalho

Participantes	Cargo	Nº de dias da semana que trabalha	Horas diárias trabalhadas	Horas trabalhadas por semana	Horário de descanso
Puerto Quijarro	Funcionária	7	12	84	Não
Santiago de Chiquitos	Funcionária	7	12	84	Não
Santa Cruz	Proprietária	6	12	72	Sim
El Carmen	Funcionária	6	12	72	Não
Yacuces	Funcionário	6	8	48	Sim
Cotoca	Proprietária	7	14	98	Não
Cochabamba	Proprietária	7	14	98	Não
Oruro	Funcionário	7	15	105	Sim
Sucre	Proprietária	7	15	105	Sim
Cobija	Proprietária	7	12	84	Não
Tarija	Proprietária	3	6	18	Não
Potosí	Proprietária	7	9	63	Sim

Samaipata	Proprietário	6	10	60	Sim
Montacucito	Proprietária	7	12	84	Não
Puerto Suárez	Proprietário	5	11	55	Sim

Fonte: elaboração da autora/2022.

Dos participantes 73,4% (n=11) não possuem enfermidades de base, já 26,6% (n=4) relataram doenças como Hipertensão Arterial Sistêmica em tratamento e Doença de Chagas, 6,7% (n=6) dos participantes fumam e 53,4% (n=8) fazem uso de bebida alcoólica socialmente, um participante relatou fazer uso de substâncias ilegais.

Tabela 03 - Dados de saúde

Participantes	Problemas de saúde	Fuma	Ingere bebidas alcoólicas	Uso de substância ilícita
Puerto Quijarro	Não	Não	Não	Não
Santiago de Chiquitos	Hipertensão	Não	Não	Não
Santa Cruz	Não	Não	Não	Não
El Carmen	Não	Não	Sim	Não
Yacuces	Não	Sim	Sim	Não
Cotoca	Não	Não	Não	Sim
Cochabamba	Doença de Chagas	Não	Sim	Não
Oruro	Não	Não	Não	Não
Sucre	Não	Não	Sim	Não
Cobija	Não	Não	Não	Não
Tarija	Hipotensão	Não	Não	Não
Potosí	Não	Não	Sim	Não
Samaipata	Hipertensão	Não	Sim	Não
Montacucito	Não	Não	Sim	Não
Puerto Suárez	Não	Não	Sim	Não

Fonte: elaboração da autora/2022.

Importante ressaltar que a maioria dos participantes são mulheres, apontando para a evidência empírica de que a migração pendular e o trabalho informal realizado por elas reforça uma relação pautada em diversas pesquisas entre a migração internacional, gênero e trabalho.

A precariedade das formas de inserção no mercado laboral formal entre parte dos imigrantes internacionais é reforçada neste estudo, pois 14 imigrantes afirmaram que nunca tiveram sua carteira de trabalho assinada, revelando a existência de um grupo altamente vulnerável às várias formas de superexploração. Atualmente nenhum dos participantes possui carteira assinada

Todas essas evidências reforçam a existência desse movimento migratório pendular ainda escassamente estudado, visto que não tive acesso a muitas bibliografias a respeito desse movimento em particular.

Assim, por meio dos resultados observa-se a importância da visibilidade por parte dos governos a esse público, bem como a atualização e implementação de políticas públicas voltadas a informar os imigrantes e toda a comunidade sobre a questão de saber o que compreende o trabalho informal.

Dessa forma, apresentaremos elementos importantes a esse debate, pois ainda que a maior parte dos entrevistados tenha afirmado saber o que é trabalhar de carteira assinada, muitos não sabem seus direitos sociais, como as garantias previstas a todos os imigrantes internacionais no Brasil.

A pesquisa apontou também que existe o amplo acesso ao cartão SUS (Sistema Único de Saúde) brasileiros, já que todos os entrevistados tinham esse documento e declararam fazer uso dos serviços públicos de saúde, como o pronto socorro ou postos de saúde da cidade quando necessário.

Tabela 04 - Vivências no trabalho relatadas por migrantes pendulares

ITENS	%
Ambiente de trabalho adequado	60% consideram adequado
Consegue se proteger no contexto do trabalho	53,33% conseguem
Tempo trabalhando de maneira informal	média de 20 anos
Trabalhar em finais de semana e feriados	100%
Satisfeito	80%
Reconhecido	73,33%
Possui recursos necessários para trabalhar	13,33%

Considera o salário condizente	40%
Boa relação com os trabalhadores vizinhos	100%
Viver na fronteira influencia positivamente o trabalho	80%
Bom relacionamento com autoridades brasileiras	73,33%
Controlar emoções/disfarçar sentimentos	86,66%

Fonte: elaboração da autora/2022.

Os resultados apontam que os participantes nutrem um sentimento de orgulho pela profissão desempenhada, seguido do sentimento de satisfação pelas tarefas que realizam, que esteve presente em 100% das verbalizações. No que concerne aos índices do cansaço ao fim do dia profissional o dado demonstra preocupação dada a média alta apresentada em 98%, bem como o estresse em 78%. No estudo, consideramos que a trajetória e ambas as vivências, de prazer e sofrimento, coexistem, sendo inerentes ao ato de trabalhar.

Tabela 05 - Sentimentos no trabalho

ITENS	Sim	Não
Mau-humor	33,30%	66,70%
Vontade de desistir	26,60%	73,40%
Tristeza/Sufrimento	53,30%	46,70%
Indiferença	46,70%	53,30%
Conflitos nas relações	26,60%	73,40%
Agressividade	40%	60%
Impaciência	60%	40%
Dores no corpo	73,40%	26,60%
Dores de cabeça	60%	40%
Problemas digestivos	13,30%	86,70%
Distúrbios do sono	26,60%	73,40%
Alterações no apetite	6,60%	93,40%
Medo/Insegurança	40%	60%
Injustiça	66,70%	33,30%
Discriminação	80%	20%
Orgulho	100%	0%
Sobrecarregado	66,70%	33,30%

Autonomia	93,30%	6,70%
------------------	--------	-------

Fonte: elaboração da autora/2022.

3.2 História de vida e trabalho

3.2.1 Puerto Quijarro

Esta entrevistada é uma mulher solteira de 48 anos, que estudou até o ensino médio, é funcionária da loja e optou por trabalhar como informal e já o faz há quase cinco anos, pois não achava outro emprego. Relatou que por vezes considera seu ambiente de trabalho perigoso, quanto ao grau de dificuldade disse que é normal e não vê problemas em trabalhar sem carteira assinada. Nos contou que durante a pandemia conseguiu proteger-se e a família também.

Sobre sua jornada nos contou que acorda cedo e vai direto abrir sua loja, indo embora somente às 19 horas. Disse que ela mesmo faz as regras do seu dia a dia no trabalho e divide as tarefas com os filhos.

Explicou que atualmente não precisa de esforço para trazer clientes, ainda nos disse que hoje está satisfeita trabalhando ali e que a renda é suficiente para a família, mas que houve tempos de passar necessidades.

A relação com os outros comerciantes é de ajuda e nunca teve briga. Ela não considera que viver na fronteira é melhor no seu trabalho, mas também disse que não possui outra experiência pois sempre morou nesta região.

No final do dia fica mal-humorada e às vezes tem vontade de desistir, mas não fica triste ou sofre. Explicou que por trabalhar aqui já sentiu indiferença e insegurança, mas nunca foi discriminada. Sobre sua saúde disse que quando está muito calor tem dores no corpo e de cabeça, mas não tem problemas pra dormir. Não se sente sobrecarregada e gosta da independência que a informalidade lhe proporciona.

3.2.2 Santiago de Chiquitos

Esta participante, é uma mulher casada de 48 anos, que estudou até o ensino fundamental e trabalha nesta localização há 9 anos como funcionária, sempre trabalhou neste ramo e antes

fazia parte dos comerciantes da feirinha BrasBol², relatou que o ambiente de trabalho por vezes não é adequado, mas como não possui outro se conformou.

Sobre sua jornada nos contou que acorda e vem direto trabalhar. Não segue regras impostas e quando os produtos vencem a validade joga fora e fica o prejuízo, porque a empresa não realiza a troca. Os produtos que vende foram adquiridos com renda própria e com empréstimos em bancos, explicou que não encontra dificuldades para vendê-los.

Nos contou que não possui folga em feriados ou finais de semana. Para trazer cliente considera que é preciso apenas ter produtos disponíveis. Se diz satisfeita com os recursos que possui. Relata que sua renda poderia ser melhor, se não houvesse tantos impostos sobre os produtos.

Sobre o relacionamento com seus vizinhos comerciantes e colegas de trabalho, nunca teve problemas de relacionamento, apenas se aborrece quando é hora de entrega de mercadoria, porque às vezes os produtos estão em mau estado de conservação. Nos contou que a relação entre os familiares com quem divide as tarefas laborais é boa.

Acha que morar na fronteira facilita em seu trabalho porque os filhos são brasileiros. Relatou que com as autoridades brasileiras, se relaciona bem. Não relatou medo, mas se diz exausta no final do dia. Acorda bem pra enfrentar um dia de trabalho e fala que faz esforço físico, se no momento não tem quem ajuda, não acha que o trabalho agravou a patologia de base que possui e relatou que precisa se controlar emocionalmente em algumas ocasiões.

Fica mal-humorada e não tem vontade de desistir, não fica triste ou sofre. Explicou que por trabalhar aqui já sentiu indiferença e teve conflitos fora do ambiente de trabalho, nunca ficou agressiva, mas já foi discriminada e se sentiu injustiçada. Sobre sua saúde disse que tem dores no corpo e de cabeça, além de problemas digestivos, dorme mal e se sente sobrecarregada, mas gosta da independência que ser trabalhadora informal lhe dispõe.

4.2.3 Santa Cruz

Esta entrevistada é uma mulher de 53 anos, solteira e que estudou até o ensino médio. É proprietária de sua barraca, mas não possui loja e fica trabalhando na calçada. Para tanto, paga um valor para o aluguel da calçada para o comerciante ao lado que é o “dono” do ponto. Enquanto fazíamos a entrevista o “dono” chegou para cobrar o aluguel, nossa entrevistada ficou

² Brasbol: localmente conhecida como feirinha, era uma feira da fronteira localizada na rua Edu Rocha em Corumbá, composta por um espaço que agregava comerciantes informais, em sua maioria de origem boliviana, que foi extinta no ano de 2013.

constrangida e chorou, pois disse que tinha pouco tempo que havia aberto e ainda não possuía o dinheiro do dia para quitar, com rudeza o “dono” disse que voltaria em meia hora.

Mesmo assim, nossa entrevistada relatou gostar de seu ambiente de trabalho, mas disse que se conseguisse pegar um salão para trabalhar, teria uma estrutura melhor. Continua com os cuidados recomendados sobre o uso de máscara e álcool para sua proteção, como fez durante os períodos mais duros da pandemia também.

Desde que acabou a feira Brasbol trabalha, totalizando mais ou menos 10 anos no local. Para almoçar precisa pagar marmita. Os produtos que comercializa são comprados aqui no Brasil e tem fornecedores. Os produtos fora de validade ou que chegam com defeito conseguem devolver e trocar por outras coisas.

Ao nos contar sua jornada disse que chega e monta a barraca, tenta vender os produtos, desmonta no fim do dia e vai embora. Em feriados e final de semana só trabalha até meio dia. Para atrair clientes faz promoção e desconto.

Reconhece que não conta com os recursos necessários para trabalhar e acha que para ter um trabalho de qualidade precisaria de mais dinheiro pois o que ganha não é suficiente, visto que só paga luz, água e alimentos de casa. Disse ter uma boa relação com os outros comerciantes. Quando acorda para mais um dia de trabalho, espera que possa vender o que precisa.

Considera que viver na fronteira é bom para o comércio, mas no trabalho anterior na feirinha tinha mais movimento e era bom o comércio. A relação com as autoridades brasileiras é inexistente. No final do dia fica cansada e no outro dia de manhã já fica preocupada.

Explicou que precisa fazer esforço físico e mental, pois controla as emoções para não discutir e não estressar. Disse não ficar mau humorada e também não tem vontade de desistir, às vezes fica triste, mas não sofre. Não sente indiferença e diz nunca ter sofrido preconceito por ser boliviana e nem por trabalhar aqui. Não relatou sentir orgulho, mas se sente bem. Vive sobrecarregada, mas gosta de ser autônoma.

4.2.4 El Carmen

Esta participante é funcionária da loja, possui 43 anos, é casada e estudou até o ensino médio, trabalhou na feirinha e está há dez anos nesse lugar e acha que se tivesse mais ventilação na loja seria melhor. Não sabe o que é trabalho informal e nem os direitos para quem tem carteira assinada. Em caso de acidentes de trabalho, procura o SUS. Relatou que trabalhar aqui

no Brasil é mais conveniente que em seu país, se relaciona bem com as autoridades, mas relata que já houve perda de mercadorias em batidas policiais.

Sobre sua jornada acorda e vem direto abrir o comércio, a primeira refeição que faz, já é em Corumbá. Relatou que os produtos são adquiridos com recurso próprio e quando ficam próximos à data de vencimento são doados.

Trabalha feriados e finais de semana, se sente satisfeita e reconhecida pelo seu trabalho. O salário não julga ser o que merece, e relatou que um policial a xingou, e foram parar na delegacia.

Com tudo isso, continua por precisar, se sente cansada no fim do dia, por isso chega em casa e já não faz mais nada. Disse que acorda cansada, mas tem que vir, não tem outro jeito. Pelo estresse que passa aqui controla as emoções e de vez em quando viaja um pouco.

Não relatou mau humor, vontade de desistir, tristeza ou sofrimento, conflitos nas relações pessoais fora do trabalho, agressividade, impaciência, dores, problemas digestivos, distúrbios do sono, alterações no apetite, mas já sentiu indiferença, medo e insegurança, por isso a loja é fechada às 18h30min. Já foi discriminada, se sente sobrecarregada, mas gosta da autonomia.

4.2.5 Yacuces

Este indivíduo é funcionário da loja, trabalha há dois meses e durante a entrevista a filha da proprietária esteve sempre por perto, mesmo tendo procurado um local mais reservado. Ele nos disse que seu ambiente de trabalho é bom. Não sabe o que é trabalho informal, nunca teve carteira assinada, mas gostaria de ter por que sabe de algumas vantagens.

Diz que em seu trabalho consegue se proteger, mas caso aconteça alguma coisa recorre ao SUS. Acha que o ambiente de fronteira é melhor para trabalhar, e já que é funcionário não tem contato quando a polícia vem. Este participante prefere não ir diariamente para a Bolívia, passando aqui alguns dias, mas não quis especificar o motivo.

Sobre sua jornada disse que consegue ter tempo de acordar e tomar café da manhã antes de ir pro trabalho, em que possui funções que consistem em colocar as coisas para o lado externo de sua loja, atender o público, repor produtos e organizá-los. Domingo é o seu dia de folga.

Disse se sentir satisfeito e reconhecido por fazer esse trabalho. O salário considera suficiente e não se sente pressionado. Possui um bom relacionamento com os outros e continua trabalhando aqui para ajudar as filhas, porém pretende continuar aqui só até encontrar um

emprego melhor. No fim do dia se sente bem, não acha que faz esforço ou que seu trabalho pode deixá-lo doente. Diz usar a mente para controlar os sentimentos as vezes.

Não tem mau humor, vontade de desistir, tristeza ou sofrimento, conflitos nas relações pessoais fora do trabalho, agressividade, impaciência, dores, problemas digestivos, distúrbios do sono, alterações no apetite, indiferença, medo, insegurança, nunca foi discriminado e não está sobrecarregado. Porém já sentiu impaciência, sente orgulho de seu trabalho e gosta da autonomia, mas preferia ter carteira assinada.

4.2.6 Cotoca

A entrevistada denominada Cotoca há 14 anos trabalha nesse comércio e sempre trabalhou como informal. É uma mulher de 39 anos, que vive em uma união estável e estudou até o ensino fundamental. Ela nos contou que acha seu ambiente de trabalho bacana, pois já se sente acostumada a trabalhar, já que está nesse setor há anos. Sabe que falta alguma coisa para que possa ser um ambiente melhor, mas não soube relatar o quê.

Como dificuldade elegeram que ao final do mês cai o movimento. Não sabe o que é ser um trabalhador informal ou os benefícios de obter uma carteira assinada. Disse não conseguir se proteger de acidentes de trabalho e se acontece alguma coisa utiliza o SUS. Viver na fronteira considera bom porque acha mais seguro e a empresa que vende mercadoria libera pagar os produtos com boleto.

O relacionamento com as autoridades e o trajeto de ir e voltar da Bolívia é tranquilo todo dia. Como regras do trabalho que realiza, precisa limpar, organizar as mercadorias assim que chegam para não misturar. Os produtos foram comprados com recurso próprio a princípio porque existe morosidade para fazer os cadastros nas empresas, visto a necessidade de inúmeros documentos e burocracias.

Quando os produtos saem da validade fica no prejuízo porque as empresas não trocam, também já perdeu mercadoria em fiscalizações. Faz esforço físico e mental, mas possui um funcionário para ajudar.

Gosta de seu trabalho e não folga nenhum dia, se sente reconhecida e satisfeita. Durante o dia de trabalho consegue sentar e descansar um pouquinho, relatou que desse trabalho sai o sustento dos filhos. Não se sente pressionada e se relaciona bem com os colegas e clientes, continua aqui porque já está acostumada.

Ao fim do dia de trabalho está cansada, mas no outro dia acorda com esperança que seja um dia melhor. Não fica com mau humor, não pensa em desistir, não relata conflito,

agressividade, impaciência, problemas digestivos, distúrbios do sono, alterações no apetite, medo, ou estar sobrecarregada.

Mas sente tristeza, indiferença por já ter sido ofendida por trabalhar em loja assim na rua, por ser boliviana, sente dores, injustiça e já viveu discriminação, mas, contudo, ainda sente orgulho e gosta de ser autônoma.

4.2.7 Cochabamba

Esta entrevistada é uma mulher de 40 anos, que vive em uma união estável e estudou até o ensino fundamental, trabalha neste local como informal há 25 anos com os filhos, sem feriado e sem domingo, reconhece a falta de ventilação no ambiente. Utiliza o SUS quando preciso. Disse que viver na fronteira facilita e não tem problemas para passar pela rodovia que liga os dois países. Seus produtos são provenientes de empresas que cadastraram esses trabalhadores e vendem por boleto. O que vence doa porque as empresas mandam quase vencendo a data. A polícia federal já prendeu sua mercadoria e teve prejuízo. Sente que tem reconhecimento pelo seu trabalho e consegue descansar na loja, colocou uma caminha no fundo.

Gostaria de ganhar mais, mas disse que tem gente que pede muito desconto porque é boliviana, mas não se sente pressionada. Tenta um bom relacionamento com todos, sente que já pertence a Corumbá. No fim do dia está cansada, faz esforço físico e emocional, e diz que já precisou controlar as emoções pois o trabalho só a deixa estressada.

Não relatou mau humor, vontade de desistir, agressividade, impaciência, dores de cabeça, problemas digestivos, distúrbios do sono, alterações no apetite, medo, insegurança ou injustiça, mas já sentiu indiferença, já foi discriminado, se sente sobrecarregada, gosta da autonomia, mas tem sofrimento, conflitos nas relações pessoais fora do trabalho, dor no corpo e se sente sobrecarregada.

4.2.8 Oruro

Este participante é homem, tem 30 anos, é solteiro e funcionário da loja onde trabalha há 5 anos todos os dias com sua mãe, mas é a primeira vez no comércio, pois sempre foi taxista na Bolívia, profissão que exerce em simultâneo até hoje. Considera adequado seu ambiente de trabalho. Não sabe o que é trabalho informal. Disse que consegue se proteger de doenças e acidentes de trabalho e quando preciso utiliza os serviços do SUS. Morar na fronteira, para ele, ajuda no comércio e ser taxista. Possui bom relacionamento com a polícia e a prefeitura.

A trajetória pela rodovia não lhe causa desconforto, e ao chegar arruma, limpa, passa pano, abastece a prateleira. A regra que segue é todo dia olhar a data de vencimento, o que vence joga fora e fica o prejuízo. Em seu dia de trabalho o que o deixa mais feliz é vender. Sente satisfação e reconhecimento de seu trabalho. Consegue descansar e acha que o que ganha está bom até agora. Nunca teve briga, problema e nem conflito, mas controla um pouquinho as emoções que sente como o mau humor, a impaciência.

Relatou ter problemas digestivos, distúrbios do sono, dores, agressividade, vive injustiças, sente orgulho e acha que está sobrecarregado, mas não pensa em desistir, não sente tristeza, não acha bom ser autônomo pois não tem segurança, nunca foi discriminado, não sente medo, não viveu conflitos, não tem alterações no apetite e não sente indiferença.

4.2.9 Sucre

Esta participante é uma mulher solteira de 26 anos, é proprietária de sua loja e trabalha aqui há 16 anos e diz que sua estrutura de trabalho é boa, mas melhoraria se tivesse mais ventilação e luz. Vive a dificuldade de precisar trazer o filho para o trabalho. Diz que não tem dificuldade de trabalhar sem carteira assinada e conhece os benefícios.

Reconhece que fica exposta e vulnerável em seu ambiente de trabalho por não conseguir evitar os acidentes e vai para o pronto socorro da cidade quando precisa.

Sua rotina é corrida, acorda e arruma a filha para levar para escola, abre a loja em seguida, busca na escola, faz o almoço ali mesmo no local de trabalho, coloca alguns produtos na rua, todo dia limpa, abastece, confere a data de vencimento dos produtos e quando falta uma semana para vencer os coloca em promoção e o que não vende doa para quem passa na rua pedindo ajuda.

Disse que a polícia já tomou produtos da loja e que foi muito dolorido e que não teve como recuperar, por isso o prejuízo é muito e trabalha de segunda a segunda

Compra os produtos no boleto e à vista. Se sente satisfeita fazendo o seu trabalho, com o reconhecimento que identifica. Gostaria de possuir segurança principalmente. Já teve muitos conflitos com os clientes que abusam por ser boliviana e exigem preços baixos demais e por isso o que a faz permanecer é que seu filho já se acostumou, mas tem a perspectiva de voltar para a Bolívia.

Por ser fronteira acredita que facilita pois tem muitos clientes bolivianos. No final do trabalho está cansada pois fica das sete horas da manhã até às dez horas da noite, todo dia na

mesma rotina, contou que faz muito esforço físico carregando as sacas de milho que pesam quarenta quilos.

Não relatou ter mau humor, sente vontade desistir, tristeza, indiferença e bastante medo de ser assaltada, já foi injustiçada, mas sente orgulho, bem como sente que está bastante sobrecarregada, mas prefere ser autônoma e independente.

4.2.10 Cobija

Esta participante mulher, solteira, de 52 anos, estudou até o ensino médio, é proprietária e não considera seu ambiente seguro, gostaria que tivesse mais policiamento na região. Contou que trabalha há 30 anos e acha que é um emprego escravizado, mas como não estudou não tem opção pois tem cinco filhos e não acha que conseguiria com outro tipo de trabalho que não esse. Diz que não tem como se proteger e que durante a pandemia a cada pessoa higienizava tudo, usavam e trocavam de máscara com frequência.

Quando precisa vai ao posto de saúde, pronto socorro. Trabalhava antes na feirinha e há 7 anos está neste ponto. Contou que queria morar aqui porque ir voltar, para ela, é perigoso, moroso e economicamente inviável.

Relatou sua rotina e suas tarefas na loja, onde tem ajuda dos filhos, disse que faz suas próprias regras de trabalho. Os produtos adquiridos são pagos por boleto. Se perde a validade é descartado. Aos feriados trabalha porque o movimento é bom. O que mais gosta de fazer é vender e o que menos gosta é a limpeza. Não está 100% satisfeita, mas sente reconhecimento. Relata que o seu ganho não é suficiente, que cada dia trabalha mais e ganha menos e que precisava ganhar mais para poder compensar o cansaço.

A relação com os outros comerciantes é tranquila, muitas vezes tem conflito com o cliente pois reclamam muito do preço. Considera que para o comércio é bom viver na fronteira, mas disse que a prefeitura sempre passa por aqui e pede que não se coloque produto na rua e que sempre obedece para não ter problema.

No fim de um dia de trabalho nossa participante relatou sentir esgotamento, mas ao mesmo tempo gratidão. Faz mais esforço mental e reconhece que nesse ambiente e com essa rotina cansativa todos os dias pode adquirir qualquer doença.

Disse que sempre precisa controlar as emoções com clientes e vendedores. Fica mau humorada, pensa em desistir, sente indiferença, impaciência, tem problemas digestivos, distúrbios do sono, dores e medo. Mas não relatou tristeza, agressividade, orgulho, não acha

que a autonomia valha a pena, não acha que tenha vivido discriminação e injustiça, não teve conflitos, alterações no apetite e não se sente sobrecarregado.

4.2.11 Tarija

Esta participante tem 43 anos, vive em uma união estável e estudou até o ensino fundamental, trabalha aqui há seis anos todos os dias e antes trabalhava na feira Brasbol é proprietária de seu negócio e não possui funcionários em sua loja, disse que gostaria de ter carteira assinada no Brasil. Considera seu ambiente de trabalho adequado para trabalhar, mas gostaria de ter um local fixo pois sua maior dificuldade é quando chove.

Recorre ao hospital de Corumbá em caso de acidentes e acha que viver em um ambiente de fronteira facilita o trabalho. O relacionamento com as autoridades é bom, mas não fica tranquila ao precisar passar pela fronteira com a mercadoria.

Explicou que sua jornada é sempre uma correria pois, sai de casa de manhã cedo e quando volta tem as tarefas de casa. A regra que segue no seu trabalho todos os dias é arrumar, limpar e guardar os produtos que vai pagando e comprando.

Já teve mercadoria recolhida pelos policiais e não recuperou. A tarefa que mais gosta é vender. As pessoas a reconhecem e se sente satisfeita por isso. Em sua barraca possui uma cadeira onde consegue sentar-se para descansar. Relata que o que se ganha é suficiente para suas despesas. Não se sente pressionada e tem um bom relacionamento com os colegas de trabalho.

Contou que continua trabalhando aqui porque precisa. Tem sentido o peso da idade e fica cansada, mas acorda animada para vir para o trabalho. Considera que faz mais esforço emocional, não encontra motivos para ficar doente no trabalho, mas reconhece que em alguns momentos precisou controlar a raiva.

Não relatou mau humor, vontade de desistir, sentir indiferença, ocorrência de conflitos, alterações no apetite, ficar impaciente, ter problemas digestivos, distúrbios do sono, dor de cabeça, ter vivido injustiças ou estar sobrecarregada.

Nos disse que sente tristeza, já ficou agressiva, tem dores no corpo, já viveu discriminação e por vezes sente medo, bem como nutre orgulho pelo seu trabalho e gosta de ser autônoma.

4.2.12 Potosí

Esta participante é proprietária de uma barraca, tem 33 anos, é casada e estudou até o ensino fundamental, possui funcionários e trabalha como informal há dezessete anos todos os dias. Considera que seu ambiente de trabalho precisaria ser mais fresco. Não possui conhecimento da diferença entre ser um trabalhador informal e possuir um trabalho formal.

Explicando sua rotina nos contou que precisa sair de casa às três horas da madrugada quando acorda e vem direto trabalhar, sua primeira refeição do dia já é aqui em Corumbá. Todos os dias faz a mesma coisa, arruma tudo, vende, recolhe tudo e volta pra casa, para ela a parte mais difícil de seu trabalho é precisar desmontar a barraca.

Recorre ao pronto socorro de Corumbá quando é necessário. Não entende que morar na fronteira seja bom para trabalhar desse jeito. Se relaciona bem com as autoridades, mas atravessar a fronteira todos os dias é uma dificuldade para ela, pois a revistam e quando perde a mercadoria não consegue recuperar nada, por isso compra seus produtos aqui no Brasil.

Sente reconhecimento pelo seu trabalho e isso a deixa satisfeita. Possui estrutura para ir ao banheiro e consegue sentar-se para descansar durante seu horário de trabalho. Considera seu ganho condizente com o trabalho que realiza, mas se sente pressionada para realizar vendas.

Nunca teve nenhum problema com outro comerciante, mas com clientes sim. Continua trabalhando dessa forma porque precisa manter os filhos e não tem estudo. Só espera levar sustento para casa. Tem bom relacionamento com seu funcionário. No fim do dia está cansada, mas quando acorda vem alegre trabalhar. Seu esforço é mental e físico também, considera que suas atividades podem deixá-la doente, mas não precisa controlar suas emoções porque sempre se sente tranquila.

Não relatou apresentar mau humor, sentir vontade de desistir, indiferença, ter conflitos, alterações no apetite, impaciência, problemas digestivos, distúrbios do sono ou medo. Relata tristeza, episódios em que se sentiu mais agressiva, tem dores, sente orgulho pelo trabalho que exerce, gosta da sua autonomia, já viveu discriminação e injustiças, bem como se sente sobrecarregada.

4.2.13 Samaipata

Este entrevistado de 52 anos, é viúvo, começou nos contando sua jornada, ele é proprietário de sua barraca e trabalha com informal há 25 anos, todos os dias e sai de casa às 4 da madrugada, reconhece que acha seu ambiente de trabalho adequado porque se acostumou, mas é precário. Relata que sua maior dificuldade é não ter banheiro e bebedouro de água. Como

trabalho informal identifica que não tem ganho fixo e registro em carteira. Utiliza o SUS quando necessita por passar mais tempo aqui do que em seu país.

Não acredita que viver na fronteira facilita pois considera o caminho perigoso e precisa fazê-lo todos os dias, se sente pressionado no trajeto, gostaria de morar e trabalhar no Brasil.

Durante a manhã, em seu primeiro ponto de trabalho arruma as mercadorias, mas às 11 horas já começa a embalar tudo pra ir pra outro ponto. Segue as regras que precisa, pois disse que cada barraca tem o seu lugar e precisa respeitar isso.

Para adquirir mercadorias relatou que usa de todos os artifícios, paga depois ou a vista, viaja a São Paulo para comprar, isso tudo para poder circular o dinheiro. Já perdeu mercadorias por não ter nota fiscal.

O que mais gosta em seu trabalho é organizar seus produtos, sentar-se e vender. Relatou que tem dias que não vende, mas que o importante é cumprir o dever de ir trabalhar. Não gosta de guardar as coisas e desmontar. Diz que é reconhecido e se sente satisfeito.

Os intemperes da natureza dificultam seu trabalho, quando venta ou tem o mau tempo não consegue se sentar porque tem que ficar segurando a lona. Gostaria de ter uma estrutura fixa e nos contou que já participou como diretor em Corumbá, da Brasbol e que seu fim foi um episódio muito cruel e que acredita que tanto os bolivianos quanto os brasileiros saíram perdendo. O boliviano como dono da barraca e muitos jovens brasileiros que ajudavam a vender, trabalhavam e ganhavam semanalmente,

O ganho é condizente com o meu trabalho aqui. Como aborrecimentos relatou histórias de clientes que xingam ou maltratam, mas que quando isso acontece ele fica só escutando sem reagir.

Continua aqui por costume e acha que o Brasil o acolheu muito bem, disse que vai continuar até se aposentar porque paga ao microempreendedor individual (MEI) há mais de 10 anos. Aqui exerce tanto o esforço físico quanto o mental, porque fica preocupado em vender. e quando chega em casa tem as preocupações de lá, com contas, comida.

Tem certeza de que seu trabalho pode adoecê-lo e diz que colegas já ficaram doentes e até morreram, muitos. Já teve que se controlar muitas vezes com clientes e com a polícia, mas não fica mal-humorado, não pensa em desistir, não sente indiferença, alterações no apetite, medo, injustiça ou que está sobrecarregado.

Mas sente tristeza, já teve conflitos, agressividade, impaciência, dores, já viveu a discriminação, sofre de problemas digestivos e distúrbios do sono. Porém, por tudo isso se sente orgulhoso de ser dono de seu trabalho.

4.2.14 Montacucito

Esta entrevistada tem 34 anos, vive em uma união estável, não possui funcionários em sua barraca, esteve durante toda a entrevista com um bebê de colo nos braços e divide o trabalho com o marido, trabalha assim há 13 anos todos os dias e sempre trabalhou com comércio. Gostaria de ter horário fixo de trabalho e sua maior dificuldade é quando chove pois não possui loja e sim barraca. Não sabe o que é trabalhar de maneira informal, nem a diferença entre trabalhar de carteira assinada ou não. Utiliza o SUS quando necessita.

Aponta que viver na região de fronteira ajuda muito em seu trabalho e a relação com as autoridades que fiscalizam tem sido tranquila. Relatou que já tiveram problemas ao transitar pela rodovia porque às vezes está a polícia rodoviária federal e as madeiras que usa como suporte para a barraca é maior que o carro. Assim como já teve problema com a mercadoria também, porque quando é recolhida pelas autoridades não consegue recuperar e como pagam parcelado a maioria desses produtos, ficam no prejuízo e precisam trabalhar mais.

Sobre sua jornada nos contou que se levantam cedo para acordar e arrumar os filhos, ao chegar precisa montar e arrumar tudo. Faz as regras dos seus afazeres e quando vence a data de validade os joga, tendo mais um prejuízo.

A tarefa que mais gosta é arrumar os produtos e organizá-los, o que menos gosta é desmontar, principalmente quando está muito calor. Sente que as pessoas a reconhecem por sua paciência para atender e por isso se sente satisfeita.

O que ganha considera que poderia ser melhor pelo trabalho que dá fazer isso tudo, não se sente pressionada pois faz as próprias regras e horários. Disse que continua trabalhando dessa forma porque se acostumou e seus filhos querem seguir seus passos. No fim do dia está cansada, mas acorda no dia seguinte com alegria. Disse que precisa equilibrar o esforço físico e mental, pois reconhece que o trabalho pode fazer adoecer visto que já precisou controlar a raiva.

Não relatou mau humor, vontade de desistir, sentir indiferença, ter problemas digestivos, distúrbios do sono, alterações no apetite ou sentir medo. Mas sente-se triste, já viveu conflitos, sentiu agressividade, impaciência, dores, já passou por episódios de discriminação e injustiça. Mesmo assim, sente muito orgulho e aprecia a autonomia.

4.2.15 Puerto Suárez

Este entrevistado possui 52 anos, vive em uma união estável e é proprietário de sua barraca, trabalha aqui há 21 anos todos os dias, sempre trabalhou no comércio e é proprietário

da loja e não possui funcionários, considera bom seu ambiente de trabalho e acha que para ser melhor teria que baixar muito o preço dos produtos e ter mais clientes e mais segurança pela guarda municipal. Sua maior dificuldade é levantar-se cedo. Não sabe o que é trabalho informal. Diz que não consegue se proteger de doenças e nem de acidente de trabalho, e usa o pronto socorro aqui de Corumbá.

Gosta de viver na fronteira porque considera bom pro comerciante. Pelas autoridades, se sente acolhido. Na estrada passa tranquilamente, mas já tive problema com os policiais na fronteira. Sobre sua jornada relatou acordar cedo para arrumar as coisas, colocar no carro e vir montar e arrumar. A regra é ver as coisas da prefeitura, os documentos. Os produtos alguns adquiriu com o próprio dinheiro e alguns tem o financiamento. A tarefa que mais gosta é arrumar relógios.

Se sente satisfeito e reconhecido por seu trabalho. Acha que tinha que ganhar mais. Nutre um bom relacionamento com os clientes e colegas, por isso nunca passou por aborrecimentos. Pretende ter outro ramo pra não ficar toda a vida aqui. No fim do dia sente cansaço, mas no outro dia tem que retornar e vem com positividade. Faz mais esforço mental e acha que pode ficar doente. Já teve que se controlar, visto que já sentiu indiferença e agressividade, mas sente muito orgulho do trabalho que realiza.

Não relatou mau humor, vontade de desistir, tristeza, conflito nas relações pessoais fora do trabalho, dores no corpo, problemas digestivos, nenhum distúrbio do sono ou alterações no apetite. Em seu ambiente de trabalho não sente medo/insegurança, injustiça, discriminação e não se diz sobrecarregado, gosta da autonomia que o trabalho informal proporciona, mas preferia trabalhar de carteira assinada.

3.3 Proposta de categorização das entrevistas

Inspiramos a categorização de cada entrevista nos eixos propostos por Mendes e Araujo (2012), através da priorização da escuta e da compreensão da lógica do entrevistado. Mendes (2007, p. 85) completa ainda:

É por meio da palavra que o pesquisador tem acesso aos conteúdos latentes; é por meio da análise das contradições, incoerências e mecanismos de defesa expressos no discurso, que é possível a verificação da dinâmica de prazer-sofrimento em relação ao contexto de trabalho, das mediações, da saúde dos processos de subjetivação antecedentes. (MENDES, 2007, p.85).

Delineou-se esta proposta de análise categorial qualitativa, em que as entrevistas passaram pela análise de conteúdo de Bardin (2011) priorizando os aspectos da interação do sujeito com o seu contexto de trabalho e os temas foram categorizados pelo critério de semelhança de significado. Ao retomarmos aos objetivos propostos por esta pesquisa passamos para a escolha das verbalizações, recorreremos às regras apresentadas por Bardin (2011):

- Exaustividade: “é preciso terem-se em conta todos os elementos” (BARDIN, 2011, p. 97) e tínhamos os registros orais e escritos provenientes das entrevistas e questionários para a caracterização dos participantes para que esse corpus ficasse consistente;
- Representatividade: “A amostragem diz-se rigorosa se a amostra for uma parte representativa do universo inicial”. (BARDIN, 2011, p. 97). Nossa amostragem foi de 15 indivíduos, pois trata-se de uma pesquisa prioritariamente qualitativa e nosso universo precisava ser analisado em sua totalidade;
- Homogeneidade: os discursos devem obedecer a critérios precisos de escolha e não representar demasiada singularidade fora destes critérios. (BARDIN, 2011, p. 98). Entendemos que nossos dados corresponderam a essa regra. Os questionamentos e inferências das entrevistas foram os mesmos para todos os participantes;
- Pertinência: os instrumentos e dados devem ser adequados "enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise” (BARDIN, 2011, p. 98). Os documentos utilizados em nosso estudo foram adequados ao objetivo e questão de investigação da pesquisa.

Quadro 01 - Categorização das verbalizações.

Categorias	Elementos	Verbalizações
Condições de trabalho	Ambiente de trabalho mal ventilado.	<i>"Ia melhorar se tivesse mais ventilação e mais luz, bastante."</i>
	Ausência de policiamento adequado.	<i>"A gente sempre fica com aquele negócio, né? De que pode acontecer alguma coisa, não é seguro. Eu não sei o que pode fazer pra melhorar... mais segurança... mas não tem como mandar um segurança para cá, né? É muita coisa, é muita gente e pouco policiamento, eu acho, né?"</i>

	Possibilidade de acidentes durante o trabalho.	<i>"Acidente de trabalho, não consigo me proteger e se acontece alguma coisa vou no posto de saúde ou no pronto socorro porque nós temos cartão do SUS."</i>
	Salário não condizente com a profissão	<i>"O que ganho poderia ganhar mais, mas tem gente que chora muito porque nós é boliviano, aí acham que tem que trabalhar de graça. Muita gente que fala: ah você está vendendo muito caro, só que eles não sabem que o mercado e nós pegamos da mesma empresa."</i>
Organização do trabalho	Jornada de trabalho exaustiva	<i>"Acordo cedo e já venho pra cá e vou embora às 19 horas, passo o dia inteiro aqui."</i>
	Perda de grande número de produtos.	<i>"O que vence a gente doa, por que as empresas não trocam, as empresas mandam quase vencendo a data, 20-30 dias."</i>
	Sobrecarga e multitarefas	<i>"Tenho que tirar coisas para fora, depois guardar, tudo eu que faço. Tenho que fazer todo dia, limpar, abastecer, ver a data de vencimento de produtos."</i>
	Ausência de descanso	<i>"Trabalho direto todos os dias, sem feriado ou final de semana."</i>
	Recursos insuficientes para executar o trabalho.	<i>"Eu não tenho... aqui, preciso tirar os galhos."</i>
Relações socioprofissionais	União entre os colegas de trabalho	<i>"Me relaciono com todos bem, todo mundo é amigável."</i>
	Conflitos com clientes	<i>"Cliente que mesmo sabendo que nessa rua, tudo a margem de lucro de todo esses comerciantes aqui é a metade do que o supermercado vende, tem gente que chega na sua banca e fala: olha, no mercado tá mais em conta. Mas eu tenho certeza que não, só</i>

		<i>que eu sou educada e falo: ah é? Pra mim não dá esse preço, não posso vender. Entendeu? Isso que irrita."</i>
	Discriminação	<i>"Tem cliente que chega tipo... você fala um preço, aí ele quer botar outro preço, aí tem aquela discussão, esses negócio, o pessoal vem aqui e quer botar preço na sua mercadoria, no que você faz chegar, por a gente ser estrangeiro, começam a xingar, tem..."</i>
	Dificuldade de diálogo com as autoridades	<i>"... levaram tudo, misturaram tudo a mercadoria, carregaram assim no caminhão, deixaram no depósito era pra ir, eles nos deixaram uma notificação para recolher a mercadoria de volta, eles falaram que ia entregar tudo, né? Mas a gente quando foi recolher a mercadoria, eles não "voltaram" tudo, muita coisa ficou aí na receita federal no depósito que eles deixaram."</i>
Sentimentos relacionados ao trabalho	Reconhecimento na profissão	<i>"... os dias que eu tenho que viajar e a loja tem que estar fechada, no outro dia aparece freguês fala: porque você não abriu?"</i>
	Medo	<i>"..., mas tenho medo à noite sim, sempre tem um assalto."</i>
	Insegurança	<i>"Faço mais esforço mental, e o mental é que acaba com a gente, né? Posso adquirir qualquer doença."</i>
Estratégia defensiva	Estratégias	<i>"100% eu não me sinto satisfeita, mas tem gente pior, né? Tem gente correndo atrás e não consegue nada e não tem nada. Eu corri atrás e consegui um pouco."</i>
	Sofrimento patológico	<i>"Eu preciso controlar minhas emoções pra não discutir e pra não me estressar."</i>

	Doença	<i>“Faço mais esforço mental, e o mental é que acaba com a gente, né?”</i>
--	--------	--

Fonte: elaboração da autora/2022.

3.3.1 Condições de Trabalho

“Fala ambiente adequado porque nos acostumamos, mas é precário, precariamente, mas é o jeito de vida honesta. Tinha que ter banheiro, o mais importante, negócio de água, né? (Samaipata).

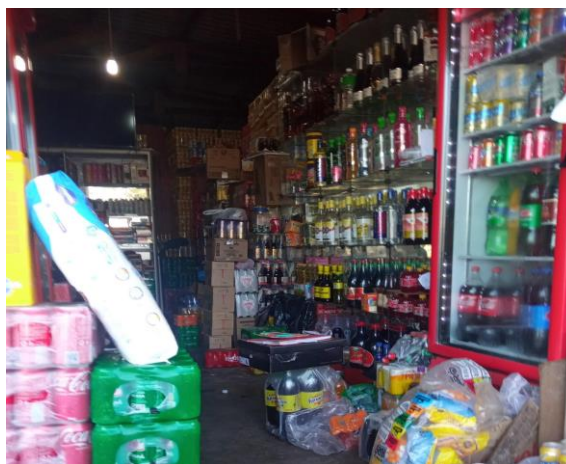
Discussão

Nesta categoria vamos analisar os seguintes elementos:

- Ambiente de trabalho mal ventilado.
- Ausência de policiamento adequado.
- Possibilidade de acidentes durante o trabalho.
- Salário não condizente com a profissão.

Em relação às condições materiais e estruturais, os resultados das entrevistas apontaram que os participantes percebem seu ambiente laboral inseguro, abafado, e reconhecem que pode ser melhor e mais seguro, com maior ventilação. Abaixo podemos perceber o quão abafado, com falta de luminosidade e precário é o ambiente. Contudo, a necessidade de trabalhar faz com que se adaptem, conforme a entrevistada Santiago de Chiquitos *“...não tem outro, tem que trabalhar.”*

Figura 08 - Ambiente mal ventilado e com escassa iluminação.



Fonte: Arquivo pessoal/2022

Antigamente existia a feira Brasbol, mencionada por muitos entrevistados como no caso da entrevistada Sucre: *“Trabalho faz tempo, desde que eu tenho 17 anos (hoje tem 33 anos), a maioria daqui e da época da feirinha.”* A Feira BrasBol localizava-se em Corumbá, também na rua Edu Rocha e conformava uma espécie de "camelódromo" que agregava trabalhadores informais, principalmente de origem boliviana. (CAMPOS; OLIVEIRA, 2011).

Porém esse espaço onde trabalhavam foi retirado, como nos conta o entrevistado Samaipata *“em três meses, acabou, tirou e nos deixou, né... Cruel, né? Os dois perdemos, tanto os bolivianos quanto os brasileiros.”*

Sobre o perigo, 40% (n=6) disseram sentir medo, como relatou a entrevistada Cobija *“... a gente sempre fica com aquele negócio, né? De que pode acontecer alguma coisa, não é seguro. [...], mas não tem como mandar um segurança para cá, né? É muita coisa, é muita gente e pouco policiamento.”*

Situação encontrada no estudo de Garcia e Vicieli (2018), que esclarece que é comum em comércios de pequeno porte a ocorrência de assaltos. Fuller e Ng (2017) também ressaltam que o fluxo de dinheiro e a facilidade de roubo em alguns locais de trabalho podem tornar os trabalhadores vulneráveis e em consequência, suscetíveis a danos psicossociais em contextos que transcendem o trabalho.

Verbalizações

- *“Se eu pegasse um salão para eu trabalhar, teria uma estrutura melhor [...] não conto com os recursos necessários para trabalhar aqui, preciso tirar os galhos.”*
- *“Ia melhorar se tivesse mais ventilação e mais luz, bastante.”*
- *“Querida um lugar fixo pra trabalhar, antigamente a gente tinha ali atrás do cemitério, trabalhei lá faz tempo.”*
- *“Faria ficar melhor, bom, tem que baixar muito as coisas, ter mais clientes, né, porque assim agora não tá fácil.”*

Os trabalhadores estão inseridos em um contexto do mundo do trabalho informal que proporciona possíveis riscos à saúde, sofrem com as intempéries, bem como a ausência de equipamentos adequados para as realizações de suas tarefas.

Na figura 09 pode-se observar a precariedade no ambiente de trabalho como o teto de zinco que esquenta muito o ambiente, falta de janelas para ventilação e circulação de ar, bem como deixar o local mais fresco, inexistência de guarda corpo no piso superior para segurança,

excesso de caixas e pouco espaço para se locomover, local que aumenta o risco de acidentes de trabalho, visto que as mercadorias podem inclusive cair em cima dos trabalhadores.

Figura 09 - Precariedades no local de trabalho.



Fonte: Arquivo pessoal/2022

Quando indagados sobre as dificuldades encontradas no trabalho, além das próprias condições adversas do clima como relatado por Tarija, *“quando chove e tem vento, aí fico nervosa pra não molhar as coisas”*, a dificuldade de desmontar a barraca no cansaço depois de trabalhar um dia todo como nos contou Montacucito *“o que menos gosto de fazer é desmontar (a barraca) no sol quente.”*

Para as mulheres ainda existe o cuidar dos filhos, Sucre nos falou *“filho vem comigo, não tem como deixar, tenho que ficar olhando ele.”* e a questão financeira, já que conforme estudo de Oliveira (2019) a elas é que cabe a responsabilidade da vida econômica da família. Cotoca que tem quatro filhos, nos explicou que *“... todo final do mês cai o movimento, então aí fica parado [...] é ruim pra nós porque as contas não esperam.”*

Verbalizações

- *“quando venta a gente tira a lona, mas quando chove e venta, aí acaba.”*
- *A dificuldade é (pagar) muito imposto.”*

Quando indagados se conseguem se proteger durante o seu trabalho de acidentes e como procuram atendimento médico percebemos que a maioria das pessoas nessas condições de labor

não conseguem se proteger de acidentes durante o dia a dia em seu ambiente de trabalho como nos relatou Cotoca “*não consigo me proteger e se acontece alguma coisa vou ao posto de saúde ou no pronto socorro porque nós temos cartão do SUS. E esse cartão é uma ajuda, porque eles atendem com esse cartão, se a gente não tem esse cartão do SUS a gente não pode ser atendido.*”

Assim, identificamos verbalizações sobre presença de dores no corpo e outras moléstias, visto que além de precisar carregar peso, permanecem em pé por longos períodos, retêm a urina por muito tempo, o que influencia em complicações para a saúde, desde infecção do trato urinário baixo, até casos mais graves como a pielonefrite, que é acúmulo de exsudato purulento nos néfrons. (FIGUEIREDO, 2010). Quanto ao uso de serviços de saúde, quando necessário, todos relataram fazer uso do sistema público de saúde de Corumbá, já que existe amplo acesso ao cartão do SUS.

Sobre o trabalho produzir ou agravar doenças, no caso destes trabalhadores informais o esforço físico é realizado a todo momento como podemos perceber na imagem abaixo a presença no local de trabalho de muitas caixas e mercadorias que precisam ser carregadas e organizadas, bem como precisam realizar a montagem e desmontagem de estruturas que necessitam para trabalhar. Em relação aos movimentos repetitivos realizados pelos trabalhadores informais, Lima e Mota (2017) observaram que estes indivíduos desenvolvem uma longa e intensa jornada de trabalho, o que pode contribuir para Lesões por Esforços Repetitivos (LER) e Doenças Osteomusculares Relacionada ao Trabalho (DORT).

Figura 10 - Trabalhadores informais precisam fazer esforço físico demais.



Fonte: Arquivo pessoal/2022

Verbalizações

- *“Aqui eu faço mais esforço físico, bastante.”*
- *“Sim, bastante, a gente fica vulnerável, exposto a qualquer doença por pegar peso bastante [...] saco de milho, quarenta quilos, são pesados.”*
- *“Posso adquirir qualquer doença.”*

Sobre o tempo que estão na informalidade identificamos o fato de os trabalhadores aqui entrevistados não considerarem a submissão às condições informais de trabalho em que vivem como algo temporário, Tarija explicou que *“há 6 anos tô trabalhando e na feirinha trabalhei de 96 até 2006 eu acho, nem lembro. Bastante tempo nessa vida.”* e Cobija *“Olha, eu tenho 30 anos trabalhando sem carteira assinada.”*

Dessa forma, os dados levantados pelo estudo revelam que os trabalhadores estão submetidos a esse tipo de labor há um tempo considerável. Em algumas verbalizações é expressa a baixa expectativa em trocar de emprego, compreendendo o trabalho informal como permanente, exemplificada na verbalização de Montacucito: *“Eu continuo trabalhando porque a gente se acostumou, já está pra isso e não mais, já tem filho que fala que vai trabalhar igual o papai e a mamãe, vai seguindo. Eu preciso passar isso pra eles.”*

O trabalho informal é compreendido como uma função duradoura, percebemos que o sujeito é induzido a se inserir em um trabalho precário em detrimento de não vivenciar o desemprego, aceitar o mínimo.

3.3.2 Organização do trabalho

“Chego aqui e tenho que limpar, abrir a loja, tirar as coisas pra fora, eu tenho meus filhos que me ajudam, mas eles me ajudam assim, meia hora e vai embora porque ele estuda, trabalha... O que eu mais gosto de fazer é vender! A limpeza é muito ruim porque a poeira, né? Todo dia tem que limpar e tem que fazer.” (Cobija).

Discussão

A categoria de Organização do trabalho é composta pelos elementos:

- Jornada de trabalho exaustiva.
- Perda de grande número de produtos.
- Sobrecarga e multitarefas.
- Ausência de descanso.
- Recursos insuficientes para executar o trabalho.

O conceito de organização do trabalho perpassa sobre as exigências no contexto laboral que sobre o sujeito, incide diretamente em seu aparelho psíquico. (DEJOURS, 1992). Segundo Vasconcellos (2017), para que o trabalhador possa ter a possibilidade de garantir um equilíbrio psíquico, a organização do trabalho precisa oferecer subsídios para uma negociação entre as imposições organizacionais e os desejos dos trabalhadores.

Sendo assim, é a partir da sua configuração que os processos de trabalho se desenvolvem, como divisão das tarefas, responsabilidades, hierarquia, comando. Diferentes modelos de organização do trabalho podem ser adotados, assumindo caráter homogêneo e ser promotor de saúde mental ou funcionando como degradante da saúde.

Na fala dos entrevistados percebemos que não há uma divisão clara das tarefas mesmo quando há funcionários que auxiliam. Em geral, todos participam de todo o processo de trabalho, o que exige habilidades psíquicas, motoras e cognitivas.

As tarefas desenvolvidas pelos comerciantes informais requerem diferentes etapas como a aquisição da mercadoria e seu transporte da mercadoria até Corumbá, no ou nos locais onde trabalha, montagem das barracas no caso dos que não possuem loja fixa, disposição dos produtos, conferir a qualidade e a validade dos produtos, a própria venda, a desmontagem das barracas e o retorno para casa.

Verbalizações

- *“Divido as tarefas da loja com meus filhos e trabalhamos juntos todos os dias.”*
- *“Meu trabalho é colocar as coisas pra fora, atender o público... Minha obrigação é atender, repor e colocar as coisas no lugar. As tarefas são divididas entre nós tudo (são três pessoas).”*
- *“Tenho que fazer todo dia limpar, abastecer, ver a data de vencimento de produtos, sempre todo dia ... Faço de tudo um pouco, vendo, limpo, faço estoque.”*
- *“... arrumo aqui, limpo, passo pano, abasteço prateleira. Tarefa mais feliz é vender mais. Não tem nada que não gosto. Aqui trabalha eu e minha mãe.”*
- *“Eu tenho que limpar, arrumar, todo dia a mesma coisa. Faço peso, por enquanto só eu que estou atendendo, né? Tem também um moço que eu consegui pra me ajudar, só pra tirar e guardar a mercadoria. O que mais gosto é o trabalho mesmo, não tem nada que eu não gosto de fazer.”*
- *“A tarefa que mais gosto e arrumar relógio, gosto menos de nada, tudo normal.”*

Quando perguntamos sobre trabalhar em feriados ou datas especiais identificamos que a rotina revelada pelos entrevistados é muito cansativa e algumas excedem 60 horas de trabalho semanal. Sem finais de semana ou feriados livres, como nos relatou Cobija ao verbalizar que *“... não é assim um dia determinado, é qualquer dia, mas feriado geralmente a gente fica direto porque tem mais gente, aí não trabalha e o pessoal sai pra comprar. Mas não necessariamente tem que ser um dia, é quando preciso...”*, pois precisam aproveitar as oportunidades de vendas nesses dias, quando os demais estão em casa e tempo de fazer compras. Sendo indivíduos que estão desfavorecidos em diversos âmbitos da vida, tanto em sua saúde física quanto emocional, pois possuem muito pouco tempo para se dedicar a qualquer outra atividade como estudo, lazer, passar tempo com a família e amigos, gerando uma sobrecarga que produz custos à saúde e gera problemas físicos e psíquicos.

Verbalizações

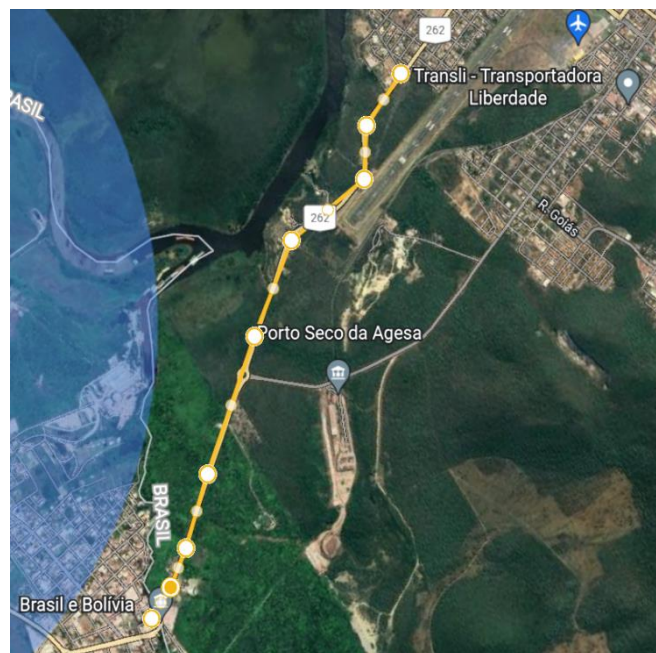
- *“Em feriados e final de semana só trabalho até meio dia.”*
- *“Trabalho feriados e finais de semana, só no domingo que tira folga pra ficar em casa com a família.”*
- *“Sem feriado e sem domingo.”*
- *“Todo dia trabalho, não temos feriado, nada.”*

Ao nos relatar sobre como é a jornada de trabalho desde a hora que vai trabalhar até retornar do trabalho, ressaltamos que não apenas o conteúdo das tarefas que estes trabalhadores realizam, mas as jornadas de trabalho que vivenciam são desgastantes. Segundo os relatos verifica-se que os trabalhadores não seguem o horário comercial que a maioria dos estabelecimentos de comércio e serviços cumprem como Samaipata nos contou: *“Venimos direto e tomamos café e chá, tudo aqui, por tem vendedores aqui de café e chá, comida... Almoçamos aqui também, 10h já estamos almoçando. Durante a manhã, arrumo as mercadorias e fico aqui nesse ponto, às 11h já estamos começando a revisar e embalar tudo pra ir pra outro.”*

O trabalho na região de fronteira exige que os trabalhadores acordem ainda durante a madrugada, chegando bem cedo para o trabalho já que precisam de tempo para realizar o transporte até seu local de trabalho e poder desenvolver as demais funções. Montacucito nos contou que: *“A gente se levanta cedo, acorda meu filho, primeiro tem que arrumar ela [bebê no colo dela], seu leite, ela é minha filha mais nova, aí a gente pega o carro e vem. Chega, monta, tem que arrumar tudo, depois já tem que desmontar de novo pra ir embora.”*

A jornada desse trabalhador informal pode variar entre 10 horas e 12 horas por dia, sem contar com o tempo em que se dedica para organizar as finanças. A longa e dificultosa jornada colabora para gerar sobrecarga de atribuições sobre estes indivíduos, que além de realizarem o trabalho por longas horas, possuem também os afazeres domésticos ao retornar para casa depois de um dia de trabalho e precisarem se deslocar pela rodovia internacional Ramon Gomes, que liga os dois países (como demarcada na figura abaixo).

Figura 11 - Rodovia Ramon Gomes, BR-262.



Fonte: Google Earth

Verbalizações

- *“Acordo, tomo banho e já venho direto pra abrir, já tomo café da manhã aqui em Corumbá. O meu marido me ajuda antes de ir pro trabalho, tira as coisas ... aí às sete horas recolhemos tudo, só nós dois. Chego em casa de noite só pra descansar.”*
- *“Acordo de manhã e arrumo minhas filhas pra escola, faço almoço aqui mesmo, de noite fecho e vou descansar.”*
- *“Acordo, arrumo aqui, limpo, passo pano, abasteco prateleira. Vou pra Bolívia trabalhar de taxista.”*
- *“Acordo, tenho que arrumar minha filha para levar para escola, aí chega da escola tem que abrir a loja, tem que buscar ele, terminar de fazer almoço, faço o almoço aqui mesmo, tenho que tirar coisas para fora, depois guardar, tudo eu que faço.”*

- *“Venho na correria, já deixo tudo mais ou menos arrumado pra poder sair de manhã cedo, e quando volto tem as tarefas de casa.”*

Sobre os produtos e o processo de aquisição e quando perde como a renda é garantida, pelas verbalizações dos entrevistados percebemos que a maioria compra seus produtos de empresas brasileiras, essas instituições facilitam a aquisição e compra das mercadorias, bem como facilitam seu pagamento, podendo os comerciantes pagar em parcelas por boletos ou com intervalos de pelo menos 7 dias após a compra, o que nos foi informado por Cotoca: *“... a empresa que vende mercadoria pra nós ajuda muito a gente porque eles liberam com boleto pagar 14, 7, 20 dias, essa ajuda temos nós, aqui da empresa do Brasil, por isso é bom trabalhar pra nós muitas vezes a gente não tem dinheiro na hora pra pagar a mercadoria que chega, né? Agora com boleto, você pega a quantidade que você quiser pegar, você “pendendo” todo dia você consegue pagar. Os produtos compramos a princípio, porque demora o cadastro nas empresas.”*

Os comerciantes disseram não comprar mais produtos na Bolívia e trazer para vender aqui porque não compensa e porque não tem as facilidades dadas pelos fornecedores brasileiros. Não conseguimos identificar se verbalizaram isso a fim de evitar perguntas sobre a legalidade dos produtos e medo de perdê-los ou se todos realmente possuem a documentação necessária para realizar o cadastro nas empresas brasileiras que realizam a venda apenas com todos os documentos vigentes. Fala como as de El Carmen foram comuns nas entrevistas: *“antigamente quando eu trazia da Bolívia algumas coisas quando o dólar estava baixo compensava trazer as mercadorias de lá pra cá, revender, mas agora que o dólar aumentou não compensa nada, as coisas do brasil estão mais em conta que na Bolívia, então agora nós já pegamos direto de Campo Grande, temos o fornecedor e já coloca aqui pra nós.”*

A dificuldade vivida em seus relatos é que as empresas fornecem produtos com o prazo de validade curto, às vezes em mau estado de conservação e não realizam a troca quando solicitado.

Verbalizações

- *“Jogo fora e fico com o prejuízo, claro, porque a empresa não troca, não quer trocar, eles falam que vai trocar, mas não troca, aí tem que jogar fora e pegar mais novo.”*
- *“Quando já está em cima da data de vencimento eu coloco em promoção e tiro pra calçada, o que não vende eu doo, porque por uns dias ainda dá pra consumir, aí eu vou lá pro morro, pras casas carente, aí vou lá e doo.”*

- *“Se vence ficamos com o prejuízo porque muita empresa mesmo, não troca eles quando a mercadoria fica vencida, a gente tem que jogar já.”*
- *“Adquiri os produtos com as empresas que cadastraram nós e vendem por boleto. O que vence a gente doa por que as empresas não trocam, as empresas mandam quase vencendo a data, 20-30 dias.”*
- *“Os produtos que tenho aqui adquiero e pago por boleto a maioria. O que vence eu jogo fora, e aí é prejuízo meu. Agora mesmo eu tava falando com os entregador que eu perdi cinco fardos de um produto, aí eu falei: você pode trocar? E ele falou: não, se fosse antes que a senhora tinha falado tinha chance de trocar, mas agora não. Cinco fardos! Aí tem que trabalhar mais pra pagar o prejuízo, não é fácil.”*

Muitos relataram que já perderam mercadorias em fiscalizações realizadas pelos policiais brasileiros na fronteira e que dificilmente conseguem recuperar os itens, precisando trabalhar mais arduamente para compensar a perda, como relatado nas falas:

- *“Polícia já tomou produto nosso, dói, né? Você trabalha, você rala, chega na hora cê perde tudo, dói bastante sim, e não tem como recuperar. Bastante, o prejuízo é muito, por isso que a gente trabalha de segunda a segunda, a gente não tem descanso...”*
- *“Quando perco mercadoria não recupero nada, perde tudo, fico no prejuízo, nem trago de lá, compro aqui de Brasil.”*
- *“Quando perde mercadoria, se tiver nota fiscal recupera, se não tiver, bom... é o risco que nós corremos, né? Nós já sabemos. O prejuízo fica e tem que trabalhar, lógico. Mas tá certo, né? A lei manda, né?”*
- *“quando eles pegam a gente não consegue recuperar mais, aí fica no prejuízo. Tem que trabalhar de novo, porque às vezes eles pegam toda a mercadoria, e a gente pega e paga parcelado.”*

Diante do exposto percebe-se que este grupo de trabalhadores informais têm prejuízos a todo momento, seja em batidas policiais, seja perdendo produtos pela validade, mas observou-se também que são solidários aos mais necessitados da cidade e doam os produtos que ainda podem ser consumidos e utilizados em comunidades carentes do município.

Em relação às regras no processo do trabalho que precisam ser seguidas percebemos a flexibilidade na fala dos trabalhadores e certa liberdade, *“Não sigo nenhuma regra, as minhas regras eu mesma que faço, mas não é assim... eu sou chefe de mim mesma, eu sou minha patroa”* pois, mesmo que tenham que seguir algumas regras, a escolha e a possibilidade de abrir

ou não sua loja ou montar ou não sua barraca é responsabilidade do próprio trabalhador que é proprietário, não havendo uma chefia que lhe faça cobranças, e nas falas, percebemos que mesmo quando há relação de hierarquia entre proprietário e funcionário existe cooperação e solidariedade. Em relação às vivências positivas proporcionadas pela configuração da organização do trabalho, podemos ressaltar a autonomia e flexibilidade.

Verbalizações

- *“Não sigo nenhuma regra, sou eu que as faço.”*
- *“Eu gosto de ser autônoma e independente.”*
- *“A regra é ver tudo as coisas da prefeitura, tem que ter tudo em ordem.”*
- *“As regras têm, limpeza, estar arrumando sempre a mercadoria que chega pra não misturar tudo, tem que estar todo dia arrumando.”*
- *“... chegar temprano, venir, armar a barraca, em ordem tudo, você tem o seu lugar.”*

3.3.3 Relações socioprofissionais

“De ganhar a gente ganha, né? Porque aqui desse trabalho sai pra sustento de meus filhos, estudo de meus filhos, tem que pagar aluguel porque a loja não é minha, é alugado tem que pagar água, luz, contador, temos contador, todo mês temos que pagar isso. E de vez em quando temos que pagar o imposto de renda daqui mesmo. Então o trabalho é meu, eu não estou trabalhando com outra pessoa, então ganhamos, mas só pra este.” (Cotoca).

Discussão

Para abarcar esta categoria utilizaremos os seguintes elementos:

- União entre os colegas de trabalho.
- Conflitos com clientes.
- Discriminação.
- Dificuldade de diálogo com as autoridades.

No que diz respeito às relações socioprofissionais os resultados das entrevistas apontaram que os trabalhadores percebem seu salário é insuficiente, como nos relatados nas seguintes verbalizações:

- *“O que eu ganho aqui com o meu trabalho não é suficiente porque só dá pra pagar luz e água e alimentos de casa.”*

- *“O que eu ganho aqui não é suficiente, cada dia trabalha mais e ganha menos. Precisava ganhar mais pra poder compensar o cansaço.”*
- *“O que ganho poderia ganhar mais, mas tem gente que chora muito porque nós é boliviano, aí acham que tem que trabalhar de graça. Muita gente que fala: ah, você está vendendo muito caro, só que eles não sabem que o mercado e nós pegamos da mesma empresa.”*

Ainda que o desenvolvimento do trabalho informal seja uma característica histórica dessa região de fronteira devido à realidade burocrática da documentação dos imigrantes, o estabelecimento da informalidade ocorreu de maneira peculiar e hoje o número de imigrantes trabalhando informalmente no município é grande.

O trabalho informal é realizado em condições muitas vezes insalubres e precárias, além de baixos salários, pouca segurança e condições ambientais inadequadas. (PUJOL, 2013). Pelas falas apresentadas pelos entrevistados, a maioria relata muitas horas de trabalho e mesmo assim o ganho não é suficiente ou compatível com as despesas. Muitas vezes se tem a sensação de não obter resultado mesmo trabalhando e devido à crise financeira que vivemos hoje os lucros diante dos produtos é ínfimo.

Observamos que muitas vezes esse tipo de atividade laboral é familiar, todos os membros da família estão envolvidos de alguma forma no trabalho e tem algumas obrigações, portanto não é difícil confundir as relações profissionais e afetivas, situação que pode vir a agregar mais estressores e tensões num ambiente já precário, situação espelhada na fala de El Carmen *“Passo um pouco de raiva com as minhas filhas, que é um pouco teimosa pra ajudar.”*

A relação dos comerciantes com os colegas e vizinhos de loja teve a fala marcada pelo bom relacionamento e solidariedade. Foram poucas as situações em que não havia unidade entre os trabalhadores informais, como foi o caso da entrevistada que precisa pagar aluguel para usar a calçada da loja, nessa situação em específico presenciamos a situação já que ocorreu enquanto realizávamos a entrevista, uma senhora se aproximou e cobrou os 20 reais pelo aluguel da semana, nossa entrevistada nesse momento se pôs a chorar pois ainda não tinha o dinheiro para realizar o pagamento e a senhora foi incisiva ao dizer que só esperaria até o fim da manhã para receber.

Saber que no ambiente de trabalho se pode contar com o outro estabelece relações de apoio, segurança e afetividade, a troca mútua gera um bom indutor de saúde física e emocional ao possibilitar diálogos, proteção e confiança.

Verbalizações

- *“Bom relacionamento com os funcionários.”*
- *“Tenho uma boa relação com os outros comerciantes, a gente se ajuda e nunca teve briga.”*
- *“Bem, graças a Deus, aqui é todo mundo conhecido. Não, por enquanto não teve briga entre comerciantes.”*
- *“Me relaciono bem com os outros, todo mundo igual. A relação com a minha chefe é tudo bem, ela me ajuda também.”*

Sobre a migração de bolivianos em Corumbá, Silva (2004) explicitava a existência combinada entre preconceito e solidariedade para com a presença destes indivíduos, bem como a indiferença observada como forma de expressão de preconceito aos bolivianos de maneira velada.

Assim, utilizando o autor Mezzadra (2015), percebemos a posição que assumiu a figura do migrante, principalmente estes trabalhadores informais que são migrantes pendulares nas políticas de migração, na retórica oficial e no imaginário popular para começar a entender os efeitos dos rótulos em respeito às migrações.

O migrante tornou-se produção de força de trabalho informal que deve ser explorada e a linguagem e o espectro da raça continuam sendo mobilizados e oferecendo massa para esta produção do “corpo estrangeiro” que devemos enfatizar, não é uma mera figura da “exclusão”. (MEZZADRA, 2015). Situação relatada como a vivência de Cochabamba *“Cliente tem alguns que falam: ah, você é boliviana tá vindo ganhar dinheiro aqui em minha cidade, querem que nós vendemos tudo barato, quase de graça. Falam: ah, federal vai vir tomar e você vai estar chorando, falam assim pra mim.”*. Mais exemplos expressivos encontramos em diversas verbalizações dos entrevistados:

- *“Mas a gente, como todo mundo fala aqui, a gente tem que engolir sapo. E Corumbá inteiro sabe, por demais eles sabem, que aqui... qualquer coisa que se vende no mercado, aqui você vai encontrar mais em conta, por que o mercado tem despesa de funcionário, tem despesa disso, de aquilo... a gente trabalha quase só, não tem despesa com isso então aqui, a gente consegue diminuir a margem de lucro, por que a margem de lucro de um mercado não é menos de 25-30%, aqui é 12%, é 10%, na bebida é 1% e olha lá, muito pouco. É muito miséria mesmo.”*

- *“Tem cliente que chega tipo... você fala um preço aí ele quer botar outro preço, aí tem aquela discussão, esses negócio, o pessoal vem aqui e quer botar preço na sua mercadoria, no que você faz chegar, por a gente ser estrangeiro, começam a xingar.”*
- *“uma vez que um polícia veio aí, me xingou, só, cheguei a parar na delegacia.”*
- *“Tem muita gente que xinga nós, né? Porque nós trabalhamos assim, loja na rua, [...] ah, você está aqui no meu país, você é boliviana, você tem que ir para o seu país, aí sim, sentimos diferente.”*

As falas também expressam vividamente a fronteira como oportunidade visto que concede a esses indivíduos e a tantos outros moradores da região a possibilidade do movimento pendular, aspecto relevante nessa condição migratória. Oliveira (2019), ressalta que a mobilidade pendular, específica desta região, permite que os indivíduos transitem entre as oportunidades econômicas ofertadas no país vizinho e a segurança do país de origem próximo, realidade expressa nas falas:

- *“Por ser fronteira, tem bastante cliente boliviano que vem, mais pela cerveja que levam daqui do Brasil para lá.”*
- *“Morar na fronteira ajuda no comércio, e ajuda eu ser taxista morando numa cidade de fronteira.”*
- *“Ambiente de fronteira é melhor pra trabalhar.”*

Durante a realização das entrevistas foi possível identificar certa resistência dos trabalhadores, havia receio em verbalizar muitos detalhes acerca do seu contexto de trabalho, principalmente quanto a questões ligadas ao movimento migratório que realizam e o convívio com as autoridades brasileiras, como na fala de Santa Cruz *“A minha relação com as autoridades brasileiras é nula, não tenho nada pra falar com eles, não me perturbam, eu estou regularizada.”*

Esta resistência poderia estar atrelada ao temor de sofrer consequências, prejudicar-se ou aos colegas. Pode-se afirmar, que a precarização do trabalho atrelado ao conceito de gerenciamento por ameaça influencia os trabalhadores a manterem-se em silêncio perante tal realidade de trabalho. (DEJOURS, 1999).

Verbalizações

- “... a prefeitura vem, quando a gente tira muito pra fora, eles vêm, falam com a gente, se não, não pode, atrapalha o passo, a gente obedece. Nunca tive problemas [...] eu não trabalho com contrabando.”
- “Minha relação com as autoridades brasileiras e a prefeitura é bem.”
- “Eu me relacionei bem com as autoridades daqui, estou pagando todos os meus impostos agora em dia, trabalho tranquila. Na rodovia é tranquilo, nunca tive problema.”
- “O meu relacionamento com as autoridades é tranquilo, ir e voltar da Bolívia é tranquilo, aqui estamos há 14 anos.”
- “Não tenho contato quando a polícia vem aqui.”

Ressaltamos que as condições de saúde estão diretamente relacionadas às condições de trabalho, mas os próprios trabalhadores não estabelecem relação causal clara entre o trabalho e o adoecimento, pois falas como “No fim do dia me sinto bem, normal mesmo.” comuns e mesmo quando reconheciam alguma afecção diziam “No fim do dia estressada não. Cansada sim.”

As correntes e ligeiras mudanças atuais no contexto do trabalho contribuem significativamente para o aumento do ritmo de trabalho, exigindo maior produtividade e resolutividade, devido a isso se estende a jornada laboral para que se obtenha mais lucro, porém nos esclarece Pujol e Gutierrez (2019) que:

Las consecuencias de estas prácticas se evidencian tanto a nivel de la salud física como en el plano de la subjetividad, en el sufrimiento psíquico asociado a las condiciones en las que se trabaja actualmente, particularmente en lo relativo a la sensación de que “cuidar” el empleo supone aceptar - y en muchos casos naturalizar - exigencias y condiciones insatisfactorias, la vivencia de que progresar u obtener mejoras en la propia carrera, desarrollarse en el trabajo, supone afrontar y resolver un conjunto importante de contradicciones individuales y colectivas. (PUJOL; GUTIERREZ, 2019, p. 3).

Assim, é possível dizer que perante a organização flexível, a ausência de chefias permite autonomia e contribui na realização do trabalho deste indivíduo, mas garantindo certa liberdade, o trabalhador acaba vivenciando tensões ao ter que aumentar seu ritmo de trabalho e, conseqüentemente, se sobrecarregar de tarefas, pois depende de seus próprios esforços para garantir o sustento (VASCONCELLOS, 2018), reiterando essa teoria encontramos as falas:

- “Quando acordo de manhã já me sinto preocupada...”
- “Tem que trabalhar, tem que ter aquela coragem todo dia, para você acordar, abrir..., mas ai vamo indo.”

- “*“Acordo cansada, mas tem que vir, não tem jeito.”*”
- “*“Tenho que acordar e começar de novo, né? Um dia a mais. Tem que ser feliz porque senão...”*”

3.3.4 Sentimentos relacionados ao trabalho

“Eu sou reconhecido, as pessoas vêm aqui, sabe que eu vou dar descontinho e tem muitas coisas que se não tem eu trago, encomenda.” (Samaipata).

Discussão

Esta categoria se compõe pelos elementos:

- Reconhecimento na profissão.
- Medo.
- Insegurança.

No caso das atividades informais, como a destes trabalhadores, práticas peculiares em relação aos aspectos legais/ilegais, a flexibilidade das relações de trabalho, ausência de vínculos contratuais, falsa sensação de liberdade, ausência de auxílios, benefícios e respaldo trabalhistas, fazem com que os indivíduos vivam precárias de condições de trabalho. Os efeitos da precarização do contexto do trabalho são vivenciados de modo banal. (DEJOURS, 2008).

Percebemos que a maioria não sabe o que é ser um trabalhador informal, falas como: *“Não sei o que é trabalho informal”*, foram muito presentes nas entrevistas. Porém, alguns nos relataram: *“Se eu tivesse carteira assinada, os horários seriam diferentes, tudo seria diferente para mim.”*, *“[...] sem direito nenhum social, é só eu, se eu trabalho eu ganho, se eu não trabalho, eu não ganho, mas hoje pro meu filho, eu aconselho ele a trabalhar de carteira assinada. Porque esse trabalho é escravizado, se eu não trabalho eu não como, não ganho. Se eu tiver trabalhando de carteira assinada, olha, pode chover até fogo, mas eu vou estar ganhando, né?”*

Pelas falas dos sujeitos percebemos que existe a dinâmica de reconhecimento de seu trabalho, e dessa forma o ego do indivíduo pode ser satisfeito, pois segundo Mendes e Duarte (2013):

Sem o outro, não há o reconhecimento, e conseqüentemente não haveria mobilização subjetiva pois é uma contribuição que só se consolida na sua retribuição – conferida pela organização do trabalho (pares, superiores, clientes). (MENDES; DUARTE, 2013 p. 261).

O reconhecimento, “forma específica de retribuição moral-simbólica dada ao ego, como compensação por sua contribuição à eficácia da organização do trabalho, isto é, pelo engajamento de sua subjetividade e inteligência” (DEJOURS, 2002, p. 55-56), consiste na retribuição, condição indispensável a construção da identidade e essencial à saúde psíquica do indivíduo, percebido na fala de Cotoca *“Me sinto satisfeita. Tem muito freguês que fala isso porque tem dias por dizer que abrimos tarde um pouquinho e o freguês vem mais cedo, ou se não, os dias que eu tenho que viajar e a loja tem que estar fechada, no outro dia aparece freguês fala: porque você não abriu? Eu comprei de ali e aquele cara é muito chato, ele não sabe atender, então sempre escutei isso.”*

Existindo espaço para que o indivíduo possa recorrer à mobilização podem se engajar no trabalho, reconhecerem e serem reconhecidos, indivíduos sem os quais o trabalho não ganharia vida, dessa forma o reconhecimento é uma forma de realização do eu no campo social e gerador de satisfação pessoal.

Verbalizações

- *“Me sinto satisfeito trabalhando aqui, é bom. Me sinto reconhecido.”*

3.3.5 Estratégias defensivas

“100% eu não me sinto satisfeita, mas tem gente pior, né? Tem gente correndo atrás e não consegue nada e não tem nada... Eu sou reconhecida por algumas pessoas, clientes que são...” (Cobija).

Discussão

Esta categoria se compõe pelos elementos:

- Sofrimento patogênico.
- Doenças.
- Estratégias.

As estratégias defensivas, o presenteísmo, as relações coletivas atuam como forma de proteção à saúde mental, relacionado a isso observou-se diante das falas desses trabalhadores informais que houve a aquisição de costume a esses acontecimentos e eles encontram-se conformados frente a elas, pois, quando perguntado sobre o porquê de permanecer nesse tipo de trabalho informal encontramos falas como a de Sucre, que nos disse que *“[...] poderia ter*

ido para outro lugar, mas é que meu filho já acostumou, meu filho estuda aqui também, então a gente já acostumou com o Brasil.”

Também se percebe a estratégia de compensação como estratégia de defesa coletiva utilizada ao brincar e ao bom humor no desenvolvimento do trabalho para lidar com a realidade, através do desenvolvimento desse mecanismo driblam as dificuldades e são capazes de desenvolver seu trabalho sem descompensar como nos contou a gargalhadas Cochabamba: *“Continuo aqui porque essa é minha casa. Já pertenço a Corumbá.”*

Verbalizações

- *“meu filho estuda perto, ele me ajuda, toda hora ele vem.”*
- *“eu continuo trabalhando aqui pra ajudar as minhas filhas, né? Eu vou continuar aqui por enquanto.”*
- *“Continuo aqui porque eu preciso trabalhar, e eu gosto de trabalhar, desde pequena trabalhei no comércio, então eu gosto de comércio”*

O presenteísmo é cada vez mais representativo e pode ser observado também quando mesmo acometidos por alguma condição patológica que possa repercutir na sua atividade laboral, estes trabalhadores se fazem presentes, e como o presenteísmo é considerado preditor de problemas, como estresse, esgotamento e exaustão (MOHAMMADI; *et al.*, 2021), pode colaborar ao aparecimento do adoecimento e sofrimento patogênico.

Podemos entender que vivenciar o sofrimento e precisar controlar-se emocionalmente não implica em uma descompensação, pois o indivíduo utiliza de táticas que permitem a adequação para que consiga se manter no trabalho, faz isso através de estratégias defensivas, para favorecer o equilíbrio psíquico e a adaptação às situações de desgaste emocional ou pela mobilização subjetiva.

Quando o sofrimento não é ressignificado e a organização do trabalho não oferece condições para que o indivíduo se mobilize subjetivamente porque ocorre o confronto permanente do profissional com seu contexto de trabalho, utilizar essas estratégias, pode mascarar o sofrimento e provocar estabilidade psíquica artificial, fazendo com que se adquira uma dimensão patológica que interfere no trabalho e na vida social dos profissionais. Neste caso, se as estratégias de defesas são utilizadas de modo permanente podem se tornar ineficazes e desencadear patologias físicas e/ou emocionais. (FACAS, 2009). Neste sentido, Pujol e Gutiérrez (2019), nos explicam que:

La organización del trabajo actual exige con frecuencia -y con mayor énfasis en el sector servicios- que el trabajador realice un esfuerzo significativo destinado a controlar y modelar sus emociones, para afrontar la actividad misma o para incidir en el comportamiento de otros. (PUJOL; GUTIÉRREZ, 2019. p. 8).

É possível observar que os trabalhadores enfrentam, conscientemente, o sofrimento por meio de estratégias defensivas e de mobilização subjetiva, táticas que até podem mobilizar e transformar alguns aspectos do trabalho, mas não mudam o contexto de trabalho, no qual estão inseridos como na fala de Yacuces *“Tem que controlar os sentimentos as vezes, me controlo sozinho com a minha mente.”*

Verbalizações

- *“Eu preciso controlar minhas emoções pra não discutir e pra não me estressar.”*
- *“Preciso me controlar nas emoções com cliente e vendedor. Respira fundo pra não ser mal-educada, malcriada.”*
- *“Preciso me controlar bastante, viu? Porque tem cliente que pelo amor de Deus, tem que se controlar e ter muita paciência, bastante mesmo.”*
- *“De vez em quando eu controlo as emoções, de vez em quando viajo um pouco, vou pra fora, pro sítio.”*

Porém existiram entrevistados que verbalizaram não achar que o espaço de trabalho pode gerar patologias, a negação também é uma estratégia defensiva, como El Carmen que disse: *“meu trabalho acho que não pode me deixar doente, porque eu maiormente não pego muito peso... Um pouco mais só o estresse de vez em quando a gente passa aqui, né?”*, confirmando o que Pujol e Gutiérrez (2019) explicam:

Desde el punto de vista psicosocial, distintos abordajes comparten la idea de que la noción de riesgo resulta un concepto polisémico: puede referirse por una parte a los factores de riesgo y por otra a los daños que estos provocan sobre la salud, que pueden ser físicos, cognitivos o emocionales. Las dos dimensiones están fuertemente ligadas, y con frecuencia pueden confundirse. Por otra parte, esta imprecisión se juega tanto en relación al concepto de factor como a la noción de lo psicosocial en juego, debido a que finalmente lo psicosocial se establece de modo tan genérico que termina abarcándolo todo: condiciones externas al trabajador, el trabajador mismo, el estrés y sus repercusiones sobre la salud. (PUJOL; GUTIÉRREZ, 2019. p. 7).

Estes trabalhadores informais e imigrantes lidam diretamente com situações estressantes, é importante ressaltar que a ausência de análise da carga física e mental, invisibiliza o corpo como primeira expressão da subjetividade e com ele a dimensão emocional. (PUJOL; GUTIÉRREZ, 2019). Doenças emocionais também podem se desenvolver pelas

condições de trabalho a que estão submetidos, a condição de imigrante e a precariedade de recursos.

Moraes *et al.* (2013), concluíram que parcela significativa desta classe trabalhadora apresentava doenças como a hipertensão arterial, nessa pesquisa encontramos dois relatos referentes a esta patologia que está intimamente relacionada ao estresse.

Verbalizações

- *“Faço mais esforço mental, e o mental é que acaba com a gente, né?”*
- *“O trabalho só me deixa estressada.”*

4. PROPOSTA DE AÇÃO

A presente pesquisa se propôs a compreender os processos psicodinâmicos de prazer e sofrimento das vivências e trajetórias dos trabalhadores informais e a partir dos dados coletados com esse estudo dar visibilidade e informação a esses indivíduos que estão à margem da formalidade do trabalho e muitas vezes invisíveis ao poder público.

Propomos, portanto, informar aos trabalhadores da sua condição de migrante pendular que possui o trabalho informal como sustento. Assim, se está realizando um informativo que será entregue a cada trabalhador informal da Rua Edu Rocha a fim de promover informação a estes indivíduos e pretendendo estruturar e promover o diálogo entre os trabalhadores e o Sistema Único de Saúde (SUS) através do Centros de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST), onde entregaremos também um informativo aos trabalhadores desta instituição.

A fim de despertar o desenvolver a escuta do sofrimento destes trabalhadores já que, segundo Pujol e Gutiérrez (2019), intervenções para o desenvolvimento organizacional, precisam da implementação de estratégias que visam maximizar as capacidades subjetivas dos indivíduos, enfatizando a resposta individual dos trabalhadores aos riscos que vivenciam com base no controle de suas emoções, recursos pessoais e apoios externos para enfrentar as demandas do trabalho. Com o intuito de defender o respeito a um trabalho digno, o que poderá proporcionar um espaço para orientação, promoção e prevenção em saúde do trabalhador, bem como um local de escuta para esses trabalhadores para que ocorra a possibilidade da discussão sobre a organização do trabalho e dos elementos que causam sofrimento visando melhorar a qualidade de vida.

Ressaltando que ao escutar necessita-se tomar em conta o contexto e as condições laborais a que estão inseridos, considerando o poder de agir, tanto dos coletivos, quanto dos trabalhadores. É importante conhecer o fato de que os trabalhadores têm um saber e a escuta do profissional é posta à disposição para se pensar cenários analíticos e de ações. Acredita-se que a análise, implicada com a atividade, possa criar mudanças nas formas de proceder, construir outros posicionamentos e direções na perspectiva do trabalho, podendo transformar ou criar mudanças nas formas de exercer as atividades. A escuta também deve buscar atenção ao que não se pode ser escutado para poder auxiliar na saúde do indivíduo. (CARRETEIRO, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação é fruto de estudo que procurou ouvir de maneira humana e qualificada para compreender os significados de uma vida em pêndulo para o trabalho informal a partir das experiências relatadas tanto nas falas quanto na linguagem não verbal, no meio e aspectos de seu cotidiano que permitam expressar essa forma de viver a pendularidade.

Neste sentido, o objetivo central desta pesquisa que abarca como temas centrais a fronteira, as vivências e trajetórias dos migrantes pendulares que são trabalhadores informais foi compreender as trajetórias e vivências bem como o sofrimento de trabalhadores informais na cidade fronteiriça de Corumbá, MS, Brasil. Para isso, o estudo teve como objetivos específicos caracterizar o processo de trabalho informal nos aspectos relativos às condições de trabalho, organização do trabalho, relações socioprofissionais, sentimentos relacionados ao trabalho e estratégia defensiva utilizadas em um espaço permeado pela fronteira, bem como identificar aspectos e sinais de sofrimento patogênico nos trabalhadores informais.

Em relação aos procedimentos para a coleta de dados realizamos na Rua Edu Rocha na cidade de Corumbá, MS, Brasil, lugar onde se localiza um aglomerado de comerciantes informais, a aplicação de um questionário sociodemográfico visando quantificar as horas de trabalho, idade, comorbidades, número de filhos, e de uma entrevista semiestruturada, a fim de entender a vivência do trabalhador e as possíveis situações que possam levar ao sofrimento psíquico no contexto ocupacional informal em área de fronteira.

Além de poder compreender as repercussões desse movimento nas vidas dos pendulares, mais especificamente, as suas relações com a cidade de residência e de trabalho, numa perspectiva que contempla o cotidiano, as estratégias e práticas diárias promovidas no enfrentamento do mundo do trabalho e da fratura espacial na qual estão inseridos.

Como a vida fragmentada, dividida espacial e socialmente, experimentada em parcelas, sem contiguidade, física e simbólica é encarada pelos indivíduos nessa condição?

Frente aos conteúdos explorados durante realização desta pesquisa, interpretamos que na fronteira, em estudo, o ambiente laboral que se encontra no contexto do mundo do trabalho informal, proporciona possíveis riscos à saúde, sofrem com as intempéries, bem como a ausência de equipamentos adequados para as realizações de suas tarefas.

A maioria das pessoas nessas condições de labor não conseguem se proteger de acidentes em seu ambiente de trabalho. Também identificamos o fato de que os trabalhadores não consideram às condições informais de trabalho em que vivem como algo temporário. O trabalho informal é compreendido como uma função duradoura, percebemos que o sujeito é

induzido a se inserir em um trabalho precário, aceitar o mínimo, em detrimento de não vivenciar o desemprego. Para as mulheres ainda existe o cuidar dos filhos e cabe a elas a responsabilidade da vida econômica da família, aumentando a carga tanto física quanto psicológica.

As tarefas desenvolvidas pelos comerciantes informais requerem diferentes etapas como a aquisição da mercadoria e seu transporte da mercadoria até Corumbá, no ou nos locais onde trabalha, montagem das barracas no caso dos que não possuem loja fixa, disposição dos produtos, conferir a qualidade e a validade dos produtos, a própria venda, a desmontagem das barracas e o retorno para casa.

Identificamos que a rotina revelada é muito cansativa e algumas excedem 60 horas de trabalho semanal, ressaltamos que não apenas o conteúdo das tarefas que estes trabalhadores realizam, mas as jornadas de trabalho que vivenciam são desgastantes.

O trabalho na região de fronteira exige que os trabalhadores acordem ainda durante a madrugada, chegando bem cedo para o trabalho já que realizam uma longa e dificultosa jornada que colabora para gerar sobrecarga de atribuições sobre estes indivíduos, pois além de realizarem o trabalho por longas horas, precisarem se deslocar pela rodovia internacional que liga os dois países, possuem também os afazeres domésticos ao retornar para casa depois de um dia de trabalho.

Os comerciantes disseram não comprar mais produtos na Bolívia e trazer para vender porque não compensa e porque não tem as facilidades dadas pelos fornecedores brasileiros. Não conseguimos identificar se verbalizaram isso a fim de evitar perguntas sobre a legalidade dos produtos e medo de perdê-los ou se todos realmente possuem a documentação necessária para realizar o cadastro nas empresas brasileiras que realizam a venda apenas com todos os documentos vigentes.

Muitos relataram que já perderam mercadorias em fiscalizações realizadas pelos policiais brasileiros na fronteira e que dificilmente conseguem recuperar os itens, precisando trabalhar mais arduamente para compensar a perda.

Dessa forma concluímos que os trabalhadores informais têm prejuízos a todo momento, seja em batidas policiais, seja perdendo produtos pela validade, mas observou-se também que são solidários aos mais necessitados da cidade e doam os produtos que ainda podem ser consumidos e utilizados em comunidades carentes do município.

Em relação às vivências positivas proporcionadas pela configuração da organização do trabalho, podemos ressaltar a autonomia e flexibilidade, contribuindo na realização do trabalho deste indivíduo, mas garantindo certa liberdade, o trabalhador acaba vivenciando tensões ao ter

que aumentar seu ritmo de trabalho e, conseqüentemente, se sobrecarregar de tarefas, pois depende de seus próprios esforços para garantir o sustento

Ainda que o desenvolvimento do trabalho informal seja uma característica histórica dessa região de fronteira devido à realidade burocrática da documentação dos imigrantes, o estabelecimento da informalidade ocorreu de maneira peculiar e hoje o número de imigrantes trabalhando informalmente no município é grande.

O trabalho informal é realizado em condições muitas vezes insalubres e precárias, além de baixos salários, pouca segurança e condições ambientais inadequadas e todas essas características incidem diretamente em seu aparelho psíquico podendo vir a causar sofrimento demasiado e patogênico.

Observamos que muitas vezes esse tipo de atividade laboral é familiar, todos os membros da família estão envolvidos de alguma forma no trabalho e tem algumas obrigações, portanto não é difícil confundir as relações profissionais e afetivas, situação que pode vir a agregar mais estressores e tensões num ambiente já precário. A relação dos comerciantes com os colegas e vizinhos de loja teve a fala marcada pelo bom relacionamento e solidariedade, o que pode ser uma estratégia defensiva, saber que no ambiente de trabalho se pode contar com o outro estabelece relações de apoio, segurança e afetividade, a troca mútua gera um bom indutor de saúde física e emocional ao possibilitar diálogos, proteção e confiança.

Existindo espaço para que o indivíduo possa recorrer à mobilização podem se engajar no trabalho, reconhecerem e serem reconhecidos, indivíduos sem os quais o trabalho não ganharia vida, dessa forma o reconhecimento é uma forma de realização do eu no campo social e gerador de satisfação pessoal.

É possível observar que os trabalhadores enfrentam, conscientemente, o sofrimento por meio de estratégias defensivas e de mobilização subjetiva, táticas que até podem mobilizar e transformar alguns aspectos do trabalho, mas não mudam o contexto de trabalho, no qual estão inseridos

Sobre a migração de bolivianos em Corumbá, a existência combinada entre preconceito e solidariedade para com a presença destes indivíduos, tornou o migrante produção de força de trabalho informal que deve ser explorada.

As falas também expressam vividamente a fronteira como oportunidade visto que concede a esses indivíduos e a tantos outros moradores da região a possibilidade do movimento pendular.

Identificamos certa resistência dos trabalhadores, receio em verbalizar muitos detalhes acerca do seu contexto de trabalho, principalmente quanto a questões ligadas ao movimento migratório que realizam e o convívio com as autoridades brasileiras.

Concluímos, que no caso das atividades informais destes migrantes pendulares, práticas peculiares em relação aos aspectos legais/ilegais, como os benefícios atrelados à invisibilidade decorrente da indocumentação, a flexibilidade das relações de trabalho, ausência de vínculos contratuais, falsa sensação de liberdade, ausência de auxílios, benefícios e respaldo trabalhistas, fazem com que os indivíduos vivam precárias de condições de trabalho e os efeitos da precarização do contexto do trabalho, como o sofrimento, são vivenciados de modo banal.

Assim, ao provocar o deslindamento da migração pendular, particular desta região, possibilitar o entendimento de como os trabalhadores informais, constroem sua subjetividade, podem ser e existir. Ao passo que identificamos que este fluxo também é produto das mais diversas motivações, entre elas, interesses em estudo, saúde.

Neste aspecto abrimos margem para diversos estudos posteriores a esta dissertação, já que, ao viver nesta região e se adaptar ao estilo de vida fronteiriço, um conjunto de códigos e práticas encarnadas por uma grande variedade de atores, que o praticam e vão incorporando ingredientes provenientes de distintos origens culturais, permeados por diferentes graus de identificação com tais origens e com as culturas de incorporação. Isso tudo resulta em uma trama de intercâmbios que só se conhece sua parte mais evidente, mas muito se falta descobrir.

Dessa forma, buscar conhecimento ajuda a sair de concepções rígidas e preconceituosas acerca das características próprias dessas regiões, modelado por comunidades brasileiras e bolivianas, bem como suas interconexões, mas também é permanentemente ressignificado à luz da natureza da vivência de prazeres e sofrimentos por migrantes.

A partir deste tipo de dinâmicas, conceitos concebidos pensando em realidades de escala global, é necessário refletir sobre a possibilidade de novas categorias teórico-conceituais de menor alcance e maior precisão, pois estes migrantes se vinculam ao fenômeno migratório de em apenas um dia poder cruzar a linha territorial internacional várias vezes, para visitar familiares, clientes, estudar, trabalhar, e isto exemplifica a necessidade de distinguir as análises migratórias.

Desenvolver ações para fortalecer laços com os conacionais, conectando através deles sua cultura de origem com sua experiência e com os outros integrantes dessa relação, a fim de propiciar melhores relações com a comunidade e afloram fortes estratégias de diferenciação em respeito do que identificam como características próprias da idiossincrasia brasileira e boliviana.

Com essa aproximação buscar-se-ia movimentar e fortalecer relacionamentos em ambos os lados do limite internacional, por meio do comércio, da cooperação mútua para resolver problemáticas no acesso à saúde, educação e documentação.

Portanto, a formulação de políticas públicas bem como as suas implantações e o ambiente propício a esse desenvolvimento precisam ser reais e adequadas a região de fronteira, pois, há nessa região em específico o tipo de migração muito particular, que é o fluxo pendular, ou seja, pessoas que por trabalho ou estudo em município que não é o de residência, e que, como nesse caso, pode acontecer de se dar em outro país, esses deslocamentos representam a interação de pessoas no território e ao ocorrerem na fronteira, requerem a definição de medidas que garantam o livre trânsito das pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. **Brasil: balanço da interiorização**, julho. São Paulo: ACNUR, 2020. 2 p. Disponível em: <https://data2.unhcr.org/en/documents/details/78266>. Acesso em: 24 ago. 2020.

AGUILAR, M. M. **Transporte escolar em região de fronteira: aplicação e transferência de meios efetivos aos alunos da escola municipal CAIC “Padre Ernesto Sassida” e CEMEI “Catarina Anastácio da Cruz”**. 2021. 82p. 2021. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Estudos Fronteiriços) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus do Pantanal, Corumbá, MS. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/3758>. Acesso em: 13 jan. 2022.

ALMEIDA, S. L. Republicanismo e questão racial. In: SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. (Orgs.). **Dicionário da república: 51 textos críticos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 343-348.

ANTUNES, R. Desenhando a nova morfologia do trabalho e suas principais manifestações. In: MENDES, A.M.; MORAES, R.D.; MERLO, A.R. (Orgs.) **Trabalho e sofrimento. Práticas clínicas e políticas**. Curitiba: Juruá. 2014. p. 25-43.

_____. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2010. 116 p.

_____. (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2006. 528 p.

ARAÚJO, L. T.; JULIANO, R. S.; SILVA, W. A. Região fronteiriça e epidemiologia: estudo da esporotricose e sua relação na dinâmica da fronteira Brasil-Bolívia. **Revista Geo Pantanal**, Corumbá - MS, v.12, n. especial. p. 97-105, abr. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/revgeo/article/view/4679>. Acesso em: 13 dez. 2020.

AUGUSTO, M. M.; FREITAS, L. G.; MENDES, A. M. Vivências de prazer e sofrimento no trabalho de profissionais de uma fundação pública de pesquisa. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 20, n.1, p. 34-55, abr. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v20n1/v20n1a04.pdf>. Acesso em: 1 set. 2021.

BAENINGER, R. O Brasil na rota das migrações latino-americanas. _____. (Org.) **Imigração boliviana no Brasil**. Campinas: NEPO/UNICAMP; Fapesp; CNPq; UNFPA, 2012. p. 9-18.

_____. Cenários das migrações internacionais no Brasil. In: BERQUÓ, E (Org.). **Demografia na Unicamp: um olhar sobre a produção do Nepo**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2017. p. 445-468.

_____. Contribuições da academia para o pacto global da migração: o olhar do sul. In: BAENINGER, R. *et al.* (Orgs.). **Migrações Sul-Sul**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2018. p. 17-22.

_____. Migrações internacionais e a pandemia de covid-19: mudanças na era das

migrações? In: BAENINGER, R.; VEDOVATO, L. R.; NANDY, S. (Coords.). MAGALHÃES, L. F. *et al.* (Orgs.). **Migrações Internacionais e a pandemia de Covid-19**. Campinas NEPO/UNICAMP, 2020. p. 211-222. Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/miginternacional.pdf>. Acesso em: 20 abr 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2011. 229 p.

BARNES-HOLMES, D. *et al.* Understanding and verbal regulation. In: HAYES, S. C.; BARNES-HOLMES, D.; ROCHE, B. (Eds.), **Relational frame theory: A post-skinnerian account of human language and cognition**. New York: Kluwer Academic Publishers, 2001. p. 103-117.

BASSO, P. L'ascesa del razzismo nella crisi globale. In: _____. (Org.). **Razzismo di stato: Stati Uniti, Europa, Italia**. Milano: FrancoAngeli, 2010. 640 p.

BARROS, S. C.; ALVARO, J. L.; BORGES, L. O. Significados do trabalho e do dinheiro: quais suas funções sociais?. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, Brasília, v. 18, n. 1, p. 282-290, mar. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572018000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 2 set. 2021.

BERGER, Z. *et al.* Covid-19: Control measures must be equitable and inclusive. **The BMJ**, Bethesda, v. 368, n. 1141, mar. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1136/bmj.m114>. Acesso em: 13 jul. 2020.

BERNARD, H. R. **Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches**. 6th ed. Lanham, MD: AltaMira Press, 2005. 709p.

BERNARDINO, D. C.; ANDRADE, M. O Trabalho Informal e as Repercussões para a Saúde do Trabalhador: uma revisão integrativa. **Referência - Revista de Enfermagem**, Coimbra, PT, v. 4, n. 7, p. 149- 158, out/dez. 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3882/388243209011.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2021.

BERNARDO, M. H.; NOGUEIRA, F. R.; BULL, S. Trabalho e saúde mental: repercussões das formas de precariedade objetiva e subjetiva. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 63, n. especial, p. 83-93, out. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000300009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 ago. 2021.

BELTRAMELLI NETO, S.; MENACHO, B. B. Covid-19 e a vulnerabilidade socioeconômica de migrantes e refugiados à luz dos dados das organizações internacionais. In: BAENINGER, R.; VEDOVATO, L. R.; NANDY, S. (Coords.). MAGALHÃES, L. F. *et al.* (Orgs.). **Migrações Internacionais e a pandemia de Covid-19**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2020. p. 46-61. Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/miginternacional.pdf>. Acesso em: 20 abr 2021.

BIRMAN, J. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BRAUDEL, F. **A dinâmica do capitalismo**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 40. ed. São Paulo: Saraiva, 2007. 528 p.

_____. Congresso Nacional. **Lei complementar nº 188, de 31 de dezembro de 2021**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 31 de dezembro de 2021. Seção 1, n. 247. p. 1. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-complementar-n-188-de-31-de-dezembro-de-2021-371556526>. Acesso em: 13 set. 2022.

_____. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 13 de junho de 2013. Seção 1, n. 12, p. 59. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 4 mai. 2021.

_____. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 24 de maio de 2016. Seção 1, n. 98, p. 44-46. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html. Acesso em: 4 mar. 2021.

_____. **Lei nº13.445, de 24 de maio de 2017**. Institui a Lei de Migração. Publicado no Diário Oficial da União, Brasília- DF, 21 de novembro de 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm. Acesso em: 3 mai. 2022.

CAMPOS, D. L.; OLIVEIRA, M. A. M. **Instituições, mídia e população em Corumbá, MS**. In: I Seminário Internacional dos Espaços de Fronteira I/Seminário Regional sobre Território, Fronteira e Cultura. Marechal Cândido Rondon, 2011.

CARMO, L. J. *et al.* O empreendedorismo como uma ideologia neoliberal. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 18-31, jan./mar. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395120200043>. Acesso em: 5 ago. 2021.

CARRETEIRO, T. Sofrimentos sociais em debate. **Revista de Psicologia da USP**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 57-72, mai. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psusp/a/zf93H9zv7b7JqmJ5Csgs99P/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 mar. 2021.

_____. A ética da escuta do sofrimento em diferentes contextos institucionais. In: MENDES, A. M. B.; MORAES, R. D.; MERLO, A. R. (Orgs.) **Trabalho e sofrimento. Práticas clínicas e políticas**. Curitiba: Juruá, 2014. p. 103-114.

CAVALCANTI, L. *et al.* **Acompanhamento de fluxo e empregabilidade dos imigrantes no Brasil**: Relatório Mensal do Observatório das Migrações Internacionais - OBMigra. Brasília, ano 0, n. 10, out. 2019. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/relatorio-mensal/OBMigra_Outubro_2019-2.pdf. Acesso em: 2 jul. 2021.

CHAVES, J. A atuação da defensoria pública da união em favor de imigrantes durante a pandemia de covid-19: um relato de campo. In: BAENINGER, R.: VEDOVATO, L. R.: NANDY, S. (Coord.). **Migrações Internacionais e a pandemia de Covid-19**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2020. p. 66-78. Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/miginternacional.pdf>. Acesso em: 20 abr 2021.

COSTA, G. V. A Interdição da Feira Bras-Bol, em Corumbá-MS: Considerações sobre o comércio informal na fronteira Brasil-Bolívia. **Contemporânea**, São Carlos, v. 3, n. 2, p. 467-489, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/152/88>. Acesso em: 13 jun. 2020.

DEJOURS, C. A. **Loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1992. 170 p.

_____. **Conferências brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho**. 1. ed. São Paulo: FUNDAP, 1999. 160 p.

_____. **A banalização da injustiça social**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. 160 p.

_____. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, v. 14, n. 3, p. 27-34. dez. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65132004000300004>. Acesso em 13 fev. 2022.

_____. Novas formas de servidão e de suicídio. In: MENDES, A. M. (Org.). **Trabalho e saúde: o sujeito entre emancipação e servidão**. Curitiba: Juruá, 2008. p. 26-39.

_____. Entre o desespero e a esperança: como reencantar o trabalho. **Revista CULT**, São Paulo, v. 139, n. 12, p. 49-53. fev. 2009.

_____. **Trabalho Vivo - Tomo I: Sexualidade e trabalho**. Tradução de SOUDANT, F. 3. ed. Brasília: Paralelo 15, 2012. 348 p.

_____. **Psicodinâmica do trabalho: casos clínicos**. 1. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2017. 144 p.

DUARTE, F. S.; MENDES, A. M. Da escravidão a servidão voluntária: perspectivas para a clínica psicodinâmica do trabalho no Brasil. **Revista de estudos organizacionais e sociedade**. FACE/UFMG, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 71-134, abr. 2015. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/farol/article/view/2579>. Acesso em: 13 de ago. 2022.

DE HASS, H. Migration and Development: A Theoretical Perspective. **International Migration Review**, Nova York, v. 44, n. 01, p. 227-264, mar. 2010. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1747-7379.2009.00804.x>. Acesso em: 13 de jul. 2022.

ESTEBAN, M.; RATNER, C. Historia, conceptos fundacionales y perspectivas contemporáneas en psicología cultural. **Revista de Historia de la Psicología**, Valencia, v. 31,

n. 2-3, p. 117-136, jun./set. 2010. Disponível em:
<http://www.sonic.net/~cr2/psicologia%20cultural10.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2020.

FACAS, E. P. **Estratégias de mediação do sofrimento no trabalho automatizado – estudo exploratório com pilotos de trem de metrô do Distrito Federal**. 2009.116 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em:
https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4010/1/2009_EmilioPeresFacas.pdf. Acesso em: 13 ago. 2021.

FALCI, G. X.; SOUZA, N. B.; SCATOLIN, H. G. Imigrantes e refugiados no mercado de trabalho brasileiro: Uma revisão bibliográfica a partir das contribuições da Psicologia do Trabalho. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo, v. 22, n. 11, p. 135-151. nov. 2020. Disponível em:
<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/imigrantes-e-refugiados>. Acesso em: 20 jun. 2022.

FERNANDES, D.; BAENINGER, R. (Coords.). In: CASTRO, M. C. G. C. *et al.* (Orgs.). **Impactos da pandemia de COVID-19 nas migrações internacionais no Brasil - resultados de pesquisa**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2020. 686 p. Disponível em:
www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/impactos_pandemia/COVID%20NAS%20MIGRA%C3%87%C3%95ES%20INTERNACIONAIS.pdf/. Acesso em: 25 jun. 2022.

FERREIRA, J. B.; MACÊDO, K. B.; MARTINS, S. R. Real do Trabalho, Sublimação e Subjetivação. In: MONTEIRO, J. K.; VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M. (Orgs.). **Trabalho e Prazer - teorias, pesquisas e práticas**. Curitiba: Juruá, 2015. p. 33-49.

FIGUEIREDO, J.A. Infecção Urinária. In: ZERATI FILHO, M.; NARDOZZA JÚNIOR, A.; REIS, R.B. (Eds.). **Urologia fundamental**. São Paulo: Planmark, 2010. cap. 31, p. 273-280.

FULLER, G.; NG, S. Returning to work after armed robbery in the workplace. **Trends and Issues in Crime and Criminal Justice**, CANBERRA, v. 1, n. 13, jun. 2017. Disponível em:
http://aic.gov.au/media_library/publications/tandi_pdf/tandi529.pdf. Acesso em 10 ago. 2022.

FRANCO, M. L. **Análise de conteúdo** 3. ed. Brasília: Líber Livro, 2008. 77 p.

FREITAS, M.C.S. In: OLIVEIRA, M.M.; DIAS, M.G.S. (Orgs.). **Interfaces da Mobilidade Humana na Fronteira Amazônica**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2022. 391 p.: il. v. 3.

FRANCO, T.; DRUCK, G.; SELIGMANN-SILVA, E. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 35, n. 122, p. 229–248, 2010. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbso/a/TsQsX3zBC8wDt99FryT9nnj/?lang=pt#>. Acesso em: 16 jun. 2023.

FREUD, S. **Au-delà du principe du plaisir** (1920), in *Essais de psychanalyse*.

GARCIA, D.; VIECILI, J. As consequências do assalto para o trabalhador do comércio vitimizado. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, Brasília, v. 18, n. 2, p. 396-402, jun. 2018.

Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572018000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 13 ago. 2022.

GAULEJAC, D. V. **Gestão como doença social. Ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. 3. ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2005. 170 p.

GORZ, A. **O imaterial: conhecimento, valor e capital**. 2. ed. Tradução de AZZAN, C. J. São Paulo: Annablume, 2005. 107 p.

HAMRAOUI, E. Trabalho vivo, subjetividade e cooperação: aspectos filosóficos e institucionais. **Caderno de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 43-54, jun. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v17ispe1p43-54>. Acesso em: 13 jun. 2020.

ILO - International Labour Organization. **COVID-19 and the world of work: Impact and policy responses**. New York: ILO, 2020. 15 p. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/--igreports/-dcomm/documents/briefingnote/wcms_738753.pdf. Acesso em: 21 ago. 2020.

JARDIM, D.F. **Imigrantes ou refugiados? Tecnologias de Controle e as Fronteiras**. Jundiaí, Brasil: Paco Editorial, 2017.

JESUS, A. D. **Redes da migração haitiana no Mato Grosso do Sul**. 2020. 313 p. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2020.

KANT, E. **Critique de la raison pratique**, Paris, Presses Universitaires de France, 1943.

LA BOÉTIE, E. **Discurso da Servidão Voluntária**. Tradução SANTOS, L.G. Editora Brasiliense. São Paulo, 1982.

LANCMAN, S.; UCHIDA, S. Trabalho e subjetividade: o olhar da psicodinâmica do trabalho. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 6, n. 6, p. 79-90. dez. 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v6/v6a06.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2020.

LEÃO, L. H. C. *et al.* Migração internacional, saúde e trabalho: uma análise sobre os haitianos em Mato Grosso, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 7, p. 42-53. jul. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00181816>. Acesso em: 22 ago. 2021.

LECHETA, M.; WEBBER, M.A. Assimetrias nacionais Brasil-Paraguai: reflexões sobre a percepção do outro na Tríplice Fronteira. In: MUNIZ, C.M.S.L.; SOARES, J.A. (Orgs.). **O mundo da fronteira: reflexões a partir da fronteira trinacional Brasil, Paraguai e Argentina**. Curitiba: CRV, 2019.

LEMO, A. H.; BARBOSA, A. O.; MONZATO, P. P. Mulheres em Home Office durante a pandemia da Covid-19 e as configurações do conflito trabalho-família. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 60, n. 6, p. 388-399. nov-dez. 2020 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-759020200603>. Acesso em: 13 jan. 2021.

LHUILIER, D. **Clinique du travail**. 1. ed. Toulouse: Érès, 2006. 248 p.

LIMA, F. D. *et al.* Síndrome de Burnout em Residentes da Universidade Federal de Uberlândia – 2004. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 137-146, ago. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v31n2/03.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2020.

LIMA, K.; MOTA, A. Fatores de risco e condições de saúde de feirantes em Feira de Santana- BA. **Rev. Saúde Col. UEFS**, Feira de Santana, v. 7, n. 3, p. 60-65, dez. 2017. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/ojs/index.php/saudecoletiva>. Acesso em: 13 ago. 2020.

LOIO, J. A. M. S. **Dinâmica laboral, pendularidade e situação documental em fronteira na perspectiva da criação e implantação do núcleo cidadania imigrante: mulheres bolivianas nas feiras livres de Corumbá, MS.** 2018. 117 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2019. Disponível em <https://ppgefcpn.ufms.br/files/2018/11/JOANNA-LOIO.pdf>. Acesso em ago 2019.

MACHADO, L. O. *et al.* O desenvolvimento da faixa de fronteira: uma proposta conceitual-metodológica. In: OLIVEIRA, T. C. (Org.). **Território, população e desenvolvimento.** Campo Grande: UFMS, 2005. p. 51-76. Disponível em: <http://www.retis.igeo.ufrj.br/wp-content/uploads/2011/07/2005-Desenvolvimento-faixa-de-fronteira-Retis.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2020.

MAGALHÃES, L. F. **A imigração haitiana em Santa Catarina: perfil sociodemográfico do fluxo, contradições da inserção laboral e dependência de remessas no Haiti.** 2017. 355 p. Tese (Doutorado em Demografia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2017.

MARTIN, A. **Fronteiras e Nações.** São Paulo: Contexto, 1992.

MARTINS-BORGES, L. Migração involuntária como fator de risco à saúde mental. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, Brasília, v. 21, n. 40, p. 151-162, jun. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852013000100009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 jun. 2020

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos.** 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1974. 346 p.

MATOS, D. O impacto do desemprego e a saúde psicossocial. **Psicologia.pt**, Salvador, v. 3, n. 2. p. 1-14, jan. 2018. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1165.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2020.

MENDES A. M.; ARAUJO, L. K. **Clínica psicodinâmica do trabalho: o sujeito em ação.** 1. ed. Curitiba: Juruá, 2012. 156 p.

MENDES, A.M. Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho. In: _____. (Org.). **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método, pesquisas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 29-61.

MENDES, A. M.; DUARTE, F. S. Mobilização Subjetiva. In: VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. (Orgs.). **Dicionário Crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013. p. 260-262.

MEZZADRA, S. Multiplicação das fronteiras e práticas de mobilidade. **Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, v. 23, n. 44, p. 11-30, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/remhu/a/rGrHpRZ4QGG5GsHgRd7zwHw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 ago. 2022.

MOHAMMADI, M. M. *et al.* The nurse without a nurse: the antecedents of presenteeism in nursing. **BMC nursing**, v. 20, n. 1, p. 143, aug. 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34389006/>. Acesso em: 16 jun. 2023.

MORAES, M. C.; SILVA, N. P. Saúde mental e as relações de trabalho: como a ansiedade influencia o comportamento humano no ambiente de trabalho. **Interface de Saberes**, v. 14, n. 1, p. 11-16, mai./jun. 2015. Disponível em: <https://interfacesdesaberes.fafica-pe.edu.br/index.php/import1/article/view/533/274>. Acesso em: 22 ago. 2021.

MORAES, R. D. *et al.* Estratégias Defensivas. In: Vieira, F. O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. (Orgs.). **Dicionário Crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013. p.153-157.

MORRONE, C. F.; MENDES, A. M. A resignificação do sofrimento psíquico no trabalho informal. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 91-118, dez. 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572003000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 ago. 2021.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1990. 120 p.

MOURA, E. C.; FURTADO, L.; SOBRAL, F. Epidemia de burnout durante a pandemia de covid-19: o papel da LMX na redução do burnout dos médicos. **Rev. adm. empres.**, São Paulo, v. 60, n. 6, p. 426-436, dez. 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902020000600426&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 mai. 2021.

NAVARRO-CONTICELLO, J.; ALONSO-MENESES, G. Inmigrantes argentinos en San Diego y Tijuana. Estrategias de adaptación a un estilo de vida transfronterizo. **Migraciones**, n. 49, p. 59-83, jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.14422/mig.i49.y2020.003>. Acesso em: 21 mai. 2022.

NOGUEIRA, V. M. R.; DAL PRA, K. R.; FERMIANO, S. A diversidade ética e política na garantia e fruição do direito à saúde nos municípios brasileiros da linha da fronteira do MERCOSUL. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 227-236. ago. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/LndN8bPLvcDDPgjKMP4Kj8K/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 3 jul. 2020.

OLIVEIRA, M. A.; ALMEIDA, R. M.; AGUILAR, M. M. Presenças de migrantes internacionais na educação e na assistência social em fronteira. **Revista ParaOnde!?**, Porto

Alegre, v. 13, n. 2, p. 61-74, 2020. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/100086/56644>. Acesso em: 15 de Mai de 2023.

OLIVEIRA, M. A.; MARINI, J. F.; LOIO, J. A. Imigrantes Bolivianos da Planície e do Altiplano em Região de Fronteira: Distinções Pregressas em Solidariedade Seletiva. **Revista GeoPantanal**, Corumbá, MS, v.12, n. especial, p. 219-232, abr. 2017.

OLIVEIRA, M.A.; LOIO, J.A. migração internacional pendular em fronteira: em busca de qualificações espaciais. **Revista Videre**, Dourados, MS, v.11, n.21, p. 54-67, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/videre/issue/view/382/155>. Acesso em: 02 de jun de 2022.

OLIVEIRA, J. C. **Espacialidades fronteiriças e práticas solidárias: bolivianas em relações de vizinhança e de comércio em Corumbá, MS**. 2019. 91 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) - Universidade Federal de Mato Grosso Do Sul, Corumbá, 2019. Disponível em: <https://ppgefcpan.ufms.br/files/2019/11/DISSERTAÇÃO-JÉSSICA-CANAVARRO.pdf>. Acesso em: 6 mai. 2021.

PÊGO, B. *et al.* (Org.). **Fronteiras do Brasil: referências para a formulação de políticas públicas**. v. 6, Brasília: Ipea, 2021. 376 p. Disponível em:
https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/210602_livro_frenteira_do_brasil_vol_6.pdf. Acesso em: 13 mai. 2022.

PEITER, P. C. **Geografia da saúde na faixa da fronteira continental do Brasil na passagem do milênio**. 2005. 311 p. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

PERES, R. G. A presença boliviana em Corumbá - MS: a construção de um espaço migratório de fronteira. In: BAENINGER, R.; CANALES, A. (Coords.). SILVA, J. C. *et al.* (Orgs.). **Migrações Fronteiriças**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2018. p. 504-511.

PINHEIRO, L. R. S.; MONTEIRO, J. K. Refletindo sobre desemprego e agravos à saúde mental. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**. São Paulo, v. 10, n. 2, p. 33-45, dez. 2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25799>. Acesso em: 27 abr. 2015.

PUJOL, A. Hacia una agenda para el desarrollo de la psicodinámica del trabajo en América Latina. In: MERLO, A. R.; MENDES, A. M.; MORAES, R. D. (Orgs.). **O Sujeito no Trabalho. Entre a Saúde e a Patologia**. Curitiba: Juruá, 2013. p.187-199.

_____. Subjetividade e território em empreendedores de primeira geração. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 339-360, jan. 2017. Disponível em:
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/16696/12649>. Acesso em: 23 jan. 2022.

_____.; GUTIÉRREZ, M. I. Enfoque clínico de las relaciones entre salud y trabajo : contribuciones y desafíos. **Laboreal**, Porto, v. 15, n. 2, p. 1-16, abr. 2019. Disponível em:
<http://journals.openedition.org/laboreal/15506>. Acesso em: 28 ago. 2021.

RATNER, C. O que é psicologia da libertação? É psicologia cultural. In: GUZZO, R. S.; LACERDA, F. (Orgs.). **Psicologia social para América Latina: o resgate da psicologia da libertação**. Campinas: Alínea, 2009. p. 305-314.

REZENDE, G. Hermanos en Brasil: refugiados recebem emprego em Mato Grosso do Sul e formam colônia em Rochedo. **Jornal Midiamax**, 31 de maio de 2022. Disponível em: <https://midiamax.uol.com.br/cotidiano/2022/hermanos-en-brasil-refugiados-recebem-emprego-em-mato-grosso-do-sul-e-formam-colonia-em-rochedo/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

SALADINI, A. P. **Trabalho e Imigração: os direitos sociais do trabalhador imigrante sob a perspectiva dos direitos fundamentais**. 2011. 285 p. Dissertação (Mestrado em Ciência Jurídica) - Universidade Estadual do Norte do Paraná. Jacarezinho, 2011. Disponível em: <https://uenp.edu.br/pos-direito-teses-dissertacoes-defendidas/direito-dissertacoes/1964-ana-paula-sefrin-saladini/file>. Acesso em: 6 ago. 2022.

SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A.; SILVEIRA, M. L. (Orgs.). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec ANPUR, 1998. p. 15-20.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6ª ed. São Paulo. Record, 2001.

_____. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. São Paulo: Edusp, 2002.

SASSEN, S. **Sociologia da Globalização**. 1. ed. Porto Alegre. Editora Artmed. 2010. 240 p.

_____. Bordering Capabilities Versus Borders: Implications for National Borders. **Michigan Journal of International Law**, v. 30, n. 03, p. 567-597, jan. 2009. Disponível em: <https://repository.law.umich.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1127&context=mjil>. Acesso em: 13 abr. 2022.

SAYAD, A. **A imigração: ou os paradoxos da alteridade**. 1. ed. Tradução de MURACHCO, C. São Paulo: Edusp, 1998. 304 p.

SELIGMANN-SILVA, E. **Acidentes de Trabalho e a Dimensão Psíquica**. In: Fórum de Saúde do Trabalhador, 2010, São Paulo. Disponível em: https://www3.fmb.unesp.br/sete2021/pluginfile.php/20376/mod_page/content/1/Edith_-_ACIDENTES_TRABALHO_PSIQUISMO.pdf. Acesso em: 16 jun. 2023.

SILVA, S. A. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 157-170, 2006.

SILVA, S. G. **Bolivianos e brasileiros em Corumbá, MS: preconceitos e cooperação mútuos**. Corumbá: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Relatório de Pesquisa de Iniciação Científica, 2004. 14 p.

SILVA, L. N.; BARRETO, F.; BARRETO, T. M. Saúde e migração em Roraima: rede social migratória e impactos psicossociais na vida do migrante venezuelano enquanto trabalhador informal. **Saúde em Redes**. Porto Alegre, v. 6, n. 3, p. 207-221, abr. 2020. Disponível em:

<https://doi.org/10.18310/2446-4813.2020v6n3p207-221>. Acesso em: 13 jun. 2022.

TERTULIAN, N. Le concept d'aliénation chez Heidegger et Lukács. **Archives de Philosophie - Reserches et Documentation**. Paris, v. 43, n. 56, p. 34-53. jul./set. 1993.

TOLFO, S. R. Significados e Sentidos do Trabalho. In: BENDASSOLLI, P. F.; BORGES-ANDRADE, J. E. (Orgs.). **Dicionário de Psicologia do trabalho e das organizações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015. p. 617-626.

UCHÔA-DE-OLIVEIRA, F. M. Saúde do trabalhador e o aprofundamento da uberização do trabalho em tempos de pandemia. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 45, n. 22, p. 1-8, jul. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2317-6369000012520>. Acesso em: 20 ago. 2021.

VASCONCELLOS, P. A. **Vivências de Prazer e Sofrimento de Feirantes na cidade de Corumbá-MS**. 2017. 99 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2017. Disponível em: <https://ppgefcpan.ufms.br/files/2018/03/MEF-DISSERTA%C3%87%C3%83O-PAMELA.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2020.

VASCONCELOS, M. C.; PIGNATTI, M. G.; PIGNATI, W. A. Emprego e Acidentes de Trabalho na Indústria Frigorífica em Áreas de Expansão do Agronegócio, Mato Grosso, Brasil. **Saúde Soc**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 662-672, dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/SLm9RWGjbsqtFfRdvYVKVHF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 jul 2021.

VAINER, C. B. Estado e migração no Brasil: da imigração à emigração. In: PATARRA, N. L. (Coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995. p. 45-62.

VILLEN, P. **Imigração na modernização dependente: "braços civilizatórios" e a atual configuração polarizada**. 2015. 284 p. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago/dez. 2014. Disponível em: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/download/2144/1637. Acesso em: 20 out. 2021.

VIVES, J.V. **Tratado general de geopolítica**. Barcelona: Editorial Teide, 1972

VON BOROWSKI, S. *et al.* Mobilização subjetiva e estratégias defensivas de trabalhadores metalúrgicos à luz da Psicodinâmica do Trabalho. **Psicologia Argumento**, Ribeirão Preto, v. 35, n. 88, p. 1-15, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/23360/pdf>. Acesso em: 13 jul. 2021.

WAUTIER, A.M.; O trabalho em perspectiva: identidade e subjetividade. **Revista de Ciência Social**, Pelotas, v. 2, n. 2, p. 149-173, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/seculoxxi/article/view/7929/4776>. Acesso em: 13 mar. 2022.

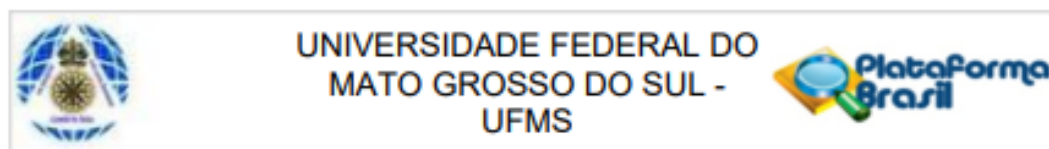
WEBER, M. A.; SILVA, R. C. Entre pontes e livros: educação superior em medicina na fronteira Brasil-Paraguai. *In*: CARDIN, E.G.; ALBUQUERQUE J. L. (Orgs.). **Fronteiras, deslocamentos e suas dinâmicas sociais**. Uberlândia: EDUFU, 2022. p. 17-44. Disponível em: doi.org/EDUFU/978-65-5824-016-7. Acesso em: 10 mai. 2022.

WENDLING, M. Psicanálise e política: sobre a servidão voluntária. **Clínica & Cultura** v. 7, n. 2, jul-dez 2018, p. 46-60.

WILLIAMS, J. **The Ethics of Territorial Borders: Drawing Lines in the Shifting Sand**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2006.

ANEXO

Anexo A – Parecer consubstanciado do CEP de aprovação



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: TRAJETÓRIAS E VIVÊNCIAS DE PRAZER E SOFRIMENTO DE TRABALHADORES INFORMAIS NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA

Pesquisador: Isadora Sigarini de Moraes

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 53324821.5.0000.0021

Instituição Proponente: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.511.320

Apresentação do Projeto:

De acordo com o pesquisador:

"Este estudo é uma reflexão acerca da polissemia da fronteira, já que o município de Corumbá fica localizado no estado do Mato Grosso do Sul e faz a fronteira do Brasil com a Bolívia a partir do município vizinho de Puerto Quijarro, e o aprofundamento de conhecimentos acerca da atividade laboral de trabalhadores informais que trabalham, transitam e se deslocam diariamente neste território fronteiriço, seu contexto de trabalho neste espaço em que perpetra sua atividade laboral para entender as peculiaridades a que estes indivíduos estão submetidos. O objetivo deste estudo é compreender as vivências de prazer e sofrimento de trabalhadores informais na cidade fronteiriça de Corumbá-MS, caracterizar o processo de trabalho informal nos aspectos relativos à organização do trabalho, às condições materiais e relações socioprofissionais estabelecidas em um espaço permeado pela fronteira e identificar aspectos e sinais de sofrimento patogênico nos trabalhadores informais e assim contribuir para dar visibilidade a esses indivíduos que estão à margem da formalidade do trabalho e muitas vezes invisíveis ao poder público. Estruturar e promover o diálogo entre os trabalhadores e o Sistema Único de Saúde através do Centros de Referência em Saúde do Trabalhador. Metodologicamente trata-se de uma pesquisa compreensiva de abordagem qualitativa, bem como de revisão bibliográfica acerca do tema, que basicamente está presente em todas as pesquisas científicas, e está sempre sujeita aos aspectos da questão

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros, Prédio das Pró-Reitorias, Hércules Maymone, 1º andar
Bairro: Pioneiros **CEP:** 70.070-900
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepconep.propp@ufms.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MATO GROSSO DO SUL -
UFMS



Continuação do Parecer: 5.511.320

escolhida como ponto de estudo a ser desenvolvido."

Objetivo da Pesquisa:

De acordo com o pesquisador:

***Objetivo Primário:**

Compreender as vivências de prazer e sofrimento de trabalhadores informais na cidade fronteiriça de Corumbá-MS.

Objetivo Secundário:

Caracterizar o processo de trabalho informal nos aspectos relativos à organização do trabalho, às condições materiais e relações socioprofissionais estabelecidas em um espaço permeado pela fronteira. Identificar aspectos e sinais de sofrimento patogênico nos trabalhadores informais."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com o pesquisador:

*** Riscos:**

O desenvolvimento da pesquisa envolve riscos e/ou desconfortos mínimos previsíveis à sua saúde. Esta pesquisa foi planejada de modo a existir um mínimo de possibilidade de ocorrência de quaisquer danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, tanto durante como após a coleta de dados, sendo que nenhum dos procedimentos adotados oferece risco à sua dignidade. Mesmo assim, se você se sentir constrangido ou por qualquer outro motivo quiser desistir de participar desta pesquisa poderá fazê-lo a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou coação, mesmo que já tenha dado anteriormente seu consentimento. De nenhuma forma você será identificado, o seu nome não será utilizado ou revelado, pois o questionário é anônimo. Fica explícita e garantida a indenização por eventuais danos decorrentes da pesquisa. Caso você se sinta de alguma maneira desprestigiado ou em sofrimento por alguma das questões formuladas, vamos encaminhar e acompanhar ao atendimento gratuito na clínica de psicologia da UFMS - Campus Pantanal.

Benefícios:

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros, Prédio das Pró-Reitorias, Hércules Maymone, 1º andar
Bairro: Pioneiros **CEP:** 70.070-900
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepconep.propp@ufms.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MATO GROSSO DO SUL -
UFMS



Continuação do Parecer: 5.511.320

Não receberá nenhum benefício específico ou pagamento com a participação dos entrevistados. É possível que mediante este trabalho, consigamos colaborar com conhecimento em saúde do trabalhador fronteiriço (aspectos e impactos biopsicossociais) para o observatório da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) - Campus Pantanal e para o município fronteiriço de Corumbá – MS, práticas e reflexões que visem promover a saúde mental de trabalhadores informais em região de fronteira."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

De acordo com o pesquisador: "Trata-se de uma pesquisa compreensiva de abordagem qualitativa para desenvolvimento no Mestrado Profissional em Estudos Fronteiriços da UFMS, Câmpus do Pantanal."

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O protocolo de pesquisa apresenta os seguintes trmos:

- Folha de rosto;
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE);
- Instrumento de coleta de dados;

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

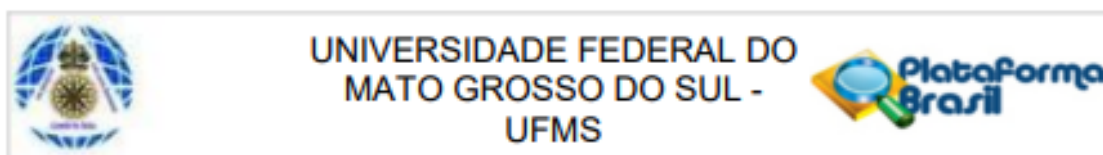
O pesquisador atendeu às pendências apresentadas no parecer anterior.

Considerações Finais a critério do CEP:

E de responsabilidade do pesquisador submeter ao CEP semestralmente o relatório de atividades desenvolvidas no projeto e, se for o caso, comunicar ao CEP a ocorrência de eventos adversos graves esperados ou não esperados. Também, ao término da realização da pesquisa, o pesquisador deve submeter ao CEP o relatório final da pesquisa. Os relatórios devem ser submetidos através da Plataforma Brasil, utilizando-se da ferramenta de NOTIFICACAO.

Informações sobre os relatórios parciais e final podem acessadas em <https://cep.ufms.br/relatorios-parciais-e-final/>

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros e Prédio das Pró-Reitorias e Hércules Maymone e 1º andar
Bairro: Pioneiros **CEP:** 70.070-900
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepconep.propp@ufms.br



Continuação do Parecer: 5.511.320

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1857514.pdf	24/05/2022 19:04:49		Aceito
Orçamento	Orcamento.doc	24/05/2022 19:02:24	Isadora Sigarini de Moraes	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.docx	24/05/2022 19:00:33	Isadora Sigarini de Moraes	Aceito
Outros	instrumento_coleta_de_dados.docx	24/05/2022 18:59:00	Isadora Sigarini de Moraes	Aceito
Outros	Carta.docx	24/05/2022 18:56:42	Isadora Sigarini de Moraes	Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_5404017.pdf	24/05/2022 18:55:59	Isadora Sigarini de Moraes	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	24/05/2022 18:53:29	Isadora Sigarini de Moraes	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	24/05/2022 18:53:12	Isadora Sigarini de Moraes	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	27/12/2021 14:55:41	Isadora Sigarini de Moraes	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPO GRANDE, 05 de Julho de 2022

Assinado por:
Fernando César de Carvalho Moraes
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros - Prédio das Pró-Reitorias - Hércules Maymone - 1º andar
Bairro: Pioneiros CEP: 70.070-900
UF: MS Município: CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 Fax: (67)3345-7187 E-mail: cepconep.propp@ufms.br

APÊNDICES

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa intitulada Trajetórias e vivências de prazer e sofrimento de trabalhadores informais na fronteira Brasil-Bolívia. Você precisa decidir se aceita participar ou não. Por favor, não se apresse em tomar a decisão. Leia cuidadosamente o que se segue. Você pode perguntar ou tirar quaisquer dúvidas sobre o estudo comigo, Isadora Sigarini de Moraes, que sou a pesquisadora responsável.

A finalidade deste estudo é compreender as vivências de trabalhadores informais na cidade fronteiriça de Corumbá-MS. Poderão participar deste estudo os trabalhadores informais do aglomerado de comerciantes da Rua Edu Rocha no município de Corumbá.

Os critérios para participar da pesquisa são ter mais de 18 anos, morar na fronteira, realizar o trabalho informal como comerciante na Rua Edu Rocha no município de Corumbá, não possuir registro em carteira de trabalho, ser dono do local ou empregado. Já os critérios de exclusão são não morar na fronteira, realizar trabalho formal com registro em carteira de trabalho, ter menos que 18 anos.

Se concordar em participar desta pesquisa, você será solicitado a responder a um questionário sociodemográfico e a uma entrevista contendo questões sobre como você percebe seu cotidiano e sua trajetória ocupacional, quais as atividades e como é seu processo de trabalho no que se refere aos aspectos da organização do trabalho (como jornada, ritmo de trabalho), às condições materiais (aspectos ambientais) e às relações sociais e profissionais estabelecidas.

As entrevistas serão áudio-gravadas e transcritas na íntegra para posterior análise de conteúdo, para isso você deverá autorizar a gravação no final deste documento. Os áudios serão utilizados somente para coleta de dados e serão ouvidos por mim e por meus orientadores, sendo garantido o sigilo da identidade e armazenamento em lugar seguro.

As entrevistas e questionários aplicados serão marcados com um número de identificação durante a gravação e seu nome não será utilizado, sua identidade será preservada dentro dos padrões de sigilo e confidencialidade. O documento que contém a informação sobre a correspondência entre os números de identificação e os nomes permanecerá trancado em um arquivo. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, e depois desse período serão destruídos. Se você não quiser ser gravado em áudio, você não poderá participar deste estudo. Antes da aplicação dos instrumentos a pesquisadora apresentará o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, sendo que você deverá assiná-lo e marcar se concorda ou não com a gravação.

Você participará deste estudo somente no momento de responder ao questionário sociodemográfico e da entrevista que serão aplicados juntos, contendo 50 perguntas, ou seja, por cerca de 45 minutos. A entrevista será agendada previamente para que não haja prejuízo em seu dia de trabalho. Será entrevistado um grupo de até 15 pessoas entre homens e mulheres.

O desenvolvimento da pesquisa envolve riscos e/ou desconfortos mínimos previsíveis à sua saúde. Esta pesquisa foi planejada de modo a existir um mínimo de possibilidade de ocorrência de quaisquer danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, tanto durante como após a coleta de dados, sendo que nenhum dos procedimentos adotados oferece risco à sua dignidade.

Mesmo assim, se você se sentir constrangido ou por qualquer outro motivo quiser desistir de participar desta pesquisa poderá fazê-lo a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou coação, mesmo que já tenha dado anteriormente seu consentimento. De nenhuma forma você será identificado, o seu nome não será utilizado ou revelado, pois o questionário é anônimo.

Fica explícita e garantida a indenização por eventuais danos decorrentes da pesquisa. Caso você se sinta de alguma maneira desprestigiado ou em sofrimento por alguma das questões formuladas, vamos encaminhar e acompanhar ao atendimento gratuito na clínica de psicologia da UFMS - Campus Pantanal.

Você não receberá nenhum benefício específico ou pagamento com a sua participação. É possível que mediante este trabalho, consigamos colaborar com conhecimento em saúde do trabalhador fronteiriço (aspectos e impactos biopsicossociais) para o observatório da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) - Campus Pantanal e para o município fronteiriço de Corumbá – MS, práticas e reflexões que visem promover a saúde mental de trabalhadores informais em região de fronteira.

Não existem quaisquer tipos de remuneração. A participação é voluntária. Se você concordar em participar do estudo, seu nome e identidade serão mantidos em sigilo. A menos que requerido por lei, somente os responsáveis do estudo terão acesso a suas informações. De qualquer forma, o questionário é anônimo. Não será possível identificar o respondente.

Você poderá saber o resultado da pesquisa a partir de contato com a pesquisadora, também dúvidas, problemas ou danos referentes ao estudo poderão ser reportados à pesquisadora Isadora Sigarini de Moraes, no e-mail: isadorasigarini@gmail.com, no telefone e WhatsApp +55 (67) 99839-2210, ou endereço Av. Rio Branco, 1270, Bairro Universitário, Corumbá, Cep. 79304-020.

Para perguntar sobre seus direitos como participante no estudo chame o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS (CEP/UFMS), no seguinte endereço: Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, prédio das Pró-Reitorias 'Hércules Maymone' – 1º andar, CEP: 79070900, Caixa Postal 549. Campo Grande – MS; e-mail: cepconep.propp@ufms.br; telefone: 67-3345- 7187; atendimento ao público: 07:30-11:30 no período matutino e das 13:30 às 17:30 no período vespertino.

O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma, o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Você pode escolher não participar do estudo, ou pode desistir a qualquer momento. Sua participação no estudo é voluntária.

Declaro que li ou alguém leu para mim este formulário e entendi este instrumento de consentimento e todas as minhas dúvidas foram esclarecidas e que sou voluntário a tomar parte neste estudo. Confirmando também que recebi uma cópia desse documento e compreendo que sou livre para me retirar desse estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade. Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade participar desse estudo, permitindo a pesquisadora obter a gravação de voz da minha pessoa para fins de pesquisa científica/educacional e concordo que o material e as informações obtidas relacionadas a mim possam ser publicadas em congressos, palestras, eventos científicos, revistas e/ou periódicos, porém minha identidade deve ser mantida em sigilo.

Nome do participante:_____

Assinatura do participante:_____

Obrigada pela sua colaboração e por merecer sua confiança!

Assinatura da pesquisadora:_____. Data: __/__/__

ISADORA SIGARINI DE MORAES

(Responsável pela pesquisa)

Muito obrigada por participar da pesquisa!

Apêndice B - Questionário Sociodemográfico

Data de aplicação: __/__/__. Nº de identificação do participante: ____

1. Idade: _____ anos.
2. Gênero: () masculino () feminino () outros
3. Estado civil:
4. Escolaridade:
5. Proprietário do estabelecimento: () sim () não
6. Empregado do estabelecimento: () sim () não
7. Você vive só, sem apoio familiar ou social? () sim () não
8. Quantas pessoas moram na sua casa? _____ pessoas
9. Quantas pessoas contribuem para a renda familiar? _____ pessoas
10. Possui alguma outra fonte de renda? () sim () não
11. Você tem filhos? () sim () não. Se sim, quantos? _____ filhos
12. Em quais dias da semana você trabalha? _____
13. Quantas horas por dia você trabalha? _____ horas.
14. Quantas horas por semana você trabalha? _____
15. Quantos empregos você tem? _____
16. Você possui problemas de saúde? () sim () não. Se sim, quais? _____
17. Você fuma? sim () não ().
18. Você bebe? sim () não ().
19. Você abusa de substâncias ilegais? sim () não (). Se sim, quais? _____
20. Você possui horário de descanso? () sim () não. Se sim, quantas horas? _____
21. Já teve carteira assinada? () sim () não. Se sim, por quanto tempo? _____

Apêndice C - Roteiro de entrevista semiestruturada

Condição do trabalho

1. Me conta como é o seu ambiente de trabalho:
2. O que você acha que faria seu local de trabalho ser melhor?
3. Qual a maior dificuldade encontrada no seu trabalho?
4. O que você aponta como desvantagens e vantagens de trabalhar como informal?
5. Você consegue se proteger durante o seu trabalho de doenças e acidentes? E se acontece um acidente/doença de trabalho, como você procura atendimento médico?
6. Para você, como é a diferença entre o trabalhador informal e o formal?

Organização do trabalho

1. Há quanto tempo trabalha de maneira informal e por que começou? Tem relação com seu trabalho anterior?
2. Como é a sua jornada, desde a hora que vai trabalhar e até retornar do trabalho?
3. Quais as regras que você precisa seguir no trabalho?
4. Quais produtos você vende e como é o processo de aquisição deles? Como você faz para não perder as mercadorias e quando perde como a renda é garantida?
5. Você pode me dizer quais as tarefas que realiza, como se sente realizando e se tem alguém que as divide com você? Qual tarefa que mais e a que menos gosta de fazer?
6. Como são realizadas escalas em feriados ou datas especiais?
7. O que você faz para trazer clientes e para vender mais?
8. Você se sente satisfeito e que é reconhecido fazendo o seu trabalho?
9. Você conta com os recursos necessários para executar seu trabalho? O que falta?
10. O que você acha que precisa ter de qualidades para trabalhar de maneira informal?

Relações socioprofissionais

1. Considera que seu rendimento/salário é condizente ao trabalho que realiza? Por quê?
2. Como é sua relação com os outros comerciantes, os colegas vizinhos do estabelecimento?
3. Quais os tipos de aborrecimentos que ocorrem durante seu dia de trabalho?
4. O que você acredita que o faz permanecer trabalhando como informal?
5. O que você espera do seu trabalho?
6. Como é sua relação com seu chefe ou com o seu subordinado?
7. Como você acha que viver na fronteira influencia seu trabalho?

8. Como é o relacionamento com as autoridades brasileiras?

Relação sobre patologia, adoecimento e trabalho

1. Como você se sente no fim de um dia de trabalho?
2. Como é a hora que precisa se arrumar para ir ao trabalho (momento feliz ou pesaroso)?
3. Quais esforços físicos e/ou emocionais que você precisa fazer no seu trabalho?
4. Como o seu trabalho pode produzir ou agravar doenças?
5. O espaço disponível para a realização do trabalho é adequado?
6. Em alguns momentos você precisa controlar as emoções ou disfarçar os sentimentos? Como é isso para você?
7. Quais são os seus sentimentos pelo seu trabalho?

Mau-humor	()sim	()não
Vontade de desistir de tudo	()sim	()não
Tristeza/sofrimento	()sim	()não
Indiferença	()sim	()não
Conflito nas relações pessoais fora do trabalho	()sim	()não
Agressividade	()sim	()não
Impaciência	()sim	()não
Dores no corpo	()sim	()não
Dores de cabeça	()sim	()não
Problemas digestivos	()sim	()não
Distúrbios do sono	()sim	()não
Alterações no apetite	()sim	()não
Medo/Insegurança	()sim	()não
Injustiça	()sim	()não
Discriminação	()sim	()não
Orgulho	()sim	()não
Sobrecarregado	()sim	()não
Autonomia/independência	() sim	() não

Apêndice D - Informativo ao trabalhador informal

EU TENHO ORGULHO DE SER UM TRABALHADOR INFORMAL E MIGRANTE PENDULAR BEM-INFORMADO

É bom estarmos sempre informados sobre a nossa condição de trabalho e de vida na área de fronteira, para que possamos exigir nossos direitos e exercitar nossos deveres! Para isso, vamos juntos, aprender um pouco mais!

Trabalho informal?

- Aquele tipo de serviço em que você precisa obrigatoriamente trabalhar para receber independente de suas condições. Não possui carteira assinada, horas de descanso e nem férias remuneradas. Não consegue se aposentar ou tirar licença médica sem prejuízo no salário. Pouco retorno financeiro, condições que dificultam o acesso à saúde, educação, boa alimentação, e assim diminui a qualidade de vida. (BERNARDINO; ANDRADE, 2015). Possui horários desfavoráveis, jornadas de trabalho exaustivas com expedientes noturnos também, trabalha aos fins de semana, tudo isso associado ao salário insuficiente. (SILVA; BARRETO, F.; BARRETO, T., 2020). Trabalho é realizado em condições muitas vezes insalubres e precárias, com pouca segurança e condições ambientais inadequadas. (PUJOL, 2013).

Movimento pendular?

- É o movimento diário de atravessar o marco de fronteira para outro país a fim de trabalhar, estudar e retornar no fim do dia, pois morar fronteira é visto como oportunidade, já que concede aos moradores da região “uma mobilidade que lhe permite transitar entre as oportunidades econômicas em um país vizinho e a segurança de seu país de origem”. (OLIVEIRA, 2019, p. 50).

Apêndice E - Informativo ao trabalhador do CEREST

EU TENHO ORGULHO DE SER UM TRABALHADOR BEM-INFORMADO QUANTO A INFORMALIDADE E A MIGRAÇÃO PENDULAR EM ÁREA DE FRONTEIRA, BEM COMO AS NECESSIDADES DE SAÚDE DESSA POPULAÇÃO.

Depois de realizada a pesquisa de campo do estudo MIGRANTES PENDULARES E O SOFRIMENTO: TRAJETÓRIAS E VIVÊNCIAS DE TRABALHADORES INFORMAIS NA FRONTEIRA EM CORUMBÁ, MS, BRASIL percebemos a necessidade partir dos dados coletados de dar visibilidade e informação a esses indivíduos que estão à margem da formalidade do trabalho e muitas vezes invisíveis ao poder público.

Já que, segundo Pujol e Gutiérrez (2019), as intervenções na perspectiva do desenvolvimento organizacional, resultam na implementação de estratégias que visam maximizar as capacidades socializadoras dos indivíduos, enfatizando a resposta individual dos trabalhadores aos riscos que vivenciam com base no controle de suas emoções, recursos pessoais e apoios externos para enfrentar as demandas do trabalho.

Assim, este informativo será entregue a cada trabalhador a fim de promover informação a estes indivíduos e pretendendo estruturar e promover o diálogo entre os trabalhadores e o Sistema Único de Saúde (SUS) através do Centros de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST), o que poderá proporcionar um espaço para orientação, promoção e prevenção em saúde do trabalhador, bem como um local de escuta para esses trabalhadores para que ocorra a possibilidade da discussão sobre a organização do trabalho e dos elementos que causam sofrimento visando melhorar a qualidade de vida.

Trabalho informal

A informalidade do trabalho resulta na ruptura com os laços formais de contratação e regulação da força de trabalho, apresentando desta forma um mecanismo similar a condição de precarização, já que as formas de trabalho se tornam desprovidas de direitos. (ANTUNES, 2014).

O trabalho informal é realizado em condições muitas vezes insalubres e precárias, além de baixos salários, pouca segurança e condições ambientais inadequadas. (PUJOL, 2013). Pelas falas apresentadas pelos entrevistados, a maioria relata muitas horas de trabalho e mesmo assim o ganho não é suficiente ou compatível com as despesas. Muitas vezes tem se sensação de não

obter resultado mesmo trabalhando e devido a crise financeira que vivemos hoje os lucros diante dos produtos é ínfimo.

Ainda que o desenvolvimento do trabalho informal seja uma característica histórica dessa região de fronteira devido à realidade burocrática da documentação dos imigrantes, o estabelecimento da informalidade ocorreu de maneira peculiar e hoje o número de imigrantes trabalhando informalmente no município é grande.

Os dados levantados pelo estudo revelam que os trabalhadores estão submetidos a esse tipo de labor há um tempo considerável. Em algumas verbalizações é expressa a baixa expectativa em trocar de emprego, compreendendo o trabalho informal como permanente. O trabalho informal é compreendido como uma função duradoura, percebemos que o sujeito é induzido a se inserir em um trabalho precário em detrimento de não vivenciar o desemprego, aceitar o mínimo.

Devido à ausência de trabalho no mercado formal, por necessidade, muitos optam por aceitar trabalhos precarizados, veem no trabalho informal uma possibilidade de obter renda, mesmo tendo qualificação profissional e experiência de trabalho. Ressalta-se que muitos possuem a consciência de que são explorados, mas acabam aceitando e permanecendo, correndo o risco até de naturalizar o sofrimento que lhes é imposto.

Conforme Vasconcellos (2018), embora muitos se tornem passivos pela exploração advinda do trabalho, também se tornam agentes quando por meio deste sustentam suas famílias. Esta é uma realidade que explicita a precária condição de trabalho que tange o migrante, já que, dentro das dificuldades do trabalho informal, encontram-se os horários desfavoráveis, jornadas de trabalho exaustivas com expedientes noturnos, fins de semana, tudo associado ao salário insuficiente. (SILVA; BARRETO, F.; BARRETO, T., 2020).

A condição de trabalho informal na qual estão inseridos estes cidadãos, segundo Bernardino e Andrade (2015), gera insatisfação e pouco retorno financeiro, condições que dificultam o acesso à saúde, educação, boa alimentação, e assim diminui a qualidade de vida do indivíduo. Portanto, é necessário demarcar o conjunto de fatores e vivências que podem desencadear o sofrimento psíquico e que se fazem presentes na realidade desse cidadão transfronteiriço que faz do trabalho informal o seu sustento, bem como a correlação desses desencadeantes com a área fronteiriça, que envolve também, os aspectos simbólicos da realidade ocupacional que afetam a vivência em geral. (LIMA, 2007).

Escuta Ativa

A escuta é um dispositivo central na psicodinâmica do trabalho e para ser ativa e efetiva, além de identificar o sofrimento do outro, precisa reconhecer o próprio, implicando assim, um duplo movimento. Necessita-se também tomar em conta o conjunto dos atravessamentos que podem afetar esse processo e aqui vamos considerar o contexto situacional, analisando o espaço, o tempo, as condições e os limites de possibilidades presentes no contexto do trabalho do indivíduo. (CARRETEIRO, 2014).

Por isso é preciso uma escuta sensível analisando como todos os fatores atravessam a vida dos trabalhadores e quais tipos de defesas e potencialidades eles encontram para poder continuar trabalhando. A escuta deve ser ativa e efetiva, considerando o poder de agir, tanto dos coletivos, quanto dos trabalhadores nas organizações. A escuta deve estar alerta para poder identificar as barreiras que se constroem e impedem a possibilidade de pensar e questionar, sendo assim, é imperativo distinguir o poder de agir da obrigação de agir.

Morin (1990), esclarece que a escuta não é unicamente do sujeito, mas principalmente do sujeito-trabalhador, e não deve perder de vista a dimensão da atividade que o trabalhador pratica na construção de sua subjetivação. É importante conhecer o fato de que os trabalhadores têm um saber e a escuta do profissional é posta à disposição para se pensar cenários analíticos e de ações. Acredita-se que a análise, implicada com a atividade, possa criar mudanças nas formas de proceder, construir outros posicionamentos e direções na perspectiva do trabalho, podendo transformar ou criar mudanças nas formas de exercer as atividades. A escuta deve estar atenta ao que não se pode ser escutado, bem como notar que estar em ação contínua e não ter tempo para poder pensar no trabalho que realizam, com pressão, cobranças é prejudicial a saúde do indivíduo. (CARRETEIRO, 2014).

Trabalhar e sofrer

“A princípio, portanto, trabalhar é fracassar, trabalhar é sofrer. E a solução é um produto direto do sofrimento no trabalho” (DEJOURS, 2009, p. 51). Se trabalhar é fracassar, isso significa que no trabalho a normalidade supõe a existência de sofrimento. No entanto, a normalidade não implica ausência de sofrimento. Assim, o sofrimento sob esta abordagem, é fruto da organização do trabalho e estará presente, o que diferencia é saber escutar se o sofrimento é patológico ou não, e para tanto é imprescindível em contextos laborais identificar os mecanismos de defesas que podem estar presentes para a manutenção da organização de trabalho, ressaltando que para poder ser escutado não deve ser abstraído das condições organizacionais que o engendraram e sustentam. (CARRETEIRO, 2014).

Segundo a psicodinâmica do trabalho, o sofrimento não pode ser visto fora do contexto em que as atividades de trabalho ocorrem. Diante de todo o exposto, compreender o contemporâneo contexto do trabalho é importante, pois conforme os autores, atualmente se evidencia que os trabalhadores são pensados como máquinas de produção que devem se superar para não serem descartáveis, situações que engendram sofrimentos. A escuta nas situações de trabalho deve simultaneamente considerar o contexto, a organização onde o trabalho ocorre, as defesas coletivas e a capacidade de agir dos trabalhadores. (CARRETEIRO, 2014).

Movimento pendular em fronteira

Movimento pendular diário em que os indivíduos atravessam o marco de fronteira para outro país a fim de trabalhar, estudar e retornar no fim do dia. Essa mobilidade de migração de contato, já que as pessoas cruzam a linha de fronteira, mas dificilmente se interiorizam nos países têm um caráter específico e demonstra a interação entre a população fronteiriça e assim é criada uma área fronteiriça, onde atividades e características de um território e de outro formam uma mistura. (PÊGO *et al.*, 2021).

A existência de movimentos pendulares internacionais em fronteira é uma das manifestações mais importantes nas dinâmicas fronteiriças, e das que possui condições mais precarizadas também. Porém, as formas como foram construídos esses movimentos ainda carecem de estudos. A fronteira é tida como oportunidade visto que concede a esses indivíduos e tantos outros moradores da região a possibilidade do movimento pendular, aspecto relevante nessa condição migratória, “pois propicia uma mobilidade que lhe permite transitar entre as oportunidades econômicas em um país vizinho e a segurança de seu país de origem”. (OLIVEIRA, 2019, p. 50).